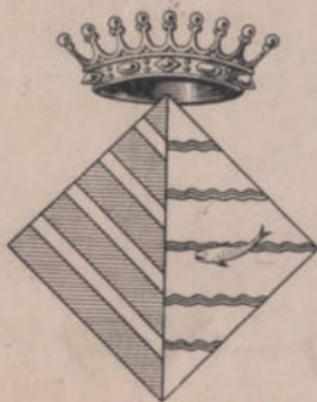


A última Condessa

de Atouguia

(Memórias Autobiographicas)



Prefacio, Introducção e notas

do P. Valerio A. Cordeiro

(2.<sup>a</sup> edição)

1917

M. G. L  
28671

DO MESMO AUTOR

Vida do Ven. P. D. Gonçalo da Silveira  
— 1908

A Bemaventurada Joanna d'Arc  
— 1909

**A ULTIMA CONDESSA DE ATOUGUA**  
(MEMORIAS AUTOBIOGRAPHICAS)

P. Mathias Ricci S. J. publicação com  
— 1910

Epistola de S. Paulo — Separata da Britania  
— 1912

Santa Cecilia — Vigem e Martyr  
— 1916

A. G.  
28671/1

## Do mesmo auctor

---

**Vida do Ven. P. D. Gonçalo da Silveira,**  
protomartyr da Africa do Sul—*Roma*  
—1908.

**A Bemaventurada Joanna d'Arc**—nume-  
ro commemorativo da sua beatificação  
—*Echos de Roma*—1909.

**Elog'um Patris Dominici Palmieri e S. J.**  
—*Roma*—*Univers. Gregor.* 1909.

**P. Matheus Ricci S. I,** publicação comme-  
morativa do terceiro centenario da sua  
morte—*Roma*—*Voghera.* 1910.

**Lichens de Setubal**—Separata da Brotéria  
—*Braga*—1915.

**Santa Cecilia.**—Virgem e martyr romana  
—estudo historico, archeologico e artis-  
tico — *Porto* — Magalhães & Moniz —  
1916.



# Memorias da ultima Condessa de Atouguia

*Manuscrito autobiographico inedito*

*com um estudo preliminar do*

**F. Valerio A. Gordeiro**

(SEGUNDA EDIÇÃO)

On a dit: 'Une monographie n'est utile que quand elle épuise le sujet'; mais il est très légitime de faire un travail provisoire avec les documents dont on dispose, même quand on a des raisons de croire qu' il en existe d'autres, à condition toutefois d'avertir précisément avec quels documents le travail a été fait..... La sobriété est de rigueur; tout étalage d'érudition, dont l'économie aurait pu être réalisée sans inconvénients, est odieux.

*Langlois-Seignobos, INTROD. AUX ETUDES HISTORIQUES, Cap. V, pg. 265, b; Paris, 1897.*

© 1917 © © © © © © © © ©  
Composto e impresso nas officinas  
© © do P. Villela & Irmão © ©  
© Rua dos Martyres da Republica, ©  
© 83-91 © © © © © BRAGA ©

COMPRA

*H. A.*  
28671  
R. 159916

*Imprimi potest*

ANT. PINTO, S. J.

*Praepositus Provinciae  
Lusitanae*

*Nihil obstat*

A. S.

*Imprimatur*

EMMANUEL, ARCHIEPISCOPUS  
BRACAREN.

# CONTEUDO DESTE LIVRO

---

- I. PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO.
- II. INTRODUCÇÃO. Origem e historia do codice; sua descripção, autenticidade e genuinidade; data em que foi escrito. Traços biographicos da auctora. Materia sobre que versa: direcção espiritual dada por Malagrida á Condessa de Atouguia. O que é direcção espiritual, suas modalidades dentro da Egreja catholica. Direcção e ascetica da Companhia de Jesus. O P. Gabriel Malagrida como director espiritual da Condessa de Atouguia. Fructos desta direcção. Agradecimento.
- III. MEMORIAS AUTOBIOGRAPHICAS. Texto integral do codice. *As poucas palavras que pareceu necessario suprir, estão encerradas em parenthesis quadrado. Em italico vão as phrases que faltam no codice, mas veem na copia que possui o Snr. Conde de Bertiandos.*
- IV. INDICE ONOMASTICO das pessoas principaes nomeadas nas memorias.

A. M. D. G.

# CONTENIDO DE ESTE LIBRO

- I. PRELUDIO DE SEGUNDA EDICIÓN
- II. INTRODUCCIÓN. Origen e historia de los codices y sus descripciones. Autores y editores. Descripción del libro en que se encuentra. Fragmentos de algunos de los autores. Materiales que se ven en el directorio espiritual de la Compañía de Jesús. O. P. Gabriel Malagrida como director espiritual de la Compañía de Jesús. Fragmentos de los directores. Agradecimiento.
- III. MEMORIAS AUTOBIOGRÁFICAS. Texto de este de los codices de los autores que se ven en el directorio espiritual. Este directorio en particular. En el libro de los autores que se ven en el directorio espiritual. O. P. Gabriel Malagrida como director espiritual de la Compañía de Jesús. Fragmentos de los directores. Agradecimiento.
- IV. ANEXO. ANEXO DE LOS AUTORES PRINCIPALES

## PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

A primeira edição d'este livro, distribuída nos ultimos dias de Setembro de 1916, encontrou no publico e na imprensa portugueza (1) um acolhimento que o auctor estava longe de esperar. Basta dizer

(1) Chegaram ao meu conhecimento as seguintes recensões da imprensa portugueza. Vão por ordem de data; seguem os nomes que as firmam.

15 de Out. de 1916—Diario Nacional—Snr. Alfredo Pimenta.

18 de " " " —Echos do Minho — Snr. Ribeiro Coelho.

25 de " " " —Liberdade—Dr. Francisco Velloso

27 de " " " —Legionario (Braga)—Snr. Avelino T. de Andrade.

28 de " " " —Nação—D. José Manuel de Noronha.

que em dois mēses a edição estava exgotada. Amigos e conhecidos aconselhavam-me a reimprimi-lo e a difficuldade do editor, que mais paralyza o publicista portuguez, desapparecia com o amavel offerecimento do benemerito promotor da imprensa catholica em Portugal o Snr. Joaquim Antonio Pereira Villela. Mas fazer uma simples reimpressão, embora fosse commodo, não era o melhor modo de corresponder á benevolencia manifestada de tantas maneiras, nos jornaes e cartas particulares, enviadas ao auctor. Procurou-se pois dar a esta edição todos os melhoramentos compativeis com as circun-

—Novembro » —Brotéria—P.\* Joaquim da Silva Tavares.

16 de » » » —Imparcial—*não vem assignado.*

25 de » » » —llustração Portuguesa « «

3 de Dezembro » —Ordem (Porto)—Snr. Nestor Serafim Gomes, Abbade de Massarelos.

—Dezembro—Revista de Historia—Snr. Edgar Prestage.

8 de Fevereiro de 1917—Liberdade—Snr. Joaquim Leitão.

Alem disto o Snr. Franco Monteiro, na Nação e o Snr. Joaquim Leitão na Liberdade fizeram honrosas allusões ao livro. A todos agradeço reconhecido as apreciações, tão lisonjeiras para mim, com que foi acolhido o despretençioso trabalho. Registo aqui a unanimidade com que todos reconheceram o valor historico e psycologico do *codice* publicado.

stancias dos tempos. (1) A introducção foi refundida, corrigiram-se algumas inexactidões, aperfeioou-se a linguagem, e sobretudo augmentaram-se as noticias historicas sobre a desditada Condessa de Atouguia e seu director espiritual. Ao Snr. Conde de Bertiandos agradeço as noticias que com tantas fadigas me proporcionou, bem como o penoso trabalho que teve em conferir o meu texto com o da copia que possui, o que me permittiu aclarar algumas passagens das memorias, e juntar algumas linhas que as veem completar.

Assim, o que hoje se apresenta ao pu-

---

(1) Assim por exemplo, corrigiu-se um lapso da nota á pg. XVI da 1.ª ed.; aclarou-se o pensamento sobre a origem do poder, explicou-se o alcance dos prognosticos de Malagrida. No proprio codice alem das correccões e acrescentamentos provindos da confrontação com o manuscrito Bertiandos, uma collação mais apurada fez interpretar melhor alguma palavra, v. g. *trianno* em vez do moderno *triennio* (cfr. Dicc. de Cand. de Figueirêdo), *Nocellinas*, que nada significa, em *Ursulinas*, e precisar mais a pontuação. Ao Snr. J. de Moraes agradeço o auxilio prestado. Seja-me licito tambem archivar os meus agradecimentos ao meu antigo condiscipulo P. João Ferreira Fontes pelas observações amigaveis que fez sobre o trabalho, observações que foram quasi todas attendidas.

blico é, usando das palavras consagradas, uma verdadeira segunda edição correctá e augmentada.

Oxalá encontre ella a acceitação que teve a primeira, (1) e contribua egualmente a proporcionar algum allivio e coragem ás almas visitadas pelo soffrimento.

Pontevedra, S. Teresa, 8 de fevereiro de 1917.

*O auctor.*

(1) A primeira edição trazia a seguinte dedicatória:

*Le seul bien qui nous reste est le bien qu'on a fait.*

(René Bazin.)

*Aos bemfeitores e bemfeitoras*

*dos*

*Circulos Catholicos Portugueses*

*da Belgica*

*respeitosa homenagem de gratidão*

*do*

*assistente ecclesiastico.*

*Il est dit de Dieu qu' il recueille le bien qui se fait ici-bas avec plus de soin que l'homme des champs ne recueille les épis qu' il a fauchés, et le grain que sur l'aire il sépare d'une paille inutile pour le placer avec honneur dans ses greniers.*

(Monsabré).

## INTRODUÇÃO

---

Ao publicar o manuscrito, até hoje inedito, da Condessa de Atouguia pareceu-me conveniente dizer algumas palavras sobre a sua origem, natureza e auctora, acompanhando-as de breves reflexões destinadas a penetrar-lhe bem o caracter ascetico.

Estando em exercicio do meu ministerio sacerdotal em Coalville (Leicestershire, Inglaterra), um dia a Superiora do Collegio do S. Coração de Jesus (1), a Rev. Madre Virginia Roque, fallou-me num manuscrito velho, que lhe fora offerecido pelo Rev. Joseph Degen, parcho da freguezia. Este sacerdote fez os seus estudos nos Inglesinhos de Lisbôa e foi fundador e primeiro director da revista «*The Lisboniam*» que no dito Seminario ainda se publica. Entre os materiaes que foram fornecidos pelos Directores do estabelecimento (ou o P. Hilton ou o P. Singleton, ambos já fallecidos) estava o manuscrito. Quando, acabados os estudos, voltou para Inglaterra, entre os seus papeis appareceu

---

(1) Hoje transferido para Broomhills, Leicester.

este caderno, que elle offereceu á referida senhora. Da origem anterior nada mais se sabia; julgava-se que o manuscrito era o original. A Rev. Madre Superiora emprestou-me o caderno e quando, depois de o ler rapidamente, lhe mostrei a possibilidade de se fazer um estudo sobre elle, teve a bondade de m'o offerecer.

Tendo voltado de Inglaterra para Hespanha, depois de algumas semanas, comecei a examinar mais attentamente o codice. E' elle escrito com letra bastante legivel, embora um tanto apagada, em um caderno in 4.<sup>o</sup> de papel almaço, sem linhas, numerado em cada pagina, desde 3 até 74. Evidentemente na pagina 74, termina a relação, mas o principio i. é. as 2 primeiras paginas e o frontispicio faltavam. O papel tem marca de agua, visivel por transparencia: « *Bath-1828* ». Não era pois o original, visto a auctora ter certamente morrido antes de 1828. Existiria ainda o original? onde? O mais natural era que estivesse na familia Atouguia. Ora precisamente esta familia extinguiu-se, e hoje a representação do titulo está nos Camaras, Condes da Ribeira, por ter a irmã mais velha do decimo Conde de Atouguia casado com o conde D. Luis da Camara. Sendo-me impossivel proceder pessoalmente ás pesquisas necessarias para isso, pedi á Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Maria Ignês Barahona Caldeira de Azevedo Coutinho o favor de se informar sobre o paradeiro do original. Eis as informações que essa virtuosa senhora me

communicou, completadas pelo Ex.<sup>mo</sup> Snr. Conde de Bertandos: «O original do manuscripto existe ou esteve nas mãos dos filhos do fallecido Dr. Manuel Bento de Souza. Foi a Condessa de Murça (1), que educou o Dr. Souza, quem lh'o deu. O Snr. Conde de Bertandos tem uma copia tirada desse exemplar». «A copia, escreve o Snr. Conde numa carta, foi tirada de um que me emprestou o fallecido medico Dr. Manuel Bento de Souza e que pertenceu, segundo elle me disse, á Marquesa de Abrantes, D. Maria. Não posso affirmar se esse manuscripto era o original ou já copia. O manuscripto do Dr. Manoel Bento não me parece que tivesse frontispicio, aliás teria sido copiado pela pessoa a quem pedi me tirasse a copia que possuo». Até aqui o Snr. Conde de Bertandos que juntamente com esta carta me enviava copia das duas primeiras paginas que faltam no exemplar que possuo, e varias phrases soltas que me permittem afiançar a fidelidade do texto que publico. (2)

A Marquesa de Abrantes, D. Maria, mãe do 4.<sup>o</sup> marquês, partidario e valido do Snr. D. Miguel de Bragança, era filha dos Marquesses de Ponte de Lima. Seu marido, o 3.<sup>o</sup> marquês de Abrantes D. Pedro, falleceu em 1828. Portanto não parece

---

(1) Era filha dos quartos marqueses de Abrantes.

(2) Nesta segunda edição os dois textos foram confrontados, como levo dito no prefacio.

que será demasiado conjecturar que o original que procuramos seja o que pertenceu á Marquesa D. Maria, filha dum dos Ministros mais celebres da Rainha D. Maria I, e pessoa muito das relações da auctora do manuscrito. Ora como a copia do Sr. Conde de Bertandos é tirada desse original ou dum derivado do mesmo, e a minha perfeitamente conforme com ella, bem podemos estar tranquilllos sobre a autenticidade e genuinidade do texto.

A leitura do manuscrito confirma, a meu ver, esta conclusão, a saber, de ser elle uma copia. A uniformidade monotona da calligraphia, a incoherencia orthographica que chega ao ponto de escrever de sete modos diversos a palavra *sequestro* (socresto, soquesto, secresto, soquestro, etc.) mostram-nos talvez que elle foi escrito a ditado, por pessoa não muito perita em letras.

Algumas dessas incoherencias procurei eliminá-las, pois não sendo o texto, *quanto á orthographia*, da mão da auctora nenhum interesse philologico podia apresentar uma reedição de erros e enganlos do copista. Se um dia apparecessê o original, então, certamente, valeria publicá-lo em edição critica.

Quanto ao conteudo do manuscrito, basta lê-lo para nos capacitarmos da sua autenticidade. O estilo é simples, natural, com incisos intercalados, proprios de quem não tem pretensões litterarias. Todo elle respira a mansidão christã da

pobre victima de Pombal. As minucias a que desce sobre o governo intimo da familia, doenças dos filhos, circumstancias dos seus innocentes paes, marido e irmãos no dia do attentado contra D. José, tudo radica no leitor a convicção da genuinidade. Aquelle seu uso de ligar, á maneira dos Evangelistas, com a conjuncção e os mais diversos factos e de introduzir constantemente o discurso directo, revelam-nos a candura da alma da infeliz auctora. Demais todas as datas, nomes, logares, são confirmados por outras fontes que já são do dominio publico.

Notavel importancia tem este escrito, quer o consideremos pelo lado historico (1), quer pelo ascetico. O primeiro, como alheio á minha competencia, não o toco senão levemente. Contudo quantas luzes e dados particulares sobre o terremoto, attentado contra D. José, vida da familia dos Tavoras etc.! Mas o character do manuscrito, como dizem as linhas com que principia, é sobre-

---

(1) «Estas *Memorias* escriptas num estylo singelo, vem enriquecer a literatura portuguesa, pobrissima no genero autobiographico: impõem-se pela sua evidente sinceridade e revelam uma mulher superior pela fé, pela fortaleza, pelo sentimento do dever e pela intelligencia. Ministram informações sobre o terremoto de 1755 e dão um quadro encantador do viver duma das familias mais fidalgas do seculo XVIII, em que ao par das virtudes christãs, resplandeciam as virtudes civicas, união natural, pois aquellas inspiram estas.»

(Edgar Prestage—*Rev. da Historia* n.º 19-1916—pg. 287.)

tudo ascetico. E' uma exposiçãõ da direcção es-  
piritual que deu á Condessa o P. Malagrida, escrita  
por ordem dum dos seus confessores posteriores.  
Esta ultima circumstancia, seja observado de  
passagem, dá uma nova garantia da fidelidade do  
do que nelle se relata. Essa sinceridade, essa  
abertura da alma é que mais me enlevou, e mo-  
veu a occupar-me delle.

Embora o manuscrito não seja datado, ha  
contudo nelle phrases que nos permitem fixar  
com certa precisão o tempo em que foi exarado.  
Quatro expressões nos servirão para este cóm-  
puto.

A primeira é dar a Sebastião José de Car-  
valho, uma só vez (pois das outras chama-o  
simplesmente *Sebastião José*) o titulo de Marquês  
de Pombal. Carvalho recebeu o condado (1) de-  
pois da chacina da fidalguia portuguesa, em 1759,  
e só foi elevado ao Marquesado em 1770. Por-  
tanto o escrito é posterior a esse anno.

---

(1) Pinheiro Chagas (Hist. de Portugal. Vol. VI pg. 549,  
b.) dá a entender que este titulo foi premio ou «*preço de san-  
gue*» derramado no cadafalso de Belem. O Snr. Conde de  
Samodães no seu precioso estudo *O Marquez de Pombal*,  
fallando deste facto diz: «Sebastião José . . . . . preferiu  
adornar-se com esta vaidade humana esclarecendo-a com a  
luz funeraria dos patibulos de 13 janeiro de 1759, e festejan-  
do-a com o concerto lugubre dos gemidos das victimas e dos  
lamentos pavorosos do duque de Aveiro, morto ás panca-  
das . . . .» (c. v. p. 127).

Uma phrase da Condessa (pg. 53 do codice) fallando da ida ao paço, do Marquês, seu pae, diz que «achou de serviço o Visconde de Ponte de Lima, pae do Visconde hoje secretario de Estado». Este visconde secretario de Estado é o Visconde de Villa Nova de Cerveira, elevado a marquês de Ponte de Lima em 1790. Como a sua nomeação definitiva para o cargo de secretario foi depois da morte do Marquês de Angeja, i. é. em 1778, temos mais uma limitação do tempo em que foi escrita a nossa relação, a saber, depois de 1778. Lembro aqui que a conjecturada possuidora do original, a Marquesa de Abrantes, D. Maria, era filha deste estadista.

Finalmente fallando a Condessa dum voto ou offercimento que fez a Deus, em 1758, escreve assim: «e em tantos annos que se teem passado que penso excederão uns vinte e seis etc.» (pg. 47 do codice). Ora 1758 mais 26 dão 1784, limite aproximado *antes do qual* não podia ser escrita a narração. Digo aproximado, porque o que adeante segue obriga-nos a julgar que estes *uns vinte e seis* não podiam ser mais de 25 annos.

Outra expressão do manuscrito permite-nos fixar o limite *depois do qual* não poderia ser exarado. E' logo na primeira pagina onde falla do seu primeiro confessor e director «Frei Lourenço, hoje bispo do Algarve». Trata-se aqui de D. Fr. Lourenço de S. Maria, transferido da Archidiocese de Gôa para o bispado do Algarve

em 1752; morreu em 1783 (1). Logo o manuscrito é anterior a esta morte.

Podemos por tanto marcar o anno de 1783 como tempo aproximado dentro do qual foi escrita a nossa relação.

Assentada assim a data do manuscrito, digamos algo sobre a auctora.

A Condessa de Atouguia, D. Marianna Bernarda de Tavora, filha dos marqueses de Tavora, nasceu em 1722. Em 2 de Dezembro de 1747 casou com o 11.<sup>o</sup> Conde de Atouguia. Filha dos Vice-Reis da India, nora do Vice-Rei do Brasil (2),

---

(1) Cardeal Saraiva, Obras Completas, t. I, pg. 221, n. 51.

(2) Da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza (tomo IX, l. VIII, pg. 466) extráio o seguinte acêrca do sogro da Condessa e dos titulos da casa Atouguia.

«21. D. Luiz de Ataide—nasceu a 16 de Setembro do anno de 1700—X Conde de Atouguia, Senhor das Villas de Peniche, Atouguia, Sernache dos Alhos, Vinhaes, Villarseco de Lomba e seus direitos reaes, Monforte, Passo, Villa de Carvalho, Sercosa, Tondella, Velloso e do Logar e casa de Serra d'El Rey e dos direitos reaes dos Celleiros de Besteiros e Lafoens, fóros de Pena Joia e das jugadas dos Vinhos da Gollegã, Ulme e Chamusca, Donatario do Lizeirão da Malveira, Alcaide-mór de Atouguia, Peniche e Villarseco da Lomba, Administrador da Albergaria da Villa de Carvalho, Senhor dos Morgados de Porto de Carne, Cobra, Salgueiro, Seira, Sernache, Arco de D. Francisco em Lisboa e do da Ponte no termo de Almada, e dos Padroados das Igrejas de Carvalho, Velloso no termo de Sernache, alternativa com o Cabido de Coimbra, Padroeiro da Capella mór de S. Francisco de Xa-

ligada por parentesco com a mais alta nobreza do reino, como os Angejas, Obidos, Ribeiras, Ca-

bregas e do Convento de S. Bernardino, Commendador das Commendas de Santa Maria de Adufe, de Villa Nova de Rodão e Castello Novo no bispado da Guarda, na ordem de Christo, e de Santa Maria de Olivença na de Aviz, Governador hereditario da Praça de Peniche, e Governadôr e Capitão General do Reino do Algarve, nomeado a 16 de Maio de 1741.

Casou em 30 de Janeiro de 1720 com D. Clara de Assiz Mascarenhas, que falleceu a 15 de Agosto de 1733, filha de D. Fernando de Mascarenhas, II Conde de Obidos, Meirinho mór de Portugal etc. e de D. Brites de Mascarenhas, Condessa de Sabugal e Palma, etc. de quem teve um filho unico, D. Jeronymo de Ataide, que nasceu a 14 de Junho de 1721 e está concertado a casar com D. Marianna de Tavora, filha dos terceiros Marquezes de Tavora».

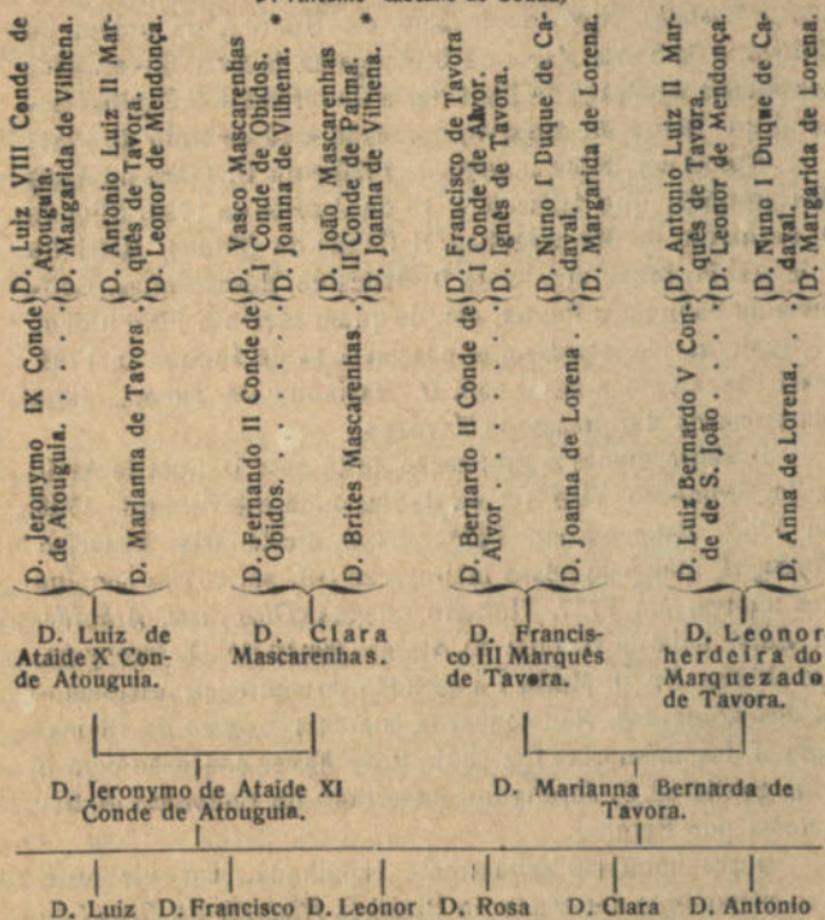
Posteriormente á publicação desta nota D. Luiz de Ataide foi nomeado Vice-Rei da Bahia, onde esteve desde 1749 até 1755. Falleceu em 1758, diz o dictionario historico *Portugal*, mas pelo nosso manuscrito (Cf. pg. 25) se conclue que morreu em 1757. Pinheiro Chagas (*Dicc., art. Athaide, D. Luis*) falla de D. Luis de Ataide, irmão de D. Jeronymo, que obteve de D. Maria I a certidão da sentença justificatoria dos Atouguias. Não concorda isto com o *unico* da Genealogia e das memorias (pg. 20). Deve haver confusão com o primogenito de D. Jeronymo, encerrado no Convento de Rilhafoles por Pombal.

Outra confusão igualmente espalhada, por vir num livro justamente apreciado no Brasil (a *Historia do Brasil* do R. P. Galanti S. J.) é do X Conde de Atouguia com o seu filho D. Jeronymo. Este ultimo e não o pae, como diz o referido livro (t. III n.º 145, pg. 257), foi suppliciado por Pombal. O pae que foi Vice-Rei da Bahia morrera ao menos um anno antes do attentado regio.

davaes, Aveiros, Alornas, Vilhenas etc. bem se pode considerar como uma das figuras mais bri-

*Fragmento da genealogia da casa dos Atouguias*

(Das Memorias Historicas e Genealogicas dos Grandes de Portugal, por D. Antonio Caetano de Souza)



As armas desta Casa são quatro bandas de prata em campo azul; por timbre uma onça azul, banhada de prata, em acção de saltar; são as da familia Ataide.

\* A Condessa de Obidos D. Joanna de Vilhena era filha do Conde de Santa Cruz, D. João Mascarenhas; a outra D. Joanna de Vilhena, Condessa da Palma era filha de D. Francisco Mascarenhas (Mem. dos grandes, pg. 437). Eram duas senhoras com o mesmo nome, caso muito vulgar. *Carta do Snr. Cons. Ans. Braamcamp Freire.*

lhantes da sociedade do seu tempo. Camillo Castello Branco, no Perfil do Marquez de Pombal, pg. 23, a proposito do celebre torneio de 1738 promovido pelo Visconde de Villa Nova de Cerveira, enumera, entre o que elle chama «a constellação mais brilhantê» da assistencia, a Marquesa de Tavora e as suas filhas D. Marianna (de quem fallamos) e D. Leonor (futura Marquesa de Alorna) e na pg. 4 cita o P. Theodoro de Almeida, oratoriano, que no seu poema *Lisbôa Destruida*, publicado em 1803, na vinhêta do Canto III traz o retrato das Marquesas de Tavora e da Condessa de Atouguia das quaes diz:

Neste ponto avistaram de repente  
Junto a si *tres Matronas mui formosas.*

Belleza, instrucção, riqueza, nada faltava para fazer de D. Marianna a senhora de maior destaque da aristocracia lisboêta e contudo, altos designios de Deus!, foi uma existencia aos olhos dos homens, malograda. Do seu matrimonio teve seis filhos: D. Luis, D. Francisco, D. Leonor (e destes três falla D. Antonio C. de Souza nas Memorias Hist. e Geneal. dos Grandes de Portugal, MDCCLV), D. Rosa (fallecida antes do supplicio do pae), D. Clara e D. Antonio. Quando o Conde foi executado por Pombal, o mais velho contava dez annos e o mais novo apenas 16 mezes. A Condessa fora tambem abrangida na sentença

iniqua de 12 de Janeiro de 1759, prêsa um mês antes, primeiro na sua casa, e mais tarde encerrada no Convento das Capuchinas de Sacavem (1).

Noto aqui o engano do Snr. Conde de Samodães, Pinheiro Chagas, Camillo (2) etc. que a dão como internada num Convento de Marvilla; ella diz expressamente Sacavem, e Gramosa confirma-o (3) Juntamente com a Condessa foram encerradas no mesmo Convento as suas duas filhas e o menino mais novo; os dois outros filhos foram confiados ao cuidado dos Padres de S. Vicente de Paulo, na sua Casa da Missão de Rilhafoles. Vinte e dois annos esteve a infeliz senhora confinada em Sacavem; ahi assistiu á lenta agonia da sua prole, ao menos de parte d'ella. Por decreto de 30 de Junho de 1780 foi proclamada a innocencia de D. Marianna de Tavora, e reintegrada a Condessa em suas honras e liberdades, reparação tardia, pois não impediu a extincção da casa

(1) Mosteiro de N. S.<sup>a</sup> dos Martyres, das religiosas Capuchas da primeira regra de Santa Clara, fundado em 1577 por Miguel de Moura, no sitio onde D. Alfonso Henriques erigira uma ermida para commemorar uma batalha ganha sobre os mouros. Efr. J. B. de Castro, Mappa de Portugal. Vol. III p. 487,8.

(2) O Marquês de Pombal, cap. V. pg. 125; Hist. de Portugal vol. VI pg. 530; Perfil do Marquez, os Tavoras pg. 46

(3) Successos de Portugal, vol. I pg. 169.

dos Atouguias (1). O Snr. Conde de Bertiandos numa carta que me fez o favor de escrever no dia 20 de janeiro de 1917, acrescenta mais alguns interessantes pormenores sobre esta desditada mãe. Com a devida auctorização transcrevo-as para aqui:

«Da Condessa de Atouguia só pude apurar o seguinte: Depois da morte de El-Rei D. José, foi esta senhora restituída á liberdade e ás suas honras;

(1) Nos ineditos de S. Rita Durão, publicados com um extenso prefacio e notas pelo Snr. Arthur Viegas, obra de grande importancia historico-litteraria para o conhecimento da vida accidentada do aventureiro auctor do *Caramuru*, vem o seguinte: «A Condessa de Atouguia, a Marqueza de Alorna e uma filha do duque de Aveiro tambem endoideceram pelo mesmo motivo da conspiração» (pg. 174) Mais adiante (pg. 247) diz: «*Ejus similiter uxor (do marquês de Alorna) apud moniales detinetur ubi et in dementiam incidit et puella cum esset pulcherrima, una repente nocte tota incanuit*». Ora é positivamente falso o facto da loucura como é inverosimil o encarcercimento numa só noite da esposa do Marquês de Alorna. Nem elle, nem a filha Alcipe alludem a um facto tão extraordinario, que certamente mencionariam caso se tivesse dado. (Vide D. Maria Amália Vaz de Carvalho, *A Marquesa de Alorna*. Bol. da Acad. de Sc. de Lisboa Julho, 1912). (Marquês de Alorna, *Prisões da Junqueira* 1837, pg. 89) Eguualmente falso reputo o rumor da loucura da nossa Condessa, affirmada por Durão. Uma doida não pôdia escrever depois de sahir da prisão as memorias que publicamos, nellas encontram-se affirmações bem claras da continuidade ininterrupta do estado normal da mente da auctora. Parece-me, salvo melhor juizo, que em al-

viveu muitos annos, (1) numa quinta no sitio de Chellas (perto de Lisbôa) onde morreu. (2) Está enterrada na Capella de Santa Margarida de Cortona.

guns pontos a narração desse poeta deve ser recebida com certa reserva, como aliás se deprehende das notas eruditas com que o editor vae rectificando aqui e alli as suas inexactidões. Dum modo especial se deve rejeitar a sua versão do attentado regio e da cumplicidade dos Tavoras. Santa Rita neste, como em alguns outros casos, consignou nas suas memorias sem discutir, as versões que então corriam, propaladas pelos contemporaneos; se não houermos de explicar a acrimonia com que falla dos Tavoras por um tal ou qual despeito, que é natural que sentisse, pelo modo como foi tratado por um delles, o bispo de Leiria, D. João Cosme da Cunha (e Tavora).

(1) O palacio dos Atouguias ficava na parte occidente da rua dos Cabides e na oriental da chamada da Boa Viagem, nas immediações da esquina da rua Nova do Almada com o Chiado—Cfr. Julio de Castilho—Lisbôa Antiga—VI pg. 139.

(2) Na resposta a uma consulta minha sobre este ponto o Snr. Cons. Anselmo Braamcamp Freire, cuja auctoridade em assumptos de Genealogia portuguesa é por todos unanimemente reconhecida, escreve assim: «A Condessa de Atouguia foi por decreto de 30 de Junho de 1780, restituída á liberdade e ás suas honras, por nada se ter provado contra ella. Consta da Gazeta de que mando incluso o extracto. Parece porém ter morrido pouco depois, porque no *Almanach de Lisbôa para 1782* não vem ella mencionada entre os titulares então existentes. O *Almanach*, que era publicado pela Academia, é por assim dizer official, e havendo a Condessa sido restituída ás suas honras, parece que não deveria esquecer se ainda vivesse» —Segue a copia do extracto:

Lisbôa 25 de julho—A Rainha N. Senhora, por Decreto

na Igreja dos Capuchinhos Italianos. (1) As suas duas filhas Leonor e Clara foram freiras no Convento de Saccavem, onde estiveram presas com a mãe e com seu irmão Antonio. (Cfr. Codice pg. 69). Alem destes deixaram os Condes os seguintes filhos: D. Luiz, que logo depois da desgraça da familia foi mandado entregar aos Congregados da Missão de S. Vicente de Paulo e dahi foi para o Convento da Trindade, de Lisbôa, onde o obrigaram a professar; mas elle depois da morte de El-Rei, annullou os votos e passando a França em 1807, casou annos depois e teve dois filhos, um dos quaes casou e não sei se teve descendencia,

---

de 30 de junho houve por bem declarar, que na sua Real presença se tinha plenamente mostrado achar-se a Excellençissima Senhora Condeça d'Atouguia inteiramente innocente, e sem a menôr macula de culpa de inconfidencia, por não haver prova alguma, da qual resultasse indício de culpada, podendo ser restituída ás honras, e liberdade, que por Direito, e pelo seu nascimento, e qualidade lhe competem — *Gazeta de Lisbôa* N.º XXX (25 de Julho; 1780) Sinto que as circumstancias não me permittiam verificar pessoalmente a data da morte, que certamente se deve encontrar no registo obituario da freguezia a que pertencia a dita Igreja dos Capuchinhos Italianos.

Em todo o caso, o que levô dito acerca da data em que foram escritas as *Memorias* não permite acceitar o argumento tirado do silencio do Almanach.

(1) O convento fundado por D. João V tinha a denominação de N. Senhora da Porciuncula—Cfr. Fortunato d'Almeida, *Historia da Igreja em Portugal* Vol. III pg. 485.

que em todo o caso deve ter acabado, porque a representação da família passou para os Condes da Ribeira, descendentes de uma irmã do sogro da Condessa de Atouguia. Este D. Luiz veio a morrer em Lisbôa em 1828, pouco mais ou menos. D. Francisco de Atayde e D. Antonio de Atayde morreram em Lisbôa; não sei a data; mas sei que o ultimo dos homens que morreu foi D. Luiz — D. Clara, freira, morreu depois de 1834; D. Leonor morreu antes, segundo me parece. Procurarei ver se descubro mais alguma coisa, ao menos o nome da quinta de Chellas.»

Era a Condessa de Atouguia dum character lhano, affavel e soffrido, bastante instruida não só nas linguas mas também nas bellas artes, sobretudo na musica. Uma verdadeira alma privilegiada a quem Deus chamou á mais alta santidade. A estas boas qualidades reunia o defeito de ser muito escrupulosa de consciencia; defeito que conseguiu dominar com a sua acrisolada humildade.

Todos sabem que no tempo de D. José o absolutismo real alcançara o seu auge. Em nome «da alta e independente soberania que o rei recebe immediatamente de Deus, pela qual manda, quer e decreta aos seus vassallos, de sciencia certa e poder absoluto» commetia Pombal os maiores atropêlos contra a justiça. Esta expressão da soberania «recebida *imediatamente* de Deus,» com que Pombal encabeçava os seus

decretos, pode dar lugar, como effectivamente deu no passado (1), a uma intelligencia erronea da doutrina catholica sobre a transmissão do poder na Sociedade civil.

Todo o poder vem certamente de Deus, como diz S. Paulo (ad Rom. XIII, 1), mas a attribuição do poder a este ou aquelle homem ou familia na Sociedade civil depende d'um facto, que ao menos originariamente é a acceitação tacita ou designação expressa feita pelos membros da Sociedade, pelo povo.

Eis como o preclaro P. Castelein, seguindo a S. Thomaz, Caetano, Suarez, Victoria, Bellarmino, Ledesma, e modernamente Balmes, Taparelli, Costa Rossetti etc. formula a doutrina corrente: «A auctoridade do Principe deriva immediatamente da communitate, e só por este intermedio da vontade divina.» (2)

(1) Refiro-me ao *cesarismo absoluto* concisamente exposto e refutado ainda ha pouco, no Mensageiro do Coração de Jesus (Pg. 347 sg., Junho de 1916) pelo articulista F.

(2) «*L'autorité du prince dérive immédiatement de la communauté, et seulement par cet intermédiaire de la volonté divine. Aussi, n'est-elle pas de droit divin, mais de droit humain.*» (Castelein—Droit naturel, pg. 757.)

«La nostra dottrina combina con la sua (a de Suarez) in quanto riconosce divina l'autorità sociale in astratto; in quanto quest'autorità si deriva nelle persone particolari in forza di qualche fatto che ne costituisce un giusto titolo etc (Taparelli—L'Autorità, articolo da Civiltà Cattolica—pg. 615—anno 1855)

C. Rossetti (Inst. Ett. et Juris Natur., pg. 596) classifica esta sentença como a da Antiguidade Christã. Suarez (Defens. fidei n.º 5), combatendo a doutrina cesarista de Jayme I da Inglaterra, diz que esta solução, que elle appellida *egregium theologiae axioma*, axioma theologico do mais alto valor, é acceite commumente não só pelos theologos, mas tambem pelos jurisperitos. (1)

O proprio Bossuet, sequaz das doutrinas gallicanas, que neste ponto defendiam o *cesarismo*, confessa claramente, que mesmo nas monarchias absolutas, o poder dos reis na sua origem não é independente do consentimento dos povos. «Os reis, diz elle, estabelecem-se ou por consentimento dos povos ou pelas armas. Estes imperios embora violentos, injustos e tyrannicos, com o andar dos tempos e pelo consentimento dos povos, podem tornar-se legitimos. (*Politique tirée de l'Écriture Sainte. l. 2. a. 1.*)

---

(1) *Est ergo hæc humana institutio, quia per homines immediate datur potestas regibus, quorum dignitas per illam institutionem creata est. Mediate autem dicitur Deus dare hanc potestatem regibus, tum quia immediate dedit illam populo, qui in regem illam transtulit, tum quia Deus huic etiam translationi proxime a populo factae consentit et cooperatur tanquam prima et universalis causa, tum denique quia illam approbat et servari vult.*

(Suarez, l. c. n.º 13—apud Costa Rossetti—O. C. pg. 597)

Desvirtuada esta noção, as ideias desse tempo induziam a considerar a pessoa do rei como impecavel, formava-se uma especie de *monarcholatria*, as acções mais infames do soberano eram justificadas, irreprehensíveis. Muitas vezes a pureza do proprio lar domestico dependia do capricho real. E' preciso attender bem a esta circumstancia na apreciação do procedimento da infeliz Condessa, que viveu nesse ambiente. E' certo que o silencio nobre em que deixa as acções do Rei que manchara a honra da familia dos seus paes, a serenidade com que se refere ao monarcha e seu primeiro ministro, se explicam pelo sentimento elevado da dignidade propria, acrisolado pela heroica virtude da mansidão christã, mas nem por isso deixam elles de nos impressionar, a nós que vivemos numa epocha de revolta social, de critica livre de tudo e de todos.

O manuscrito versa sobre a direcção espirital que recebeu do P. Malagrida. Para a entender melhor, convinha dar a conhecer os precedentes da sua vida; é o que faz a auctora, começando a narrar a sua vida desde a idade de quinze annos. Conclue com a sua prisão no Convento de Sacavem, pois tambem desde aquelle dia, com a prisão do P. Malagrida effectuada na mesma epocha, acaba essa direcção. Por isso não me parece provavel que o manuscrito tenha continuação ou segunda parte, como alguém opinou. O fim que a auctora teve em vista não foi tanto escrever uma

autobiographia, como dar a conhecer a influencia que o P. Malagrida exerceu na sua santificação. E este fim obtem-no plenamente nas paginas que deixou escritas.

Como disse no principio desta introducção, o lado por onde desejo encarar o manuscrito é o ascetico. Daqui a conveniencia de lembrar as grandes linhas da ascetica christã, conforme a doutrina da Egreja, e as modalidades proprias da escola ascetica professada por Malagrida. Depois procurar-se-ha ver com o testemunho da propria Condessa, o modo como estes principios foram applicados e os resultados conseguidos. Tudo isto constitue materia bem delicada em que mais que nunca me é necessaria a benevolencia dos raros leitores destas linhas. Comecemos pois por precisar bem o que é a direcção espiritual segundo a doutrina catholica.

A direcção espiritual não é uma conversa sobre diversos assumptos com o confessor, nem se restringe propriamente á mera confissão dos peccados. O perdão dos peccados é o fim primario da confissão, a direcção procura o progresso na virtude; naquella o penitente, muitas vezes desconhecido, deve estar presente, a direcção pode ser dada por carta, e suppõe bem conhecida a pessoa que a recebe. E' pois a direcção a arte de conduzir seguramente a alma no caminho da salvação eterna, da sua santificação e da plena

realização da vontade de Deus com respeito a ella. Vem de Deus, vae, leva para Deus (1).

Assim entendida a direcção espiritual é uma luz, e uma força. Luz para nos conhecermos, para conhecermos a vontade de Deus; força para seguirmos essa vontade apesar das difficuldades que apparecem. S. Francisco de Sales (2) expõe-na assim: «Será para nós um thesoiro de sabedoria nas nossas afflições, tristezas e quedas; servir-nos-ha de remedio para alliviar e consolar os nossos corações nas suas enfermidades espirituaes; guardar-nos-ha do mal, tornar-nos-ha melhores, e quando vier alguma tribulação fará que não succumbamos nella». E' um verdadeiro apoio moral para as difficuldades da vida espiritual.

Assentada assim a esphera da direcção, que é o bem da alma, vê-se que só indirectamente pode attingir os interesses materiaes. Grandes qualidades deve possuir o homem chamado a este officio. «Escolhei-o entre mil, diz Avila, e eu (escreve S. Francisco de Sales) digo que o deveis escolher entre dez mil, pois encontra-se menos do que se pode imaginar quem seja capaz de exercer este officio. E' preciso que o director seja cheio de caridade, sciencia e prudencia. Se qualquer destas falta, ha perigo».

«Meu Deus, diz S. Joanna de Chantal, con-

---

(1) Feige, *La Piété*, le zèle.

(2) *Vida devota*, I, cap. IV.

juro-vos pela verdade e fidelidade das vossas promessas, que me deis para meu guia espiritual um homem que seja verdadeiramente santo e servo Vosso, que me ensine a Vossa vontade em tudo o que Vós de mim quereis, e eu Vos prometto e juro que executarei tudo o que Elle me indicar em Vosso Nome».

Com effeito nem a santidade só, nem a sciencia só, basta para poder dirigir almas; a prudencia e experiencia são dotes imprescindiveis. E' necessario que o director conheça bem o coração humano, o meio social em que vive o dirigido, a força do organismo espiritual da pessoa que dirige.

Esse conhecimento do coração humano é que ha de ganhar a confiança completa do dirigido. Trata-se de abrir voluntaria e livremente o coração a outrem, e, se esse outrem não merecer a nossa confiança absoluta, nunca a abertura do coração será completa, nunca nos moverão as suas palavras, nunca nos persuadirão as razões que nos der. Sem conhecimento do coração não ha confiança, sem confiança não pode existir direcção espiritual.

A' falta de conhecimento do meio social é que se devem attribuir muitos dos erros na direcção das almas. Um religioso inexperiente que não lidasse mais que com a vida interna do seu instituto, inclinar-se-hia a applicar aos seus dirigidos os methodos da formação que apprendeu

no noviciado. Esquecerá assim por certo a missão social a que essas almas são chamadas, desconhecerá a situação verdadeira em que se encontram, os preconceitos, defeitos e virtudes da sociedade em que vivem. A leitura quasi exclusiva de ascetas antigos, embora ensine os principios fundamentaes, não dá ideia completa das necessidades da hora actual. E assim em vez de armar a intelligencia para resistir aos embates da incredulidade, em vez de formar a vontade, fortificando o character, pode haver o perigo de o director se occupar em exercer os seus dirigidos em verdadeiras *coisinhas devotas* que se dissiparão com a primeira lucta.

Pretender guiar todas as almas ao mesmo grau de virtude é um absurdo. E mesmo isto, o grau de virtude, não se mede por um criterio geometrico. Sendo a virtude *força no habito bom*, esta força deve ser maior num character onde ha mais resistencias que noutro que é mais docil e facil, ainda tratando-se dum acto analogo. Assim por exemplo para um character altivo o acto de perdoar uma injuria pode ser *heroico*, e este mesmo acto é simples e facil para quem for manso e submisso. E' portanto absolutamente necessario o conhecimento das forças individuaes do dirigido, o seu diagnostico espiritual: as qualidades e defeitos que possui e o grau de perfeição a que pode tender. O ideal é Christo, o grau de imitação não é o mesmo em todos, nem são identicos os

meios a empregar. Estes meios hão de se ir tomar aos grandes principios da ascetica christã.

Não é a ascetica christã outra coisa senão o exercicio, o esforço para alcançar a perfeição christã. Esta perfeição consiste na união com Deus pelos laços da caridade. «Dois caminhos parallellos, diz o P. Meschler (Jesus, cap. I pg. 4), se offerecem ao christão: o dos mandamentos e o dos conselhos. Ambos conduzem á perfeição, sómente que o segundo vae mais longe. Christo professou a perfeição sem abraçar a vida religiosa, não foi cenobita, embora fosse austero. A verdadeira austeridade não exige macerações extraordinarias, nem o ascetismo consiste num martyrio do espirito e do corpo (1)».

A regra suprema da ascetica assim considerada são o dogma e a moral catholica. Tudo o que está em desacordo com ella é erroneo, a ascetica não se pode separar do Evangelho. E este apresenta como regra da perfeição a observancia dos mandamentos, o cumprimento exacto da vontade de Deus.

Rejeita a hypocrita rigidez dos Phariseus,

---

(1) Il faut écarter comme fausses et sans objet toutes les insinuations tendant a faire consister l' ascetisme en une torture de soi-même, en un martyre de son esprit et de son corps, où à le confondre avec l' esprit religieux. L' ascétique . . . . est quelque chose de bien plus beau et plus élevé . . . . elle est la vie spirituelle pratiquée en tendant à la perfection chrétienne (l. c.).

incita-nos continuamente á fidelidade ao dever, a exemplo de Christo, estimula-nos com a lembrança do premio reservado na outra vida a quem abraçar a Cruz de Christo.

Longe de condemnar ou atenuar as virtudes humanas, puramente naturaes, da lealdade, honestidade, delicadeza, amizade, etc. ella as eleva a uma esphera mais nobre, propondo-lhes como fundamento sobrenatural, como motivo de agir, a Vontade divina.

Três grandes principios nos são propostos : a oração, a abnegação, a incorporação em Christo. A oração ha-de nos unir com Deus e obter as graças necessarias para augmentar essa união; a abnegação ha-de purificar a alma e desarraigá-la do que S. Paulo chama o *homem velho*, para nos revestir de Christo: e este exemplar divino, trazido constantemente diante dos olhos, ha-de contribuir para a nossa incorporação em Christo. «Não basta, diz Lacordaire, para que o mysterio da Redempção produza o seu effeito, que o Verbo Divino, feito nossa carne, tenha soffrido nella a pênna devida aos peccados do mundo. E' preciso que a *unidade* se acabe de estabelecer entre Elle e nós, pela nossa adhesão livre á sua Pessoa, ao seu sacrificio e á sua consanguinidade. E' preciso, consoante a linguagem energica da Igreja, que nós nos *revistamos de Christo* (Gal. III, 27), que nós nos tornemos *membros do seu corpo* (Eph. V, 30), que sejamos radicados e edificados sobre

Elle (Collos. II, 7), que possamos dizer enfim com S. Paulo: *não sou eu que vivo, quem vive em mim é Christo*. Sem esta reciprocidade de união voluntaria e intima entre nós e o Verbo Mediador, a redempção da humanidade permanece estranha a nós e portanto sem fructo (1)». O baptismo, a caridade, o sacrificio são modos de estreitar essa incorporação, que é completada nesta vida pela Eucharistia.

Taes são, expostas summariamente, as linhas geraes do grandioso edificio da perfeição christã; ninguem pode afastar-se dellas sem desfigurar em si a imagem de Christo. Mas assim como sobre um mesmo plano geral podem e de facto surgem sêres com differenciações individuaes ou especificas, assim como as rosas não deixam de ser rosas por divergirem em tamanho, fragancia e côr, assim ha na Igreja modalidades diversas na realização dos principios da ascetica christã. A ascetica dominicana, a ascetica franciscana, a ascetica dos padres jesuitas são todas approvadas pela Igreja, não obstante as suas características differenciaes. Mais ainda. Variando com o andar dos seculos as condições da sociedade, a ascetica, que é professada pelos individuos que viveram em epochas diversas, deve apresentar modificações que, respeitando as linhas fundamentaes, acompanhem as transformações sociaes e se ada-

---

(1) Lacordaire. Conf. 73 de Notre Dame. 1855.

ptem ás necessidades do tempo. Releve-me o leitor a citação extensa com que entendo apoiar o que levo dito.

«A piedade christã, immutavel na sua essencia, não é immutavel nas suas formas externas. Puramente liturgica e symbolica na alta idade media, tornou-se no seculo XIII mais escholastica e doutrinal. Mas logo, sob a influencia dos ordens mendicantes, os cultos affectivos e mysticos da Paixão, Eucharistia, Maria SS.<sup>ma</sup>, sem romper os seus vinculos tradicionaes, liturgicos e dogmaticos, tenderam a desenvolver-se separadamente. Houve exageros que deram azo ás accusações dos innovadores, contra a piedade dos ultimos tempos da idade medieval. Estas devoções, agravadas pela ignorancia, correram risco de se transformar em superstições. O papel dos Jesuitas (e dos outros) foi então defendê-las no que tinham de legitimo, lançar mais luz sobre as suas bases dogmaticas, apresentá-las taes como ellas são, flor viva e fecunda da doutrina; fazer dellas auxiliares da christã e protegê-las contra exagerações compromettedoras (BROU, art. *Jesuites*. Dict. apol. D'Alés).

Deixando de parte os varios systemas de direcção ascetica, já que tratamos duma pessoa determinada, a Condessa de Atouguia, que recebeu uma direcção determinada, a do P. Malagrida, não será fóra de proposito expor a maneira como ella foi e é entendida e praticada pelos membros do Instituto religioso a que este pertenceu.

Toda a doutrina espiritual da Companhia de Jesus, em quanto é característica dessa Ordem religiosa, deriva do livro dos Exercícios Espirituaes de S. Ignacio de Loyola. «O livro dos Exercícios, diz o P. Meschler, é um curso pratico de vida espiritual; forma um tratado completo de vida espiritual e encerra em si todo o nosso ascetismo. Nosso espirito, nosso fim, nossos meios, estão nesse livrinho; é o molde em que foi forjada a Companhia. São elles a escola de guerra donde sahiram os grandes apóstolos da nossa Ordem para ir do Oriente ao Occidente, do Sul ao Septentrião, arrancar ao inferno tantas-nações e reinos e os dar a Christo e á Egreja. Ainda antes da existencia das nossas Constituições, já se instruíam nesta escola os membros da nascente Companhia; e embora espalhados por todo o mundo, combatiam como um só homem, com o mesmo espirito, os mesmos meios, e successo analogo». Donde não será demais affirmar que expor a ascetica dos Exercícios será expor a ascetica dos Jesuitas e portanto o methodo do P. Malagrida, um dos grandes fautores dos Exercícios em Portugal.

O methodo que S. Ignacio de Loyola propõe no seu livro para a santificação humana pode-se reduzir a dois pontos fundamentaes: fortificar a vontade, adaptá-la á vontade de Deus, e dispor-se pela oração e penitencia para receber do Ceu as graças necessarias para a perseverança e progresso. Da primeira á ultima linha do livro ap-

parecem nitidamente estes dois objectivos, a isso devem concorrer todas as forças da alma. A intelligencia discorre nas meditações, considerações e exames sobre os pontos que a memoria evoca e a propria imaginação fixa (pelo que o Santo chama composição do logar); todas estas faculdades mentaes devem mover a vontade para ordenar a vida. Com as luzes da razão e da fé procura-se saber o porquê da nossa existencia. Nas relações da nossa condição de creatura para com o Creador baseia-se a nossa dependencia absoluta de Deus. Esta dependencia, que é a verdadeira humildade christã, exige que a nossa vida seja orientada pelos dictames da lei natural e da lei revelada. Tal orientação é impossivel sem dominio forte das paixões, sem um restabelecimento das ruinas accumuladas na vida passada. Reformam-se essas ruinas que levariam certamente a alma para o castigo eterno, e resolve-se esta devéras a *ordenar* os seus actos. Então, como modelo a copiar em cada um de nós, é nos collocada diante dos olhos a Pessoa de Christo na sua vida humana, desde a infancia até á morte da Cruz. A vida é uma lucta e nós soldados de Christo precisamos de nos persuadir da necessidade do combate para realizar praticamente em nós o ideal proposto. O exemplo move mais que os discursos, por isso é mistér meditar passo a passo os exemplos deixados por Christo. A vida gloriosa de Christo, penhor da gloria que nos está reservada, é outro incentivo

para não esmorecermos na lucta. Corôa a serie de meditações a contemplação *ad obtinendum amorem*, em que S. Ignacio nos expõe as qualidades e motivos de nosso amor para com Deus, amor pratico, sem reservas.

Ao passo que o exercitante se vae adextrando na oração e no dominio da vontade, ensina-se-lhe o methodo dos exames de consciencia diarios, as regras de discernir os diversos movimentos da alma, o modo como ha-de exercer a mortificação externa e interna, a temperança, a caridade para com o proximo etc., e as regras admiraveis de pensar e agir conforme o espirito da Igreja. Santificou-se porventura a alma nesses dez e trinta dias que duraram os exercicios? Seria pueril exigi-lo; mas recebeu um impulso tal, que tratará seria e constantemente da sua santificação. Muitas vezes, depois de um longo desvio, essas ideias profundamente gravadas no espirito, determinarão um regresso tardio para Deus.

Como se vê, nos Exercicios Ignacianos nada apparece das manifestações mysticas de Christo nas almas. E com razão; não ha regras para as merecer, são graças que Deus liberrimamente outorga, quando e como entende.

Ha na vida da Condessa de Atougia alguns factos que parecem pertencer a esta categoria. Como porem, segundo ella propria o confessa, nunca os expoz ao P. Malagrida, não sabemos qual seria o seu juizo, se os tivesse examinado.

De resto são coisas secundarias, que bem podem explicar-se como simples apprehensões que depois se realizaram; podemos pois prescindir delles no estudo da direcção espiritual da Condessa. O leitor que deseje ter alguma breve informação sobre tal ordem de phenomenos pode consultar com fructo os livros do P. A. Poulain: *Les graces de l' oraison* (1) e o *Epitome de Teologia Mistica* (traducção hespanhola do P. J. J. Iglesias, Barcelona, 1909).

Tempo é agora de voivemos os olhos para o director espiritual.

O P. Gabriel Malagrida nasceu em Menaggio, diocese de Como (Italia), aos 18 de Setembro ou 6 de Dezembro de 1689. Foram seus paes, Santiago Malagrida, medico, e Angela Rusca. Eram da classe burguesa e não Condes como diz S. Rita Durão (o. c. pg. 177) (2) Entrou na Companhia de Jesus aos 23 de Outubro de 1711. Em 1721 partia para as Missões do Brasil. Iniciou a pregação no Pará, em 1722, donde foi chamado a S. Luis do Maranhão. Daqui emprehendeu a serie de missões aos Indios Tupinambás e logo aos

---

(1) Este trabalho, verdadeiramente magistral, deveria ser compulsado por todas as pessoas que professam a perfeição Christã. A 6.ª edição foi publicada em 1909 (Paris, Beauchesne), custa 7. 50. Ha traducções em inglês, allemão, hespanhol e italiano.

(2) Terá S. Rita, por distracção, confundindo a cidade de Como, com o *Comes* latino?

Guaranis e Barbados. Em 1735 voltou ao professorado, continuando a exercitar o seu zelo com os escravos negros. Cinco annos depois vem para a Bahia fundar a casa das Ursulinas para educação de donzellas desamparadas. Em 1741 vêmollo em Pernambuco, logo depois na Parahyba, onde organiza um Seminario para meninos. Passados quatro annos regressa para S. Luiz; em 1749 inaugura outro seminario no Pará (1).

---

(1) A ideia que os contemporaneos faziam deste missionario assombroso apparece clara do seguinte trecho duma carta inedita do P. Rogerio Canisio, escrita do Ceará à rainha D. Mariana de Austria, com a data de 22 de Abril de 1847.

«Chamam-lhe (a Malagrida) varão santo e de facto o é; não toma nunca carne nem peixe, nem vinho; é tão parco na comida que só por milagre parece sustentar a vida. No sonno é parcissimo; as noites quasi inteiras passa-as em oração. Já ha quasi 15 annos que percorre as immensas regiões destes sertões sempre a pé e quasi sempre descalço. A um mudo deu falla; uma nau encalhada na areia havia já annos, e que nenhum trabalho e despeza bastára para desencalhar, depois de o Padre dizer missa na mesma nau por essa intenção, foi sublevada pelas aguas do mar e levada ao Oceano. Um cego, por meio de uma Imagem que o Padre traz consigo, recobrou a vista. Expulsou a muitos demonios, construiu 12 Igrejas, levantou dois Recolhimentos: um na Bahia e outro em Guaraziu, perto de Pernambuco. Ha pouco edificou dois seminarios, onde a juventude d'aquí se possa criar na virtude e lettras: um na Bahia e outro na Parahyba, tudo á custa de esmolos voluntarias dos devotos. São extraordinarias as conversões que elle faz. Boa prova disso

Para conseguir a realização dos seus planos de fundar seminarios para meninos e casas de protecção para donzellas veio a Lisbôa em 1750. Foi nessa occasião que pôde assistir a El-Rei D. João V nos ultimos momentos da sua vida. Em junho de 1751 regressava para o Brasil, tendo obtido da Côrte os subsidios que requerera.

«Já me concederam, escrevia o padre na carta de despedida aos seus confrades da Italia, toda a sorte de soccorros e favores, e alem disto me prometteram abundantes esmolas para a criação de novos seminarios». (1)

---

são os 150 amancebados que numa freguezia casou com as proprias concubinas; as outras que não podia casar por causa de impedimentos, mandou-as todas, com grandes despesas para Garazú, levantando para ellas o Recolhimento de que fallei; para que deixassem para sempre o torpe negocio e as offensas a Deus. Não posso deixar de lembrar como antes de tomar sobre si o trabalho apostolico das missões, por lhe parecer que lhe faltava a autoridade, pois tinha um aspecto juvenil e elegante, com a barba e cabellos loiros, pedia a Deus, se fosse do seu divino agrado, lhe dêsse um pouco de autoridade para fazer maiores fructos nas almas. Couza admiravel! De repente a barba embranqueceu e os cabellos puzeram-se prêtos, o que lhe concilia muita veneração».

Todo este trecho foi-me communicado por carta pelo meu particular e querido amigo o sr. Dr. Alberto Lamêgo, escritor brasileiro bem conhecido no mundo das letras. Aqui lhe testemunho o meu profundo reconhecimento.

(1) Butiña—o. c. pg. 251. E' data-la do Collegio de S. Antão, 15 de junho de 1751.

Estava occupado na fundação das suas obras, quando a rainha viuva mostrou vontade de que o P. Malagrida fosse chamado para Lisbôa, em 1754. Depois da morte desta, o padre continuou em Portugal trabalhando sobretudo na organização duma Casa de Exercicios Espirituaes. Só depois do terremoto é que conseguiu mover a gente a assistir aos retiros; (1) até 1756 tinha já prégado 40 turnos em Lisbôa. Desterrado nesse anno para Setubal por Pombal, que mostrara sempre grande antipathia e animosidade contra o velho missionario, continuou alli a obra dos Exercicios, em duas casas que para este fim organizou. Dolorosos golpes vieram então successivamente affligir a sua alma: o attentado regio, a expulsão dos jesuitas confessores da côrte, a nomeação do Cardeal Saldanha para Visitador e

---

(1) A casa de exercicios nada soffreu com o terremoto. Os retiros mensaes eram dados pelo Padre na Capella publica de S. Joaquim, pertencentes a D. Anna de Lorena, camareira mór da Rainha. A elles assistiam o marques de Tavora, a Condessa de Atouguia, e outras damas do paço. Quando Malagrida foi banido para Setubal, substituiu-o na direcção dos Exercicios o P. Diogo da Camara, filho dos Condes da Ribeira. (Butiña.—o. c. C. IV. e IV),

O leitor que deseje informações mais pormenorizadas da vida do P. Malagrida encontrá-las ha nos livros de Mury e Butiña. Este ultimo é curiosissimo; tem porem o inconveniente de nunca citar as fontes donde recolheu as noticias, nem o lugar onde se encontram os documentos, razão porque me abstive de dar mais excerptos seus.

reformador da Companhia, finalmente a prohibição de exercer os ministerios sacros aos jesuitas decretado pelo Cardeal Patriarcha, D. Manuel de Atalaya.

A carta inedita seguinte, escripta de Setubal a um titular do reino, cujo autographo se conserva no archivo da Provincia Portuguêsa S. J. revela a nobresa do coração do santo missionario. Damo-la tal qual, com os italianismos de que está repleta.

« Meu amad<sup>mo</sup> S<sup>or</sup> Conde *et animae plusquam dimidium meae*

Nunca cuidei eu q' o meo juízo do terramoto unicam.<sup>e</sup> com os olhos em Deos, e nas suas escripturas, e no bem e serviço do meo Rey e unico remedio de seos vassallos ovesse de ser tão mal recebido e tão peor julgado. Estou por elle gravemente acusado no tribunal, não da inquisição, mas da Legacia, p<sup>r</sup> proposições escandalosas mal soantes infamativas de capitulos comunidades, etc. Provera Deos que o que apontava, e unicamente porque sei quanto amarga o Coração Divino, não fosse tão publico e notorio. Em fim o R. P<sup>o</sup> Prov<sup>al</sup> me mandou p<sup>a</sup> este Settual.

Huma cousa pretendeo o demonio que hé perturbar-me os exercios tão importantes e indispensaveis nessa Côrte. M<sup>a</sup> S<sup>ma</sup> pretende que lhe faça o importante serviço de restaurar e aperfei-

çoar este Collegio de Ursulinas contra o qual também o mesmo Inimigo descarregou toda a sua infernal bataria. *Sed ictibus non proficientibus, ira.*

Oh meo amad<sup>mo</sup> Conde, não lhe posso explicar que consolação hé sofrer algum ainda que leve trabalho por seo amor; ninguem se pode capacitar quanto sejam doces e saborosos os fruitos da Cruz de Jesus Cr<sup>to</sup> *Vere super abundo omni gaudio*, e tanto assim, que por excesso deste jubilo, lembrando-me do meo amado Conde e que estava para cazar o seo Figlio lhe fiz este como epitlamio *id est* huma serenata ou dramma musico como se costuma na nossa Italia nos Casamentos de familias Principescas não escolhi argm<sup>o</sup> profano mas sagrado p<sup>a</sup> que fosse mais agradável: não hé acabado, porque como na outra 6<sup>a</sup> f<sup>a</sup> passada p<sup>as</sup> 2 horas houve um arranco de terramoto, m<sup>to</sup> forte, que metteo todos em gritos e consternação, mas durou pouco, busquei deste caminho p<sup>a</sup> fazer umas praticas ao Povo, e ainda amanhã hei de pregar, não faltam deseiosos dos exercicios vamos pescando em tantas ruinas hum comodo sufficiente e ainda não o achamos, não tenho tempo p<sup>a</sup> maes. Só Deos sabe q<sup>to</sup> me lembro e amo e rogo continua<sup>te</sup> ao mesmo Sor p<sup>a</sup> V. Exc<sup>a</sup> de quem me digo e confesso

Settual 27 9<sup>bro</sup> 756.

O mais hum<sup>de</sup> e Obr<sup>o</sup> Cr<sup>o</sup>  
Gabriel Malagr<sup>a</sup>»

A 11 de Dezembro de 1758 foi chamado para Lisbôa, sujeito a repetidos interrogatorios, e dois dias antes da execução dos Tavoras, preso nos ergastulos da Junqueira (1). Dois annos de prisão e maus tratos transtornaram o juizo ao decrepito septuagenario, a tal ponto que parece ter escrito alguns trechos duma Vida phantastica de S. Anna, se é que esse livro não foi forjado por ordem de Pombal. Pouco antes da sentença com que o tribunal da Inquisição o condemnou o ser estrangulado e queimado com hereje, num dos seus momentos lucidos fez deante dos juizes a declaração seguinte:

«Se a vida que vivi até aos 72 annos foi

---

(1) O P. Malagrida apesar de ter sido preso como cúmplice no atentado regio, não foi condemnado senão dois annos depois, como hereje, por denuncia feita  *pessoalmente*  por Pombal ao tribunal da Inquisição. O Snr. Jordão de Freitas no seu recente estudo  *O Marquez de Pombal e o Santo officio da Inquisição* , (pag. 25 e seg.) publica o texto original desta denuncia—A sua leitura provoca no espirito um verdadeiro sentimento de repulsão pela hypocrisia da linguagem e insubsistencia manifesta das accusações.

O unico facto em que se procurou basear a cumplicidade foi o ter elle prophetisado a desgraça imminente do rei—prophecia de que falla o nosso manuscrito á pag. 41 do codice. Ora essa predição pode ser explicada pela credulidade do Padre que acceitou facilmente as prophecias do celebre Cocheiro de Leiria, muito espalhadas então em Portugal. A vida austera de Malagrida, as suas meditações e penitencias continuas deviam predispor o espirito a acreditar num casti-

uma simples hypocrisia e impostura, possam os cravos que prendem Nosso Senhor Jesus Christo a esta cruz, transformarem-se em raios de fôgo e reduzir-me a pó». (Cfr. *Mury*. P. Malagrida, trad. de C. C. Branco). Contava 72 annos de idade, 50 de vida religiosa e 40 de serviços a Portugal, quando foi executado. (21 de Setembro de 1761). Clemente XIII quando soube da sua morte exclamou: «A Igreja de Jesus Christo tem mais um martyr».

«Em seu rosto, diz *Mury*, transparencia nma nobre dignidade, lia-se a indole modesta e branda; ordinariamente estava pallido, mas se fallava das coisas de Deus, purpureavam-se-lhe as faces,

---

go proximo de Deus (como tal o annunciava o visionario de Leiria) a uma côrte tão dissoluta e a um governo tão injusto e despotico como era o dessa epocha. Ajunte-se a isso a excitação das imaginações pelo espectáculo das ruinas do terremoto, sedições e desordens que então assolavam o reino.

Nem se pode pôr de parte a hypothese de que um homem da santidade de Malagrida pudesse ter conhecimento sobrenatural das desgraças vindouras e assim procurasse afastá-las por meio duma respiscencia oportuna dos ameaçados; ao menos Pombal, na denuncia attribue ao padre esta explicação. Por fim note-se que o presentimento de Malagrida, communicado na carta escrita a D. Anna de Lorena, camareira mór da Rainha, era duma grande desgraça, sem precisar qual seria. Daqui até o *conhecimento* do attentado vae uma differença enorme. Presentimento e conhecimento são duas coisas bem diversas. Malagrida nos interrogatorios admittiu o primeiro, protestando sempre contra o segundo.

brilhavam-lhe então os olhos com scintillações de extraordinario fulgor». Transparecia pois no exterior a santidade eminente desse missionario benemerito das Terras de Santa Cruz.

«A memoria deste infeliz, nota o Snr. Conde de Samodães (l. c. pg 239) é uma das mais sympathicas a quantos detestam as abominações da tyrannia, que nem tem coração, nem entranhas, nem sentimentos alguns nobres».

No seu viver era austero, muito dado á oração, amigo da rectidão e justiça, não duvidando exprobrar aos grandes da terra os seus desvios. Sciencia theologica, tinha-a muito solida o venerando missionario; experiencia, conhecimento do meio social portuguez não faltava a quem tanto lidava com os próceres da côrte; a sua prudencia apparece claramente nos dictames dados á Condessa. Talvez se lhe possa negar egual prudencia nas relações com Pombal e seus satelites. Mas não se poderá porventura explicar esse modo, por vezes rispido, de os tratar, pela indignação justa que sentia o homem de Deus, (como outr'ora Christo para com a classe pharisaica) quando via os planos tenebrosos, machiavelicos, do astuto perseguidor da Igreja que foi o primeiro ministro que, durante a vida de D. José I, reinou em Portugal?

Com tão excepçionaes qualidades não podia, a direcção espiritual dada pelo P. Malagrida deixar de ser excellente. E' o que vamos ver breve-

mente percorrendo o nosso manuscrito. Mas desde já advirto que não é meu intento afirmar que toda a santificação da Condessa de Atouguia se deve á influencia de Malagrida. Não; D. Marianna Bernarda, que nos ensinamentos maternos recebera uma formação admiravel (1) já desde os 15 annos se sentiu attrahida para o caminho da perfeição; mas, tendo entrado nelle, passado um anno afrouxava; esquecia-se de desenvolver em si mais e mais a vida interior, para insistir sobretudo em algumas praticas louvaveis de vida externa. «Rezava a minha corôa a N. Senhora, mandava dizer 10 missas cada mez pela minha alma, visitava aos sabbados a N. S.<sup>a</sup> da Madre de Deus e dava lá esmola publica aos pobres...ouvia a minha Missa todos os dias (de preceito) e nos outros a ouvia quando não sentisse gosto de cantar em casa alguma aria nova ao cravo». Por estas palavras se vê que nada havia nella que indicasse o cultivo da vida interior christã pelo esforço de aperfeiçoar a união com Deus.

No meio desta santidade, digamos assim, vulgar, não deixava Deus N. Senhor de ir attrahindo de vez em quando essa alma privilegiada para si, ora affligindo-a com escrupulos, ora fazendo-lhe sentir a necessidade de dar de mão a alguns gostos mundanos que tinha. Destes, o

---

(1) Desta educação e influencia materna, ainda depois de casada, falla a Condessa no codice pg 9 e 10.

mais forte era a paixão moderada pelo jogo, e um tal ou qual amor aos enfeites, divertimentos e luxo. Exemplo: a pêna que teve em ver diminuida a sua baixella, o seu «recheio de prata», como ella diz, quando o sôgro partiu para a Bahia. No periodo da vida, que vae até o terremoto de 1755, ha alguns casos que parecem quasi superstições, como é o da fita com a medida de Santo Antonio. Durante esta epocha em nada influuiu o P. Malagrida. Foi só depois do terremoto que um encontro casual os approximou.

Os Tavoras e os Atouguias viviam em barracas na quinta da Condessa da Ribeira, D. Margarida. Esta senhora «vivia muito christãmente, regia a sua casa que parecia um convento, commun-gava muito a miudo e fazia regularmente a sua oração mental». Ora o P. Malagrida veio dar uns exercicios nessa quinta da Junqueira e todos os que lá estavam «que serião algumas trezentas pessôas» ouviram-no. Movidá pela sua doutrina e sobretudo pela sua santidade, a Condessa foi abrir o seu coração ao velho missionario e encontrou desde logo nelle o guia espiritual que precisava. Comprehenderam-se desde o primeiro momento; a Providencia assim approximava duas almas cuja santidade é verdadeiramente acima do vulgar. Logo nessa confissão transparece a firmeza de vistas do Director. Depois de a ouvir, prohibe-lhe repetir a confissão geral, defeito proprio dos escrupulosos, «que nem na hora da morte o fizesse»,

e que «para sarar dos escrupulos seria muito conveniente que commungasse a miudo, e que o fizesse cada oito dias (1)».

Na direcção que o padre Ihe começou a dar vê-se claramente a ideia de desenvolver a vida interior. Um quarto de hora de oração mental, que pouco tempo depois alongou a meia hora, mortificação interna das paixões e affectos, exame sobre o progresso diario, a que S. Ignacio nos Exercicios chama exame particular. «Queria pouco mas bem feito» diz a Condessa, «animava-me muito e me dizia que isto (a santificação) não se fazia de repente e que elle se contentava que cada anno me emmendasse de um defeito e que não desistisse da empreza por pouco habil». Coisa para notar é a prohibição de fazer penitencias corporaes em contrario dos repetidos cilicios, jejuns, etc., que na vida anterior tão facil como imprudentemente praticava (cp. pg. 3). Mais ainda,

---

(1) Nos nossos dias, depois do decreto de 20 de dezembro de 1905, pelo qual a voz auctorizada do saudoso pontifice Pio X dirimiu para sempre as controversias theologicas que davam como resultado afastar os fieis da Mesa Eucharistica tal conselho seria naturalissimo. Mas na epocha de Malagrida, em que um falso respeito, filho das doutrinas jansenistas, tinha feito esquecer a disciplina primitiva da Igreja, a communhão frequente, e pouco depois quasi diaria, aconselhada pelo padre, representa uma verdadeira visao do futuro. De resto, mesmo nos Santos desses tempos aparece vivo esse amor ao SS.<sup>mo</sup> Sacramento do Altar e o desejo de O receber com a maior frequencia possivel.

vendo a angustia que lhe causava o exame de consciencia diario, o padre prohibiu-a de o fazer; excepto um cada semana, por um quarto de hora, para a confissão. Bem entendia Malagrida que a paz da alma era a primeira coisa a obter-se na senda da perfeição.

Em 1756, na vespera do exilio de Malagrida para Setubal, a Condessa e sua mãe, ouviram uns exercicios que prégou ao povo em Lisbôa, no sitio chamado Carreira de Cavallos. Esse degrêdo, tão inesperado como injusto, causou profunda magua á Condessa; mas nem por isso cessou a direcção espiritual que se foi exercendo por meio de cartas: «Alem das cartas particulares, em que me dava as melhores doutrinas, escrevia uma cada mez, que era parecida ás praticas que eu lhe ouvia fazer, porque era uma exhortação para a vida perfeita; esta exhortação era para servir a três pessôas que a liam, que eram: minha mãe, a marquezia de Angeja e eu».

Em Junho de 1757 vae a Condessa a Setubal para fazer os Exercicios Espirituaes na casa fundada por Malagrida. (1) Só depois deste retiro é

---

(1) Os retiros feitos em commum por pessoas de tão diversa categoria não deixam de causar certa impressão, já que a mente do fundador dos Exercicios era que fossem dados isoladamente ou a grupos homogeneos—; assim, reduziam-se a verdadeiras missões. E' o que parece confirmar-se da descripção que delles faz o P. Butiñá, no livro já citado: *Pombal y Malagrida* (Barcelona, 1902) pg. 264-6.

que o Padre lhe concede licença para trazer o cilício três dias na semana, por duas horas, e a aconselha a que trate devêr-as da perfeição elevada a que conhecia claramente ser chamada. «Desde este dia por deante, comecei a ser dirigida formalmente pelo P. Malagrida». A «forma da vida» que elle lhe prescreveu vem descrita na pag. 34 do codice (1). Augmentou o tempo da oração mental; assignou um dia cada mês para um breve recolhimento e exame dos progressos na perfeição e permittiu mais algumas penitencias e jejuns. Exhortava-a, na primeira carta que lhe escreveu, «a uma total entrega a Deus N. Senhor, para tudo quanto Elle quizesse e fosse servido». E' a plena conformidade como a vontade de Deus «sem eu a ter minha em nada». Noto aqui que essa conformidade não significa (como alguns erradamente julgam) a annullação da vontade propria. Orientar a vontade propria conforme a

---

(1) Della (transcrevo o trecho que segue, notavel por caracterisar tão bem o espirito do padre. Vem na pag. 44. O padre «me dizia que me não queria leata de cabeça á banda, que me queria boa por dentro e alegre por fóra, que servisse a Deus com muita alegria. . . . que fizesse a minha oração, mas que se o Conde me chamasse quando estivesse a ella, que a largasse e fosse fazer companhia, para lhe não ser fastidiosa, nem lhe servisse de incommodo a minha devoção, nem tão pouco que perturbasse as horas do seu comer.»

de Deus, não é aniquilá-la, mas sim aperfeiçoá-la, exercê-la da maneira mais elevada possível. E tanto isto é verdade que precisamente no período em que se exercitava nessa virtude apparecem dois factos que revelam um dominio quasi perfeito da vontade. Um é a energia com que a Condessa procede para ir pagando (como com effeito pagou) as dividas do seu recémfallecido sôgro. O outro é a nobreza de sentimentos que mostra para com a ingrata hospeda que recolhera em sua casa (vide pg. 28 do codice).

Ao mesmo tempo a sua alma eleva-se, prescindindo do temor das pênas, para «amar a Deus mais solidamente, por ser quem é». E' tal esse grau de amor que lhe fazia pênna grande a vista dos peccados publicos dos habitantes de Lisbôa, e sentia em si aquella sêde de soffrimento, para reparar os peccados dos outros, propria dos grandes santos. Ou soffrer ou morrer, dizia S. Teresa; *Amplius Domine*, «mais, Senhor» era o grito da alma heroica de S. Francisco Xavier. Essa sêde de soffrer por Jesus, sentimento que o vulgo não pode jamais apreciar, apparece agora claramente na Condessa que «pedia ao Senhor que [lhe] desse muito que padecer porque tudo queria padecer por seu amor».

Estamos no anno de 1758. Pela semana santa a Condessa e sua mãe vão a Arrabida fazer os exercicios annuaes sob a direcção do P. Mala-

grida (1). Escolheram este sitio porque «já naquele tempo era muito manifesto o odio do Ministro de Estado de El-Rei D. José contra a Companhia de Jesus.»

Parece que todos presentiam a desgraça immensa que os esperava. Logo ao se encontrarem, Malagrida diz a D. Marianna «Senhor Condessa, nunca peça a Deus trabalhos, porque somos muito fracos, e quando elles são grandes ás vezes e smorecemos nelles; a regra certa é assistirmos aos que Deus nos dér, quando chegarem, mas nunca pedi-los». E á despedida, quasi propheticamente o velho missionario repetia «Senhora Condessa, Deus tem destinado dar-lhe trabalhos, é preciso estar aparelhada para elles». Como modificação no seu teor de vida, mandou-lhe que meditasse sobre a Paixão de Christo.

Doenças do marido e filho, morte da filhinha Rosa, tudo lhe deu occasião de se ir fortalecendo no soffrimento. E' sublime o pensamento com que ella acompanha a noticia da morte dessa filha: a ideia de ter dado ao Ceu um ser nascido da

---

(1) Este facto não era sufficientemente provado até hoje. O Snr. *Lucio d'Azevedo*, no seu livro *Pombal e a sua epocha* pg. 234 diz assim: «O missionario tinha ido para Setubal em novembro de 1756. De então até Setembro de 1758 nunca a Marquesa (de Tavora) lá foi, nunca elle veio a Lisbôa. O escudeiro d'elle é certo depoz que uma vez fôra sua ama encontrar-se com o jesuita na Serra da Arrabida e que os dois se carteavam....»

sua carne alegrava-a e humilhava-a. O seu estado d'alma depois destes exercicios é duma elevação cada vez maior; «cresceu em mim o amor de Deus com extraordinaria força, chegando a tanto excesso que até perdi o temor das penas da outra vida; desejava fazer tudo por Deus sem premio algum, senão só por ser Deus quem é, summamente bom (1)». Esta disposição de *cari-dade perfeita* leva-a a fazer o acto heroico de oferecer todos os seus meritos para diminuir as penas das almas do Purgatorio, foi diz ella «como ajuste com Deus pela força do impeto de amor para o mesmo Deus». Num coração tão puro não podia deixar de apparecer o zêlo da salvação das almas e sobre tudo o desejo ardente de receber com frequencia a Sagrada Eucharistia. Deu-lhe o padre licença para receber o Pão da alma quatro vezes por semana, insistindo que se exercitasse

---

(1) Piedade tão elevada não impedia a Condessa de ser «extremosa no amor dos filhos» e de tratar delles com singular carinho nas varias doenças que enumera. Como é nobre o pensamento que tão candidamente exprime na pg. 49. Vendo a gentileza dos dois filhos «quando me lembrava que a mesma bôa figura que tinham, depois de homens lhês podia servir de ruina para a sua alma, me sentia traspas-sada de dor, de forma que não obstante o ser extremosa no amor dos filhos, pedia a Nosso Senhor que se eu, depois de crescidos, os havia de ver andar em peccado mortal, que então os levasse para si emquanto pequenos». Lembra o amor materno da grande heroina christã que foi D. Branca de Castella, mãe de S. Luiz, rei de França.

mais e mais na conformidade com a vontade de Deus.

Data desse tempo a carta sobre as calamidades de Job, exarada em 5 folhas *in folio*. Coincidia esse escrito com a prohibição feita aos jesuitas de confessar e prégar. Em 3 de Setembro de 1758 foi o attentado contra D. José—de que falla o manuscrito da pg. 51 por diante—narrando circumstancias, até hoje ineditas, que comprovam a innocencia dos Tavoras e Atouguias. Em quatro de Outubro do mesmo anno tinha a Condessa a visão extraordinaria que descreve na pag. 55. Como nem della, nem de outros factos sobrenaturaes e mysticos deu conta ao padre, não ha porque demorar-me nelles. As ultimas cartas de direcção versam sobre o zelo da salvação das almas «que todas as pessôas de qualidade e estado podiam exercitar», e sobre a «Eleição de estado», que não é outra coisa senão propor ás suas dirigidas o que S. Ignacio chama nos Exercicios as disposições do 3.<sup>o</sup> grau de humildade: «Soffrer com Christo», breve penar para eterno gozar, como diz a Condessa, desejar imitar a Christo o mais perfeitamente possivel.

Em 11 de Dezembro Malagrída foi chamado a Lisbôa e no dia 13 cahia sobre a pobre Condessa de Atouguia a grande prova com que Deus a tornou partcipe da Cruz. Pae, mãe, irmãos, esposo, tios foram successivamente presos, ella egualmente presa, separada dos filhos, e obrigada a

ouvir na prisão a noticia da morte dos seus caros, obrigada a assistir ao desmoronamento completo da sua familia e lar. Provas terriveis que a Condessa narra singelamente no seu diario e se não leem sem que as lagrimas nos venham aos olhos. Aquellas scenas do sequestro, da miseria, da prisão da Condessa, da separação da casa, dos creados, dos filhos, cada uma dellas capaz de abater um animo forte, a Condessa arrosta-as com uma fortaleza e virtude verdadeiramente heroica. O pensamento que a consola na prisão em que foi lançada é a companhia que lá vae ter noite e dia de Christo no SS.<sup>mo</sup> Sacramento do altar. A oração mais intensa, o abandono nos mãos de Deus, e uma serenidade externa admiravel são as mais interessantes da virtude verdadeiramente extraordinaria da Condessa (1).

---

(1) Compare o leitor a descripção serena da condessa com a de S. Rita Durão: «*Comitissa quoque ea tempestate grvida, cum gemina et tenerrima prole a Senatore alio diducta est; atque cum ejalatu omnia replet miserabile illud spectaculum de se praebuit, quod lacrymas a militibus quoque extorsit. Cum enim prope Missionarios S. Vincentii de Paulo currus stetisset, parvae illae proles a Matris amplexu deducendae erant et Missionariis consignandae. Tum illa. «Vos ego, inquit miserrime precor, infelicem transfigite. At verum innocuam saltem prolem commori mecum concedi te». Tum osculis et amplexibus filiis innexa omnia late gemitibus et miserabili clamore replebat. Flebat militum cohors, flebant Missionarii et ipse quoque Regius senator vix sibi a lacrymis temperabat. Atqui instabant Regis decreta; quare*

Para quem se contenta com a virtude ordinaria, a vida da Condessa de Atougua apresenta aspectos que á primeira vista podem causar estranheza. «São heroismos, usando da phrase de Mgr. Lagrange, ou até excessos, que, se nem sempre são imitaveis, nem por isso temos o direito de censurar, visto não chegarmos a os comprehender cabalmente. Deslocados e sem razão de existir numa vida que seria mediocre em tudo o mais, não podem deixar de ser admirados numa vida que em todas as suas manifestações se apresenta tão elevada. O que delles devemos imitar na medida das nossas forças, é o espirito, o prin-

---

*vim quoque adhibere oportuit, ut puellos Matris gemitus imitantes, ab illius sinu discerperent. Proh, infelix hominum ambitio! quales quantasque mortalium generi miseras infers! Nempe sic pulcherrima et infelicissima adolescentula ex tantis fortunis ad arctam cellam Monasterii descendit, apud quod in suburbanis Olissiponis detinetur; filios vero Missionarii acceperunt, impensa quoque a Rege annua stipe, ut Ecclesiae consecrandi educarentur.* Obr.cit. pg. 329-30

Ora de facto a Condessa não estava no estado de gravidez, os filhos eram cinco, só dois é que foram levados para Rilhafoles em carruagem separada já desde a casa dos Atouguias; a despedida foi dumta fortaleza que nos deixa pasmados, como foi admiravel a serenidade da Condessa até o fim. Não houve gemidos espalhados pelas redondezas da casa, nem deprecações aos soldados, nem lagrimas dos Missionarios, (que estavam no seu conveato) nem esse arrancar dos filhos dos braços da Mãe, como se pode ver nas três ultimas paginas das memorias. Quem melhor do que a Condessa podia saber o que lhe succedeu!

cipio do amor generoso de Deus donde procedem (1)». E' o que por outras palavras S. Paulo exprime quando diz que o homem terreno, material, não comprehende as coisas elevadas espirituaes.

Nem se julgue que a veneração que a Condessa tinha pelo P. Malagrida a levasse a abraçar cègamente todos os dictames deste, mesmo fóra do dominio da consciencia. Exemplo frisante temo-lo na delicada recusa de transmittir a D. José I o recado que o padre lhe encommenda na Arrabida, occultando prudentemente ao velho missionario o conceito menos favoravel em que era tido pelo rei nessa epocha (vid. manuscrito pg. 41 e 42) (2).

Embora tão alteada no grau de perfeição, a Condessa não deixou de frequentar a sociedade

---

(1) *Lagrange*. Vie de Ste. Paule, c. 16 pg. 475.

(2) Sobre este facto já se disse algo atraz. Confesso que não comprehendo bem o que a Malagrida se atribue á pg. 36 do codice. Talvez fosse um desses trocadilhos, ainda frequentes no estylo da epocha, com que o Padre queria significar que a conformidade com a vontade de Deus não impedia que elle pedisse ao Senhor pela saude da creança. Analogamente se deve explicar a expressão, que se refere ao padre á pg. 34. Repare o leitor como Malagrida não se impunha despoticamente á sua dirigida, mas a guiava illuminando-lhe o entendimento com razões: a propria Condessa o testifica; as phrases «eu logo me sugeitava... eu logo ficava convencida das suas razões» etc. bem o demonstram.

como convinha ao seu estado. Ainda poucos dias antes da sua prisão assistira ella, adornada de brilhantes (vid man. pg. 66) a uma reunião em casa do proprio Pombal. A vida interior é compativel com a mais alta situação, não atrophia mas aprefeiçôa a pessôa que a abraça, e embora por si incline a tudo o que é humilde e obscuro, contudo sabe conformar-se ás exigencias da qualidade e posição de cada qual. Outras são as practicas que conveem a quem a professa dentro dos muros dos conventos, outras a quem a segue continuando a occupar o logar que lhe compete na sociedade. Rainhas santas, e santas mendigas conta a historia da Igreja, nenhum estado se oppõe ao desenvolvimento da vida interior christã.

Direcção espiritual que tão bons fructos deu, honra o venerando ancião, martyrisado tambem por Pombal (1). E' notavel a suavidade com que

---

(1) E' evidente que essa direcção, boa para o seculo XVIII, não corresponde plenamente as exigencias dos nossos tempos. Hoje torna-se necessario completar a formação individual da mulher com a sua formação social. A destruição das antigas corporações operarias pelos principios liberaes da revolução, o desenvolvimento excessivo do capitalismo, a exploração por vezes ignobil do proletariado, a decadencia moral e religiosa da operaria, a diffusão da má imprensa e a propaganda de ideias subsersivas, requerem que a mulher corra á liça em defesa do seu lar ameaçado, da educação christã dos seus filhos, da liberdade religiosa, dos pobres

Malagrida foi preparando essa alma para as terribes provas que o Santo velho parece ter adivinhado. Talvez alguém possa achar um resaiço de fatalismo estoico no modo de receber os sofrimentos e no descuido e falta de iniciativa da defesa propria. Mas, se reflectirmos nas ideias da epocha sobre o poder regio, se attendermos ao modo satânico com que procedeu Pombal, isolando o rei, creando tribunaes excepçionaes e modos de investigação secretos para conseguir o aniquilamento do escol da aristocracia portuguesa, veremos claramente que nada mais havia que fazer do que sujeitar-se á desgraça esperando o remedio do Ceu, ou pondo os olhos na reparação da outra vida. Nestes como noutros pontos da vida da Condessa, para julgar com acêrto, não se podem afastar os olhos do tempo em que vi-

---

opprimidos; exigem que a mulher exerça um verdadeiro apostolado social.

No excellente livro de Mlle. Cappe *La Femme Belge* e nas publicações da *Ligue Patriotique des Françaises*, e *Ligue des Femmes Françaises* estão praticamente expostas as diversas maneiras de exercer este apostolado. E igualmente recommendaveis são os livros: *Françaises, Jeunes Filles de France e Initiatives* da Action Populaire de Reims. Tambem a *Liga da acção social christã* (rua de Arriaga 41, Lisboa) vae trabalhando denodadamente neste sentido no nosso paiz. O seu orgão mensal é o «Raio de luz» (Redacção: Trav. das Inglesinhas 19, Lisboa).

veu, do meio social em que se desenvolveu, das ideias que então reinavam (1).

E agora, ao pôr fim a este arrazoado em que não sei se o paciente leitor terá tido o penoso trabalho de me acompanhar, quero advertir que propositadamente omitti no texto, que se vae ler, notas e explicações; o que pareceu conveniente observar levo-o dito neste preambulo; interromper a narração candida e cheia de singela poesia christã, embora com annotações eruditas, figurava-se-me uma especie de profanação. O texto vae publicado na integra, com a mais escrupulosa fidelidade. Em italico vão as phrases que faltam no codice mas veem na copia do snr. Conde de Bertlandos.

Oxalá possa esta divulgação das *Memorias da Condessa* contribuir para reparar uma das mais flagrantes e monstruosas injustiças archivadas na Historia da Nação Portuguesa: a sentença

---

(1) No erudito estudo *A Marquessa de Alorna*, já citado, da Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, publicado no *Boletim da Acad. de Sciencias de Lisboa*, Vol. VI, 1912, encontrará o leitor uma descripção bastante completa da sociedade da epocha pombalina. Pena é que a illustre litterata não tenha podido livrar-se de todo da influencia dos historiadores portuguezes que lançam sobre a Igreja Catholica e os Jesuitas a culpa da decadencia social. O Snr. Lucio de Azevedo é mais imparcial e aponta outros factores como determinantes desse decahimento.

que condemnou os Tavoras e familias com elles relacionadas (1).

Por ultimo agradeço do coração a todas as pessôas que tão gentil como fidalgamente concorreram para pôr em claro a authenticidade do codice (2), bem como a quem generosamente m'o offereceu. Deus Nosso Senhor desperte nos corações dos que o lerem o desejo de santificação interior, coragem no sacrificio e amor elevado de

---

(1) Tendo percorrido os principaes auctores luso-brasileiros que escreveram sobre este assumpto registro com prazer a quasi unanimidade delles em declarar a innocencia dos Tavoras, inclinando-se apenas alguns a crer na culpabilidade do Duque de Aveiro. O nosso codice confirma irrefutavelmente a primeira asserção. O meu collega P. L. G. de Azevedo, no II vol. pag. 11 e seg. da sua obra *O Jesuita* traz uma synthese succosa do que se pode apurar historicamente acêrca do attentado contra D. José I. No copioso repositório de informações, que é o livro recentemente publicado pelo Snr Marquês de Avila e Bolama com o titulo de *A Marquiza de Alorna*, vem documentos preciosos sobre a innocencia dos Tavoras, (Cfr. Cap. XII). Nelle estão indicados os nomes das fortalezas conquistadas na India pelo Marquês de Tavora, a que allude o nosso codice na pag. 8; são as de Neubadel, Piro, Pondá e Zambaulim.

(2) Alem das pessôas já mencionadas tem titulo á minha gratidão o Snr. Conde de Paraty que obteve do Snr. Conde de Sabugosa algumas informações que vieram confirmar as minhas pesquisas. Eguaes agradecimentos devo ao Snr. Cons. Anselmo Braamcamp Freire pelas indicações que atraz vão publicadas.

Deus, qual o tinha a desditada mas admiravel  
Senhora D. Marianna Bernarda de Tavora e  
Ataide, XI e ultima Condessa de Atougua.

*Pontevedra, S. Teresa*

*Maio de 1916*

V. A C.





(Brazão da familia Atouguia)

# MEMORIAS AUTOBIOGRAPHICAS



# CONDESSA DE ATOUGUIA

---

## Memorias Autobiographicas

---

---

Bemdito e louvado seja o Santissimo Sacramento e a Purissima Conceição da Virgem Maria, Senhora Nossa.

O Reverendo Padre Frei Adriano, meu director, me manda por Santa Obediencia escrever o seguinte que são os primeiros toques da minha conversão e a direcção do Padre Gabriel Malagrida,

Tendo eu a idade de quinze annos, no anno 1737, estando nesse tempo ainda em casa de meus paes, que assistiam na cidade de Elvas, por meu pae ser sargento-mór do regimento daquella praça, vieram a ella missionarios do Varatajo, por cuja razão disse minha mãe, que queria ir ouvi-los, e eu, que costumava ir com ella fóra, sempre que ella sahia, disse-lhe que eu ficaria nesse dia em casa, porque me aborrecia muito ouvir sermões. Ella me respondeu que por isso mesmo queria que eu fosse a elle, e,

como eu a amava infinito e em tudo desejava dar-lhe gôsto. logo perdi a violencia que tinha em ir; de sorte que fui com indifferença, sem appetite nem com violencia. O missionario era excellente, muito douto e muito bom prégador; chamava-se Frei Lourenço, que hoje é bispo do Algarve.

Não me lembra em que materia prégou; mas estou certa que não só gostei do sermão, mas que vim lavada em lagrimas para casa, que lhe ouvi alguns quarenta e que me confessei geralmente com elle, sendo os peccados que me faziam maior escrupulo da minha vida, os de aquelles tres annos de idade, de doze até os quinze, em que fui á confissão geral. E' certo que dessa idade até á minha, [em] que me acho, adquiri um horror grande ao peccado mortal e tremia delle, mas fiquei padecendo muitos escrupulos, por cruz especial que Deus me deu, e não por culpa do tal padre que era doutissimo e sabia muito bem ensinar tudo a bem da perfeição e me poz nella.

Comecei a commungar de oito em oito dias; punha cilicio tres vezes na semana duas horas, jejuava sextas e sabbados, fazia regularmente a minha oração mental todos os dias, e Deus me ajudava a fazê-la com fervor; mas parece-me que era só meia hora. Abstinha-me de culpas ainda leves e desejava ser santa. Confessei-me com elle não só geralmente, mas todo o tempo que pude, em quanto elle esteve naquella cidade,

e persevererei assim seria coisa de um anno, vindo depois para Lisboa com este modo de vida.

Perseverei nelle algum tempo, mas comecei a afrouxar alguma coisa, não no horror ao peccado mortal, mas com os divertimentos de que gostava muito e boa companhia das minhas amigas ainda moças, fui tendo preguiça da oração mental e faltando alguns dia a ella. Mas como era meu confessor o excellente padre Manuel Ribeiro, da Congregação do Oratorio, que era muito santo e douto, elle puxava por mim e me fazia tornar á oração, e assim a continuava outra vez pela sua diligencia delle. Consolava-me nos meus escrupulos que eram tantos, que, até dormindo, me confessava em voz alta, que era preciso acordarem-me; tratava de mim como bom mestre de espirito que era; mas durou-me pouco este bem, porque dentro de poucos mezes morreu.

Fiquei algum tempo sem confessor certo, mas não foi muito, e depois tive um padre de S. Francisco da Cidade, chamado Frei Antonio de S. Boaventura, homem muito douto e santo, que tambem puxava por mim quando eu largava a oração, e para o caminho da perfeição, mas com genio forte e muito aspero, querendo levar para Deus por força e não por geito; mas contudo santissimo e bom. Deixei de me confessar com elle, porque minha mãe tambem deixou de se ir confessar a S. Francisco da Cidade, e eu que ainda estava com ella, me fiquei confessando áquelles confes-

sores, que não eram certos, e se mandavam chamar a alguma Religião, para vir a casa confessar a familia; porem eu que ia afrouxando na vontade de fazer oração, não tive pena grande de não continuar a ter aquelle santo confessor, que tanto se enfadava comigo, quando eu alguns dias a largava. Eu só lhe tinha sujeição de <sup>(1)</sup> (3) confessada, mas não de dirigida, sendo elle capacissimo de ser director, mas como confessada sim tinha bastante mêdo d'elle, conheci a sua grande virtude, e por consequencia perdi muito nelle, porque com os confessores ordinarios e não certos fui cada vez afrouxando-me mais na vontade de fazer oração até que de todo a larguei sem contudo perder o temor de Deus nem horror ao peccado grave. Continuei a pôr cilicio algum tempo. Estando huma noite ceiando ao pé da cama da minha mãe, encostada a ella, por descuido tinha dependurado o cilicio de que me tinha servido, meio prezo na cintura á fita da saia de baixo, para depois o metter na algibeira; não me lembrando levantei a capa para comer. Minha mãe m'o viu e perguntando-me o que era aquillo que

---

(1) Começa aqui o texto do meu codice. O que precede é do exemplar que possui o Snr. Conde de Bertianos. Os numeros intercalados entre parentheses indicam as paginas do manuscrito; os parentheses quadrados [ ] encerram palavras que pareceu conveniente supprir. Em italico vão as phrases que faltam no meu codice mas veem na copia do Snr. Conde de Bertianos.

ahi tinha, fiquei tão envergonhada como se fôra alguma coisa muito mal feita, não obstante ter a certeza que a minha mãe não só m'o não havia [de] prohibir, mas antes o estimaria. Mas envergonhada de que ella soubesse o que até ali lhe escondia, e a todos, deixei de o pôr, e não dei parte aos ordinarios confessores e incertos que por muitos annos tive; nem se lhes dissesse, me parece, que se não enfadariam comigo d'aquillo que não era peccado, senão perfeição e conveniencia para a minha alma.

O meu genio alegre foi sempre engolfado nos divertimentos que muito gostava, e que o mundo chama licitos; nelles usava daquella decencia com que a minha mãe me creava, e de que era amantissima, e a esta correspondia tambem o temor que tinha de Deus. Ambas estas coisas me preservaram de peccados graves, mas a perfeição da vida foi-se embora, porque nos veniaes cahia com frequencia; as communhões só eram uma vez cada mês, e, se neste cahia alguma solemnidade, maior era tambem o zêlo; se alguma vez passei mais do que um mês sem me confessar sentia algum remorso desta falta e tinha vergonha.

Fui com meus pães para a sua quinta do Campo Pequeno, e pela distancia (4) de Lisboa nos serviamos dos confessores que ali havia mais perto, que eram muito ordinarios e nada doutos, não me reprehendiam como eu merecia

d'esta vida frouxa em que eu estava; e nella vivia tão satisfeita que por vezes acabando de [voltar de] alguma daquellas festas em que me enfeitava muito e com gosto, no fim, quasi que me lisonjiava de ter feito alguma obra santa, e de que me tinha ali preservado de offender a Deus. Dizia: «Eu me diverti e brinquei e não murmurei nem fiz offensa a Deus» e concluia dizendo: «As velhas não teem razão de dizer mal de nós porque fazemos isto». E esquecida da vida perfeita tudo isto me não parecia mau, senão licito ou indifferente.

No meio de toda esta alegria por vezes tive coisas que me desgostassem e algumas vezes me veio á cabeça o ser freira, mas não consultei nenhum padre; porem o que me prendeu foi o grande amor que eu tinha a meus paes, parecendo-me impossivel o despegar-me delles, deixando-os; passou-me a melancolia e tambem a vontade de ser freira. Meus paes quando eu era pequena me diziam que eu havia de ser freira da Madre de Deus e eu assim o entendia; porem isto me diziam por me não fallarem em casar, emquanto me não ajustaram, por que sendo eu immediata successora da sua casa, é certo que me não destinavam para freira.

E chegando á idade de perto de seis annos me ajustaram meus paes a cazar com meu primo o Conde de Atouguia D. Jeronimo, sem que o conhecesse nem elle a mim. Durou este ajuste

dezanove annos, e por tres vezes estêve para se desmanchar, porem sempre as coisas se compunhão, de modo que chegando eu aos vinte e cinco annos de idade recebi-me com elle; e ainda que fosse muito por minha vontade, como já tinha bastante uso da razão, temia muito (5) os perigos da vida que tomava, se seria bem succedida ou não, e não houve santo, nem santa, nem novena que eu não excogitasse, e oração que não fizesse para alcançar de Deus o bom successo na vida que tomava; de sorte que minha mãe disse que nunca vira a ninguem tanto mêdo de casar como a mim. Tambem o tinha de pôr os pés no mundo por saber a sem razão de muitas linguas d'elle fallarem injustamente contra algumas pessoas de distincção, que o não mereciam; e assim roguei muito a Deus me livrasse de que me succedesse o mesmo a mim.

Logo que casei, me veio visítar o commissario de S. Francisco da Cidade que se chamava Frei Antonio da Graça. Era discreto e presumo que seria douto; e o Marquez de Louriçal que o conhecia e tinha muita confiança na minha casa, olhando para mim deante d'elle me disse; «aqui tem V. E.<sup>a</sup> um bom confessor». Com esta inculca e por morar perto de mim acceitei e continuei a confessar-me com elle muitos annos. Dava a sua reprehensão na confissão muito bem dada, mas não se mettia em me aconselhar que fizesse oração; eu tambem nunca lhe disse que a

tinha tido e largado. Continuei naquella vida frouxa em que estava, gostando dos enfeites e divertimentos, parecendo-me que não devia fazer escrupulo de passar a vida assim. Rezava a minha corôa a Nossa Senhora, mandava dizer dez Missas cada mês pela minha alma, visitava aos sabbados a Nossa Senhora da Madre de Deus e dava lá esmola publica aos pobres; tambem tazia esmolas a algumas pessoas recolhidas e particulares, ouvia a minha Missa todos os dias isto é, excepto naquelles que (6) não erão de preceito e em que apparecia alguma aria nova de que eu gostava; algumas vezes fiz a grosseria de não ouvir a missa naquelle dia, preferindo o gosto de a cantar ao cravo; assim ia vivendo muito contente.

O Conde de Atouguia não só me amava muito, mas sendo só mais velho que eu quatorze mezes, tinha-me infinita respeito.

Mas Nosso Senhor que me queria no primeiro estado da perfeição a que me tinha chamado e eu tinha largado, soube muito bem no estado de cazada misturar em algum gosto grande que me dava, alguns desgostos e foram os seguintes.

Como o Conde de Atouguia era filho unico, apenas casei comecei a invocar muitos santos para me alcançarem de Deus que me dêsse successão para a sua casa; e indo ao Convento da Madre de Deus onde a Condessa de S. João, minha avó era freira, ella me aconselhou que me

pegasse com S. Antonio, e que naquelle Convento se estava fazendo uma capella de esmolas ao Santo, o que lá chamavam S. Antonio do Rato, pelos muitos milagres que tinha feito. A sacristã deu-me uma medida do Santo para eu trazer na cintura até ter esperanças. Eu a puz logo e prometti a esmola para a Capella do Santo a quem logo comecei uma trezena para este fim. Antes de ella acabada, estando eu ouvir a Missa, nella tive o primeiro signal de prenhez por que desmaiei com fraqueza, tendo almoçado muito bem, e continuaram as fraquezas até se verificar por fim que era effeito da prenhez. Não quiz tirar a medida, porem, como era uma fita encarnada e eu tinha ouvido dizer que trazendo as mãos coizas de côres perto de si imprimiam nas creanças nodoas que as faziam ás vezes defeituosas, para que isto me não succedesse dobrei a medida encarnada em muitas dobras para a fazer mais pequena e a assente sobre fita branca para que fosse só a branca a que chegasse a mim, e não a outra. Mas não obstante esta prevenção, o Santo quiz-me completar a graça, por que aos dez meses de eu ter casado nasceu o meu filho primogenito D. Luiz de Atayde e assignalado por elle com o signal da sua medida encarnada sem lhe fazer defeito, porque a trazia em uma nadega. Quando nasceu, as primeiras palavras, que ouvi, foram: «Ai que é isto que traz o menino! é nodoa!» Eu que me lembrou o que acima digo, quiz logo vêr e achei sêr o

signal da medida, do tamanho que eu tinha feito em muitas dobras, de modo que ficaria depois do tamanho de um cruzado novo em prata, mas com a côr avermelhada. Foi immenso o gosto que tive de dar á casa do Conde successor, e de me vêr mãe dum filho robusto e são, assignalado pelo Santo; em reconhecimento deste beneficio lhe fiquei fazendo a sua trezena todos os dias até á hora presente, e dei a esmola que prometti para a sua capella.

Na força de todo este gôsto tive o pezar seguinte: Vindo minha mãe ser minha hospeda, com meu irmão ultimo que era muito valido de meus paes, meu, e de toda a familia, por ser dotado de um talento extraordinario e sabedoria rara, mesmo (8) de muito bôas qualidades, que o tornavão digno de toda a estima, adoeceu e morreu em minha casa, aos dez dias de meu filho ter nascido. Foi grande o desgosto que tive assim como o foi para toda a familia, principalmente meus paes, que tinham o maior gosto neste decimo quarto filho, que morreu antes de completar seis annos, com a sabedoria de homem e costumes e maximas de anjo. Dessa idade sabia ler o portuguez e francez, sabia a historia portugueza e a sagrada, e geographia na ultima perfeição; tambem dava boa razão da historia romana; lia sempre que podia, e por sua vontade propria fazia perguntas e discursos tão delicados, que sendo minha mãe muito entendida, e bem instruida, ás vezes

lhe dizia: « Meu filho, não tenho juizo nem instrucção sufficiente para te responder e satisfazer tuas perguntas ». Anticipou-se-lhe o uso da razão de sorte que se julgou que era prudente á hora da morte absolvê-lo debaixo de condição; como ainda não tinha seis annos de idade, assim se fez. No dia que meu filho se baptizou, ja eu com toda a familia choravamos a morte deste irmão.

Passado perto de um anno foi o meu sogro o Snr. Conde de Atouguia, D. Luiz, nomeado para Vice-Rei da Bahia, e ainda que era util para a casa que elle fizesse mais este serviço para o bom exito do seu despacho, contudo, tive isto para mim em grande desgosto: o ficarmos vivendo de alimentos, que ainda que não eram dos mais pequenos, sempre eram mais inferiores aos que appetecia o meu genio luzido, e muito costumado á grandeza, e de que muito gostava. (9). E como elle ia para um logar publico e era senhor da casa, era justo, que o melhor recheio da prata que havia em casa, elle o levasse consigo; eu que gostava de ver a casa luzida com ella e quer[ia] me servisse tambem a mim, quando me vi com pouca em casa, custou-me, e tive saudades do que tinha saido pela barra fóra, ainda que fosse em serviço do seu proprio dono. O Conde de Atouguia, que me amava muito, bem conhecia que isso seria sensivel ao meu genio, e procurou suavizar-me por um modo que, me parece, me foi ainda mais sensivel. Fez, como em ponto de honra, que eu

vivesse no seu poder com a mesma abundancia e luzimento como no tempo do seu pae, quando estava a casa inteira, para que o mundo não dissesse que elle me estimava menos que seu pae. Conservou-me a mesma carruagem e tudo o mais á proporção; não obstante o ter-lhe dito que diminuísse, porque não tinha com que me conservar assim, não o pude conseguir, e ainda que isto me obrigava muito, tambem me mortificava vê-lo gastar comigo mais do que podia, e isto emquanto seu pae estava fóra, empenhando-se para isso.

Todas estas bagatelas ultimas que naquelle tempo me pareciam que o não eram, tinha eu o desafôgo de as desabafar com os meus paes, de quem nunca tive a menor reserva, e minha querida mãe me animava dizendo-me que me suppunha maior coração e pasmava de me ver abatida; procurava com sua sabia direcção formar animo tão forte, como me era preciso para os futuros trabalhos que Deus me tinha destinado, e que nem eu nem ella contavamos, (10) nem jamais nossa familia tinha premeditado o que nos estava destinado. Mas Deus que tudo prevê permittiu estas pequenas provas em que fui ensinada por minha mãe para adquirir constancia antes de chegarem os trabalhos grandes, para os quaes tanto a necessitava e a que não podia resistir, se a graça de Deus me não ajudasse nelles tão visivelmente como depois experimentei.

Sendo toda a minha consolação a convivencia com meus paes, Deus me privou della, sendo meu pae nomeado por El-rei D. João V para Vice-Rei da India, e minha mãe teve o animo que até alli tinha faitado ás mulheres, de pedir licença a *Sua Magestade* para acompanhar meu pae para aquelles estados, e conseguindo-a passei pela saudade de os ver partir a ambos para a India, parecendo-me que não havia trabalho maior que a separação de pae e mãe em um mesmo dia, não obstante o triumpho com que os via partir, porque a Rainha D. Marianna Victoria e El-Rei D. José, sendo ambos ainda principes, honraram meus paes, indo ao seu botafóra, a Rainha indo a bordo da nau visitar minha mãe, que veio abaixo acompanhada dos officiaes de guerra e mais gente nobre da náu, creados etc. beijar a mão da Rainha. Esta na presença de todos que a acompanhavam abraçou a minha mãe, e lhe disse que fosse descansada, porque a procuradora dos socorros para a India, naquelle trianno havia [de] ser ella. Porem o que tornou a partida mais que tudo brilhante foi o dia estar muito sereno, e o mar ornado de (11) infinidade de gente, e nobreza, com varios instrumentos; mas entre toda esta festa corriam-me as lagrimas em abundancia por muito tempo, porque nunca perdi a grande saudade que tive por meus paes. Se bem que tinha grande susto dos successos da India, comtudo desejava infinito. que meu pae fosse lá retratado com a

insignia que se costuma pôr aos que são conquistadores, que é o chapéu na cabeça; que os que não são não o podem trazer na cabeça, e retratam-se descobertos. Mas parecendo-me isto soberba ou vaidade, tinha medo que Deus me castigasse, e só lhe pedia que no governo do meu pae se não perdesse nada no Saimão, e se conservasse aquelle Estado, mas Deus o favoreceu de sorte que não só conservou o que lhe entregaram mas conquistou três praças de que uma tinha sessenta peças de artilharia, e as ganhou ao rei de Sunda. Foi muito feliz em todo aquelle governo, e attribuo este beneficio á grande devoção que meu pae lá teve com o Santissimo Sacramento, porque todo o tempo que andou na campanha o teve allumia-do com cera de dia e noite, e havendo naquelle Estado a barbaridade de que os Vice-Reis, quando iam em publico, não se apeavam ao Santissimo, meu pae foi o primeiro que tirou este pessimo costume e Lhe deu toda a veneração devida, por cuja razão um padre da Companhia italiano, tão santo que lhe chamavam de alcunha o Xavier pequeno, lhe escreveu uma carta dizendo-lhe que em agradecimento d'aquella acção de piedade ao Santissimo, em nome de Deus lhe promettia o bom successo daquelle estado, como na verdade o teve. E para se não duvidar (12) que o beneficio foi todo de Deus, permittiu o mesmo Senhor que os mesmos principes da terra que lhe tinham promettido socorros, apenas subiram ao throno

se esqueceram da promessa, porque nenhum Vice-Rei jamais foi tão pouco socorrido de gente e dinheiros como meu pae.

Tendo Deus conservado o meu filho primogenito com vida, quando completou um anno, estando na minha presença brincando, cahiu de repente com um accidente, que parecia mortal; eu peguei nelle ao collo e o levei ao meu oratorio, e de joelhos pedi a S. Antonio me alcançasse de Deus a sua vida, e prometti ao Santo um fôro perpetuo, se a conseguisse, o qual voto fiz por escripto, e como a consegui, tenho-o sempre pago no convento da Madre de Deus, para o culto do tal S. Antonio, chamado do Rato.

Passando eu mais de dois annos sem ter mais que este filho, começou o Conde de Atouguia a desejar muito que sua casa tivesse mais successão; para isso se pegou muito com S. Domingos, e com Nossa Senhora, promettendo que seria duas vezes mordomo dos presos se eu tivesse mais filhos. Feito isto logo tive esperanças do meu segundo filho, D. Francisco de Atayde, mas este gosto teve o desconto de eu padecer muito na prenhez; cheguei a vomitar sangue, e como nada que comia ou bebia se me conservava no estomago, passei cinco meses sem poder commungar, e temi que nem na desobriga da quaresma o pudesse fazer. Porem vindo-me visitar cinco padres da Companhia (13) italianos e muito virtuosos que passavam ao Estado da

India, me vali delles para que por meio de orações me alcançassem de Deus que eu pudesse commungar sem vomitar a particula, e desobrigar-me na quaresma; prometteram fazê-lo e foram ouvidos, porque se me conservou a particula. E ainda que até ao fim da prenhez padeci o que não tem explicação, daquelle dia por deante pude commungar as vezes que costumava, e no fim nasceu o menino com feliz successo, tão grande e nutrido como se eu não tivesse tido nem molestia nem fastio tão mortal como tive, que passei alguns dias sem levar mais alimento que o succo de marmelo, tornando a cuspir fóra, o que o não era, chegando a pôr-me tão debil que para dar algum passo era preciso que duas pessoas me sustentassem uma de cada parte. Convalescida do sobreparto, e livre deste grande trabalho, entrei em outro aos dezaseis dias de parida.

Tendo-se feito no dia antecedente o baptizado com gosto, no dia seguinte mandou El-Rei D. José prender o Conde de Atouguia na Torre Velha, porque injustamente o culpavam em uma bulha que tinha havido no sitio de Odivellas, com um juiz de vintena, em que outro fidalgo tirou um laçao que elle tinha preso, por ser de um parente do dito fidalgo, e lhe disse algumas palavras de desprezo. Porem o Conde de Atouguia não estava presente quando isto succedeu nem

teve nada com a justiça d'El-Rei. O valete (1) do Conde tinha tido uma bulha com um cereeiro de Lisboa na qual perdeu o barrete com (14) as armas, o qual depois foram levar a casa do tal juiz e, a mulher delle indo-se-lhe pedir, sem violencia o mandou logo, e o Conde partiu para Lisbôa, sem saber mais nada, e teve a infelicidade que sendo as bulhas duas, e não tendo a do valete nada com a justiça, o juiz que tirou a devassa fez das duas injustamente uma só, não tendo uma nada com a outra, e formou um acto de resistencia á justiça em que foram presos sete fidalgos em torres sem fallarem a ninguem, e depois degredados para muito longe. O Conde de Atouguia foi mandado para Bragança, que dista oitenta e duas leguas de Lisboa. Eu o acompañei porque depois das immensas diligencias que fiz para alcançar de El-Rei D. José licença para o ver, e entrar na torre onde elle estava, o obtive, e ia voluntariamente assistir-lhe na prisão todos os dias, não deixando a minha companhia de lhe sêr util, porque o achei tão triste e melancolico que temi não endoidecesse elle. Eu o consolava

(1) O texto do Snr. Conde de Bertiandos traz *valente*. Lembrei-me depois (diz o Snr. Conde numa carta) que por uma conversa que tive com o Dr. Manoel Bento de Souza, dono do manuserito primitivo, deve ser *volante*. Antigamente á frente das carruagens ia um rapazinho, um lacaió-pequeno, correndo e chamavam-lhe volante.

como podia e na prisão pude encobrir-lhe que tinham mandado açoifar o seu valete pelo carrasco, man[dan]do-o depois para as galés, onde se achava, mas logo que foi sôlto o soube, causando-lhe novo desgosto e melancolia a infelicidade do seu valete de quem muito gostava.

Assim partiu o Conde para o seu degrêdo, e estes dois golpes fizeram a primeira brecha na minha alegria, porque me foram muito sensiveis, e com elles me foi Deus dispondo na idade de trinta annos para outros maiores que me tinha destinado para o futuro. Naquelle tempo discorria no meu interior quanto era sensivel para um (15) vassalo de honra uma demonstração do desagrado do seu rei ainda quando o não tinha merecido; acrescentava: « Isto não tira a fazenda, não molesta o corpo, mas dóe muito a quem tem brio e honra, o ver-se fóra da graça do seu principe e ser avaliado pelo publico. » Estas politicas reflexões eram acompanhadas de outras tambem christãs, que juntas todas com a melancolia desafiaram outra vez em mim uma tormenta de escrupulos tão fortes que não sei como não endoideci, porque não havia acção ou palavra, por mais leve que fosse, em que eu não temesse ter feito um peccado. Durou esta cruz com força todo o tempo do degrêdo; peguei-me muito com Deus para que restituisse o Conde á graça d' El-Rei, e todas as sextas-feiras ia visitar á igreja um Senhor Crucificado de muita devoção naquella cidade, cha-

mado o Senhor da Vida. (\*) Alli aos seus pés lhe fazia todas as minhas supplicas para este fim, e dentro de tres mezes e nove dias chegou a ordem para o Conde se restituir á côrte, vir para sua casa e poder beijar a mão a El-Rei.

Partimos para Lisboa e fomos pelo Mogadoiro que era uma villa antiga da casa de meus paes, no qual estava meu tio, bispo do Porto que naquelle tempo era só frade da Graça, e por ordem de El-Rei estava sendo curador de seu irmão Francisco de Tavora que tinha endoidecido no Brazil, depois de ter governado; e, como eu tinha grande affecto ao meu tio bispo, e o Conde gostou de ver (16) e de caçarem uma grande tapada que alli tinham meus paes, alli nos demorámos oito dias em que desafogámos alguma coisa das

---

(\*) Como no original do Sr. Conde de Bertiandos vem em vez de *Vida* uma abreviação *Vinda* quiz aclarar este ponto—Em Bragança, diz o meu excellenté amigo Dr. Guilhermino Alves, não ha nenhum Senhor da Vida. Deve tratar-se do Senhor de São Vicente, attendendo aos motivos que levarém a Condessa de Atouguia a escolher o Senhor crucificado de Bemfica, para as suas visitas da 6.ª feira. Diz ella que o escolheu *por o SS.º estar exposto no lado do Senhor Crucificado* da Igreja de Bemfica—Ora em Bragança, por costume immemorial, na Igreja de São Vicente, faz-se a exposição do SS.º tambem no lado da grande Imagem do Crucificado, que está no altar mór, conhecido pelo Senhor de São Vicente. A Imagem está condecorada e é na fita da condecoração que suspendem o ostensorio (sem o pé). O ostensorio tem um gancho destinado a este fim.

mortificações que tínhamos tido. Neste tempo tive um sonho, que não o tendo por nada mysterioso o contei ao conde de Atouguia, como daquellas coisas muito ordinarias que nada são, comtudo como elle era bastantemente agoureiro só lhe contei a metade, e lhe occultei o resto que lhe tocava a elle. Disse-lhe que tinha sonhado aquella noite que o Desembargador Fulano tinha morrido. Respondeu-me o conde: «Pois logo escolheu o mais moço de todos, que nas juntas votaram na minha prisão e degrêdo, para ser o que morresse». Não lhe occultei o mais que logo direi, não porque lhe desse credito, mas sim pelo que acima digo e *me é preciso primeiro fazer esta digressão*. O tal desembargador que tinha muito juizo e letras, diziam por fóra, que elle antes de votar nas juntas que se fizeram para as prisões dos sete fidalgos presos e degradados, esfregando

---

O Snr. Abbade do Bacal, o Rev. P. Francisco Manuel Alves, corrobora com a sua grande auctoridade archeologico-historica esta explicação. São suas as seguintes informações, communicadas gentilmente numa erudita carta:

A quinta dos Tavoras, no Mogadouro, é a chamada de Nogueira nos Documentos antigos e ainda hoje geralmente, se bem que alguns a dizem Tapada por ser enorme e estar toda tapada com alto muro... Foi vinculada por Luiz Alvarés de Tavora no morgadio constituido em 1536.

(Cfr. *Memorias Archeologico-Historicas do Districto de Bragança*, vol. 4.º pg. 373.)

A ambos estes virtuosos Sacerdotes agradeço as informações que tão obsequiosamente me forneceram.

as mãos dissera: «que quer por cá meu amigo?» (\*) Seria talvez testemunho que se levantou a este Ministro que a lisonja o tinha contaminado, mas é certo que sem eu averiguar, se foi falso ou verdade, me escandalizei naquella occasião d'elle. O resto do sonho era que a vida do Conde de Atouguia não seria longa, e tudo se veio a verificar. Continuando nós a jornada para Lisboa, chegando á estalajem da Golegã, a primeira pessoa que nos veio abrir a sege foi o estalajadeiro, que sem nos conhecer disse: «Novidade grande». Perguntei eu e o Conde o que era. «Morreu, de repente o desembargador Fulano». Era o mesmo que eu tinha (17) sonhado oitenta leguas longe d'elle. Ao mesmo tempo fiquei para morrer de susto do que faltava. O Conde olhando para mim disse-me estas palavras: «Apre, com tal historia; não sonhe tambem que estou para morrer». Eu disfarçada lhe disse: «Ora tem coisas». Mais muito o temi, á vista do que refiro ter succedido, e na verdade a sua vida não foi longa, porque dalli a seis annos o mataram, quando eu menos o pensava, porque já tinha perdido a apprehensão com que vim do seu degedo.

Chegando a Lisbôa em lugar da romaria que eu ás sextas-feiras fazia em Bragança ao Senhor

(\*) Que quer por cá nosso amo? é a variante da outra copia.

chamado da Vida, parecia-me razão, fazê-la cá em alguma parte, escolhi que fosse em S. Domingos, porque até ás cinco da tarde está o Santissimo Sacramento exposto no lado do Senhor Crucificado. Assim que punha os olhos no Santissimo Sacramento, choviam sobre mim as graças do Senhor com tal abundancia que o não posso explicar, porque sentia affectos grandissimos para Deus que me conduziam a amá-lo muito e me chamavam ao Seu serviço, eu não fazia estudo para estes affectos, eram-me tão naturaes e tantos, que eu não fazia mais que recebê-los, e ensoquando-me nelles, como se fica em dia de grande chuva, quando se não tem coisa que a depára. Eu mesmo pasmava e dizia comigo: «Ora eu deixei de fazer oração mental, neste logar Deus me lembra, porque sem custo algum me vem aqui tão natural», e sentia-me alli muito (18) gostosa, mas era tão fraca, que não obstante estas reflexões, em eu me indo dalli não tornava ao exercicio da oração mental que tinha largado, e só ficava com aquella que dahí a oito dias me tornava á presença do Santissimo assim que nelle punha os olhos e gratuitamente sem que fizesse por ella diligencia, sempre vinha a mesma abundancia de affectos para Deus. Achava-me com a oração mental sem eu o saber, porque não procurava alli tê-la, mas sim me lembrava *sempre nella* que na minha mocidade a tive e a larguei. Dizia comigo: «olá, pois eu ainda tenho algum

geito para ella!» mas isto era como remorsos que alli sentia de a ter largado. Passava ainda a mais a minha grosseria com Nosso Senhor; porque tendo paixão grande pelo jogo, assim que eram horas de me parecer que estariam promptas as pessoas com quem costumava jogar, ia-me embora e dava tudo por acabado; ainda que até alli estivesse naquelle logar com gosto e que os affectos para Deus não tivessem parado, eu lhe cortava o fio com a descortezia de retirar para o jogo. E como no logar onde fallei dos divertimentos da minha mocidade esqueci-me de incluir a paixão do jogo, farei aqui a descripção della. Houve tempo em que o preferi ao gosto da musica, sendo esta o que antecedentemente me agradava mais que tudo quanto havia, porem não chegou o excesso desta paixão a fazer prejuizo com ella á casa do Conde de Atouguia, porque só jogava da mesada que pelas minhas escripturas a casa tinha obrigação de me dar, e disso não cheguei a fazer (19) jogo que me destruísse, mas algumas vezes me foi preciso pedir dez ou doze moedas porque não as tinha na bolsa para pagar.

Tinha grande appetite que Deus me desse uma menina; quando tive a fio meus dois filhos e me disseram que o ultimo era rapaz fiquei desconsolado por não ser antes a filha *que eu tanto desejava*. Havia neste desejo bastante puerilidade mulheril, porque como meu genio era muito enclinado á magnificencia, apetecia uma filha para

a trazer muito enfeitada, e me occorriam para isto varias ideias, que me entretinham para quando a tivesse. Pouco tempo depois de vir com o Conde de Atougua do degrêdo, tive *esperanças e nasceu* a minha primeira filha com mais trabalho no parto, do que tive com os rapazes, e no sobreparto *estive para morrer com uma grande doença*; tive symptomas mui perigosos, assim continuou a antiga serie depois, de ser um gosto descontado por um desgosto, e o ultimo se accrescentou com os sustos que a vida desta menina me tem dado, porque até aos seis annos sempre teve saúde delicada e *aos três doença perigosa*, e dahi por deante até ao presente se augmentaram as suas molestias, de sorte que não posso explicar o que padeço, visto os perigos em que continuadamente vejo a sua vida. Seu pae a amava com preferencia a todos outros filhos quantos tive, e era egualmente [amada] de todo o resto da familia; ella tinha seis annos de idade quando mataram seu pae. No estado de casada tive tres filhos e tres filhas, e estavam todos vivos quando meu sogro chegou da Bahia e lh'os (20) apresentei com gosto, esperando que a sua casa com esta successão livrasse do perigo em que esteve, com um filho unico, de passar a outra. Alem disso alegrei-me com a sua chegada, com a ideia de se unir outra vez a casa e tornar para ella os recheios de prata, e desse modo vivermos com o luzimeato antigo. Alem deste gosto esperava brevemente o da chegada

de meu pae da India, que era para mim extraordinario, mas pelo costume de me seguir aos gostos logo algum trabalho, dizia: «Como? Valha-me Deus, estou temendo a vinda de meus paes porque não sei com que Deus me descontará este gosto e eu no meu interior discorria: *Que será? destes seis filhos que tenho morrerá algum?*» Estremecia de susto e dizia: «Ah! Senhor, não, que me hade custar muito». Não presumi qual seria o trabalho. Chegaram meus paes triumphantes da India, porque seu governo lá tinha sido feliz. Fui esperá-los ao seu bordo, e, pondo os olhos em minha mãe, que já tinha idade, vendo-a formosissima ainda e meu pae em boa disposição, foi inexplicavel o meu gosto, mas com elle desatei a chorar em soluços, que não podia nem pronunciar uma só palavra, nem por muito tempo vedar estas lagrimas, de que eu mesmo não sabia o motivo, e naquella occasião assentei que eram por effeito do grande gosto de vê-los com vida e honra. Aquelles mesmos principes que lhes tinham feito tanta honra quando partiram para aquelles Estados, foram os que em pouco tempo subiram ao throno e por consequencia vieram (21) elles a ser quem gozaram das tres praças que meu pae, com *a sua espada* e um pequeno numero de valorosos portuguezes, lhes conquistou para a sua corôa; e depois da rainha D. Marianna Victoria [a] ter na cabeça, publicamente na audiencia me disse estas honrosas palavras: «El Rei me convidou ha dias

para ir com elle fóra da barra a um botafóra, e eu lhe respondi, não, porque isso guardo eu para quando viér a Marqueza de Tavora». Agradei estas expressões que Sua Magestade publicamente proferiu, *orando a Deus as graças, para que meu pae as não desmerecesse, porque isto se passou antes das conquistas; e quando chegou conquistador* entrou meu pae como qualquer governador que não vem em desgado, mas sem nenhuma das distincções que acima digo lhe estavam annunciadas por Sua Magestade; foi ao Paço como todos os mais, e lhe mostravam bom modo, mas não teve um particular agradecimento do bem que tinha servido, porque só Deus se não esquece da bôa vontade dos homens, e do amor com que lhe dedicam as suas obras. O amor que meu pae tinha a estes principes da terra era indizivel e e em tudo conforme ao grande fundo de honra que o seu caracter lhe inspirava. Eu [fiquei] alegre com a vinda de meus paes, mas sem perder o temor de qual seria a cousa do desgosto com que Deus m'a descontaria, segundo o costume que tenho referido; alem disso antes de elles chegarem, andava eu com grande escrupulo do grande gosto e paixão que eu tinha pelo jogo, porque ainda que segundo as circunstancias eu a não reputava por culpa grave, (22) fazendo exame de consciencia achava que naquelle tempo era o maior peccado que então tinha, e como tal desejei começar a cortar por este gosto, e deixar total-

mente o jogo. Mas a isto occorriam-me mil pensamentos de respeitos humanos que me embarçavam e dizia comigo: «Que dirá o mundo se eu tal fizer, vendo que eu deixei de repente o jogo; começarão a julgar como lhes parecer: que será, que não será, que motivo haverá para isto? e cada qual julgará temerariamente como lhe parecer». Embarçada com isto não largava, mas andava afflicta temendo desagradar a Deus, e não o querendo fazer, passei a desejar que houvesse motivo para eu de todo o deixar sem se fazer reparavel ao mundo; e dizia comigo: «Qual será? e discorria: se me morresse algum dos filhos que tenho!» mas logo dizia: «Ai, Senhor, isto não, que me hade custar muito». Estes pensamentos juntos com os temores que eu tinha do desgosto que esperava no gosto da vinda de meus paes, me trazia atormentada, e me não deixava gozar della, á minha vontade; andava inquieta, queria agradar a Deus e queria um motivo para largar o jogo sem reparo, mas não sabia qual seria.

No dia 1 de Novembro de 1755 chega o terremoto, e nelle conheci que era chegado o bom motivo para largar o jogo, mas temendo a minha fraqueza nesta parte, achei preciso fazer alli voto a Deus que não havia [de] tornar a jogar mais na minha vida, porque receei que não sendo por voto e só por *proposito* que não persistisse nelle, mas sendo por voto que era (23) então certo o guardá-lo. Naquelle tremendo dia que

em tudo trazia a memoria do juizo final, se destruíram novamente todas as ideias que eu tinha formado para o augmento da casa, e de gosar do recheio de que tinha tido saudades, quando o meu sogro o levou para America, assim como de viver dahi para deante com mais grandeza, a que meu genio era muito inclinado. Chega o terremoto, e deixando-me viva, o Conde de Atouguia e os meus seis filhos, a meu sogro, meus paes e irmãos, por misericordia de Deus, porque preferia a vida destas pessoas *que eu tanto amava* aos bens da fortuna; tudo o mais, que havia em minha casa e a de meus paes, arrazou o terremoto, e depois o fogo o acabou de consumir as casas, moveis e prata; em fim tudo se perdeu, ficámos só com o vestido que tínhamos no corpo. A minha mãe, nem esse tinha porque ficou em camisa, e por compaixão a cobriu um homem com o seu capote nas portas de S. Catharina, onde para escapar á morte tinha assim caminhado a pé, porque estava na cama quando começou a terra a trêmer. Quando puz a vista em meus paes e em minha gente viva, pareceu-me que em tudo o mais não tinha perdido nada, e já as ideias de grandeza me não faziam guerra; qualquer coisa me parecia bastaria para passar a vida: não tinha saudades da prata nem do mais que tinha tido. Fomos todos a pé para o Campo Pequeno, para uma quinta de meus paes, em que tinha umas casas magnificas; achámo-las tambem muito ar-

ruinadas, de sorte que ficámos na quinta, acampados em muito poucas barracas, e com os incommodos que foram geraes para todos por muito tempo.

Com todos estes desenganos, com os tristes espectaculos que se offereciam aos olhos e com a morte sempre deante delles, porque os tremores eram continuos, e com as antecedencias que eu antes do tremor tinha tido, de desejar não offender a Deus, crescia em mim o desejo de ser boa, porem todos estes bons pensamentos estavam sem ordem, e eu, só, não os sabia arranjar, para os poder pôr em execução. Assim desejava algum confessor de uma extraordinaria virtude, que me ensinasse a ser santa, e que me adeantasse no serviço de Deus, mas nem por sombras me vinha á cabeça qual elle seria. Dizia: «tomara ter um confessor santissimo que me adeantasse no serviço de Deus, mas não sei quem hade ser».

Continuando sempre os tremores de terra, e por consequencia os grandes incommodos, todos que podiam começaram a edificar barracas de tabiques, e como a amizade de meu sogro com a de meus paes era muita, assentaram que ambas estas familias edificassem as barracas no quintal dos meus tios, os condes da Ribeira Grande, que moravam na Junqueira. Minha tia, a Condessa da Ribeira, D. Margarida, vivia muito christãmente, regia a sua casa, que parecia um convento, commungava muito a miudo, e fazia regularmente

a sua oração mental; estes bons exemplos faziam com que a sua familia, que era muito numerosa, a imitasse. *Eu via isto e me parecia bem, mas ainda a não imitava.* Veio a minha tia poucos dias depois de eu alli estar, e disse-me, que estava alli o P. Malagrida, que a vinha visitar, e que ajustara com elle vir ser seu hospede, porque queria (25) alli dar os Exercicios de Santo Ignacio, á gente que alli se achava e a sua familia, se lhe queria eu fallar. Respondi-lhe que sim, e que já duas vezes lhe tinha fallado. Fui portanto fallar-lhe, sem atenção alguma mais do que cumprimentá-lo, venerando nelle aquella grande virtude, que geralmente ouvira dizer que elle possuia, mas sem ter delle maior conhecimento do que pela fé dos outros; só tinha fallado com [o] Padre de cumprimento e sem particularidade alguma. *Alli em casa de meus tios* começou o Padre a dar os Exercicios de S. Ignacio, a que assisti junto com as nossas tres familias, que eram muito numerosas, e me parece que seriam algumas tresentas pessoas que naquelle sitio os tomaram. A santa vida que o Padre alli fazia, contribuia para fazer a sua doutrina ainda mais proveitosa, porque com o exemplo que dava tambem convertia. Deste modo me ia N. Senhor chamando cada vez mais para o seu serviço, agradando-me muito a doutrina do Padre e o seu modo de vida.

Um dia fui-me confessar a elle, e por uma acção natural, *que não sei o que me moveu a ella,* sem

estudo algum, me achei de joelhos deante d'elle, tomando-lhe a benção, como vulgarmente se faz aos padres de S. Francisco. Fiquei envergonhada de ter feito aquillo, que se não costuma fazer aos padres da Companhia, e se o fiz foi porque Deus assim o permittiu sem eu mesma saber o que fazia. Achei aos seus pés toda a consolação, porque ainda que não era confissão geral, comtudo achava uma facilidade mui grande de me explicar com elle, e de lhe dizer resumidamente quanto tinha padecido de escrupulos desde a idade de quinze annos até á em que então me achava (26) e que tinha andado dezoito annos a confessar-me immensas vezes do que fizera desde a idade de doze annos até aos quinze, sempre repetindo a mesma confissão, umas vezes parecendo-me ter dito pouco, outras vezes que os mesmos escrupulos me fizeram dizer mais do que era, parecendo ser peccado o que não era; e na verdade que sendo o meu genio resolutu para tudo, nas materias de consciencia era summamente pressa e atada. Elle tendo ouvido tudo quanto lhe relatei, me disse que não tornasse mais a fazer confissão geral daquelle tempo, e pelo decurso do tempo, quando teve todo o conhecimento da minha consciencia, apertou mais este ponto; porque me disse que nem na hora da morte o fizesse, e que se alguem me aconselhasse que o fizesse que não tomasse o conselho, e que tomando elle sobre si esse ponto, descansasse eu, que elle seria

responsavel a Deus, e que para sarar dos escrupulos seria muito conveniente que commungasse a miudo e que o fizesse cada oito dias. Fiz o que me mandou, e me fiquei confessando com elle sempre que as suas occupações lhe permittiam, e eu podia ir onde elle estava. Da mesma sorte ia ouvir os seus sermões e doutrina ao que devo summo beneficio, porque ainda que a primeira vez que fui aos seus pés confessar-me, a graça de Deus para me declarar era abundante, eu me apresentei como mettida em uma trouxa tosca, sem saber enfeitar-me com as preciosas joias que Deus mettera nella, e se puz este adorno em ordem devo-o a elle; conheci que este era o confessor que eu desejava, e que Deus me destinava para me ensinar a ser santa, (27) como na verdade tinha boa vontade de o ser; e elle de me ensinar; por consequencia não havia Deus de faltar em ajudar esta obra com sua graça.

Comecei a fazer oração mental só um quarto de hora; passado pouco tempo me mandou fazer de meia hora; poz todo o seu cuidado em mortificar-me as paixões, e me ordenou que cada dia contasse as vezes que o fazia, e á noite que dêsse graças a Deus do que tinha feito por seu amor. Eu me achava á noite com quinze ou vinte actos destes e este exercicio continuado me fez grande beneficio. Tambem fazia algumas pequenas mortificações dos sentidos, mas não coisa que me doesse, porque o padre não queria muita coisa

junta nem espantar-me no caminho da virtude; queria pouco mas bem feito, e animar-me sempre para ir para deante, porque o meu genio activo e apresado queria voar depressa na perfeição. Mas, se alguma vez succedia cair em alguma culpa leve, me desconsolava muito e lhe dizia: «Padre, eu tenho negação para ser santa porque, não obstante o desejo que tenho, não correspondo, porque cahi em tal e tal defeito, e não presto para nada». Elle me animava muito e me dizia que isto se não fazia de repente, e que elle se contentava que eu cada anno me emendasse de um defeito, e que não desistisse da empresa por pouco habil. Como me dava um prazo tamanho para a emenda, me animava e me tornava a consolar para ir para deante. Mandava-me fazer o exame de consciencia (28) todos os dias, mas depois elle mesmo m'ó tirou, como eu era summamente escrupulosa, que para uma das confissões de oito dias, eu lhe disse que o exame me tirava o somno daquella noite, e no outro dia de manhã não me ia confessar com um exame de menos de duas horas, elle que viu o pouco fundamento de tão largo exame, me prohibiu com receio que eu endoidecesse, e dahi por deante não queria mais exame para as confissões de oito dias senão de um quarto de hora antes de me confessar, e que se me esquecia mais alguma coisa, que não me importasse. Elle se compadecia muito da grande cruz que eu padecia com os escrupulos e me dizia: «Coitada, V. Ex.»

tem uma consciencia espinhante que a mata,» Procurava elle curar-me deste mal com o maior cuidado e paciencia, e achei grande socorro nas regras que para isso me dava; mas sempre lhe dei trabalhos, porque nunca deixei de padecer de escrupulos. e quando me tirava um, logo me appareciam outros; aos seus pés socegava destes, mas dahi a nada appareciam outros.

Comecei a ter grandes desejos de fazer penitencias que não fossem senhoris, como eram as que até alli fazia como eu em uma grande mesa deixar de comer de um prato melhor, ou deixar de cheirar uma flor pelo amor de Deus, etc. Estas bagatellas me pareciam já nada; appetecia coisas que me doessem bem, e pedindo ao padre que me deixasse pôr cilicio, elle o não quiz. *Tratou com desprezo estes meus fervores e m'os não consentiu, dizendo-me que elle não fazia caso disso nem o queria, porque a penitencia verdadeira era a mortificação das paixões, que emquanto eu não tivesse esta, que não era capaz de pôr um cilicio, nem elle o queria.* Esta (29) mesma prohibição me accrescentava os desejos de penitencia; e eu fazia argumentos a mim mesma dizendo: «Ora é possível que, sendo o meu genio vivo, appressado e resolutu para tudo quanto ha, que me não hei-de servir d'elle para a virtude!» Este argumento me estimulava para seguir com força a viagem que intentava do caminho do ceu.

Quando eu estava com mais vontade de

aprender fui fazer dez dias dos Exercicios de S. Ignacio com o padre á Carreira dos Cavallos onde o padre os estava dando ao povo, e fui com minha mãe lá fazê-los, sendo da nobreza as unicas duas senhoras que, cortando por respeitos humanos, acceitámos o convite que o padre nos fez para isso, porque cá em Portugal não havia esse costume, e nós ambas iamos para lá pela manhã, e jantavamos lá no nosso cubiculo, onde estavamos até ás Avé Marias, e depois nos recolhiamos para nossas casas, e tornavamos pela manhã para lá. No ultimo dia dos Exercicios veio o padre despedir-se de nós, dizendo que o Padre Preposito o mandara recolher ao convento, e que elle entendia que era para tratar de sua saude e para descansar das suas fadigas espirituaes, o que lhe custava muito. Porem no dia seguinte vim a saber que a côrte o mandara degredar para Setubal, com o pretexto de que o seu prelado o mandara que fosse para lá tratar do Recolhimento de Ursulinas que elle pretendia lá fundar, o padre me veio dizer isto quando se veio despedir de mim para partir, e como me não achou em casa se foi embora sem eu lhe falar. E sendo inexplicavel a pêna que tive de me (30) separar d'elle, quanto mais vontade tinha de aprender, e maior se tornou como não pude receber a suas ultimas instrucções para me adeantar na vida espiritual. E chorei tantas lagrimas e tantos dias que nem podia aparecer a

ninguem pela saudade que tinha da sua doutrina, e me parecia que sem ella não podia adeantar-me como eu queria; é certo que Deus da sua parte não havia de faltar com sua graça, e foi tanta a que Elle poz nas cartas do padre para mim, que suppriu com ellas a grande falta que eu imaginava me faria a sua separação.

Alem das cartas particulares, em que me dava as melhores doutrinas, escrevia uma cada mez que era parecida ás praticas que eu lhe ouvia fazer, porque era uma exhortação para a vida perfeita: esta exhortação era para servir a tres pessoas que a liam, que eram: minha mãe, a Marqueza de Angeja e eu. A mim é que a remettia para eu a repartir ás pessoas acima ditas, e podia servir ao mundo inteiro porque estava cheia de espirito e de excellentes doutrinas. Com ellas me fui regendo, mas padeci muito porque não podia perder a saudade do padre, e não achava consolação em me confessar a outrem, porque sempre me lembrava o que tinha perdido, e nenhum, por bom que fosse, me parecia como elle. Porque alem de eu ser naquelle tempo summamente escrupulosa, conhecia que o P. Malagrida tinha uma luz especial para conhecer em tudo o meu interior; parecia que me via por dentro para me adivinhar todos os meus defeitos, e houve occasião em que eu me (31) certifiquei que elle tinha conhecimento até daquillo que não era e que podia sêr agradável a Deus! como

melhor explicarei em logar mais próprio, para não fazer digressão.

Tendo eu escutado a doutrina do Padre o tempo que pude em Lisboa e depois que foi para o seu disfarçado degrêdo a Setubal, pois todos sabiam que o era, tendo recebido por cartas a mesma doutrina, me achava com dez mezes de apprendiz na sua santa escola, e estando a seu tempo prenhe de oito mezes do meu ultimo filho Antonio, lembrando-me que podia morrer de parto, me resolvi antes disso ir a Setubal fazer os Exercicios de S. Ignacio com o P. Malagrida que lá estava dando-os ao povo, e confessar-me geralmente a elle, só aquelle anno, porque elle me não queria admittir já outros, mas naquella annual era rigoroso e não a dispensava por coisa alguma de modo que pelo tempo adeante, querendo eu uma vez deixar de a fazer, parecendo-me que não tinha necessidade disse: «Não se canse, que não escapa, porque V. Ex.<sup>a</sup> não é mais santa que S. Luiz Gonzaga; elle o fazia todos os annos, porque o não fará V. Ex.<sup>a</sup> tambem?» Eu logo me sujeitava, porque em elle me dizendo as coisas, promptamente as abraçava a minha vontade, de modo que não sentia a menor violencia em lhe obedecer, porem este mandado foi ao depois pelo decurso do tempo. Agora continuando a minha conta de discipula de dez mezes, tenho tambem memoria do beneficio que Deus me fez de me dar todos os meios que eu podia desejar para me adeantar no

seu serviço, sendo o primeiro achar no Conde de Atouguia uma vontade prompta de se não embarçar nada nas coisas que eu conhecia eram conducentes para isso, e unicamente lhe escondia as minhas penitencias, porque temi que elle m'as embarçasse com o receio que me fizessem damno á saude: *Em tudo o mais condescendia elle mostrando boa vontade, e eu, aproveitando-me della* lhe pedi que me levasse a Setubal para o fim que acima digo; elle o fez. Sahi de Lisboa com um dia sereno e bom, e logo a pouco tempo de nos (32) embarcarmos começou a fuzilar, e de ahi até Setubal foi succedendo tudo quanto podia impacientar o Conde e desgostá-lo da jornada; porque sendo elle Capitão de cavallaria e indo em um cavallo de que fazia gôsto, ao desembarcar *na Moita* quebrou uma perna *o cavallo* e se armou uma trovoada tão horrorosa com relampagos, e chuva monstruosa que parecia se acabava o mundo. Eu que ia em uma sege com uma creada olhava para traz e via o Conde a cavallo, ensopado em agua, e correndo-lhe pelo chapéu duas bicas della por cada canto, eu ia-me consummindo-me, vendo-o com tanto incomodo; mas os soffreu com tão bom modo que nem levemente me mostrou que lhe tinha custado. Cheguei á Casa dos Exercicios e assim que me apeei cessou inteiramente a tormenta; não choveu mais nem uma pinga de agua, e se poz o tempo precioso, por cuja razão me lembrou se o inferno armaria aquella tormenta, para me

espantar e embaraçar a jornada, fazendo-me tornar para traz, porem esperando que Deus me ajudasse a vencer tudo sem perigo, me animei, e assim succedeu. Confessei-me ao P. Malagrida antes de começar os Exercicios, tendo-me eu confessado onze dias antes em Lisboa a outro confessor, e pela misericordia de Deus não tinha senão algumas imperfeições que me parece não chegavam a ser peccado venial; elle depois de ouvir a confissão dos taes dias, como era summamente cuidadoso na minha alma, disse-me: «Ora reparo, que tendo eu dito a V. Ex.<sup>a</sup> que se confessasse de oito em oito dias, traz-me uma confissão de onze dias». Eu lhe (33) respondi com verdade que ainda que eu sempre o tinha feito, que naquella occasião dilatara por mais tres dias a communhão pela esperança em que estava de confessar a elle em Setubal, porque tinha mais consolação de me *confessar com elle do que com outros. Elle se enfadou infinito commigo de dilatar a communhão por este gostinho dizendo-me: «Confessar a todos, e governar um só.»* E foi bem feito o rigor com que me tratou nisto, porque como eu era ainda nova, julguei ter-lhe dado uma grande razão, porem quando o vi tão enfadado, é que conheci que eu a não tinha.

Comecei neste tal dia os Exercicios, que era dia de S. Antonio, e comigo os tomaram juntos nove sacerdotes e parece-me que quinze pessoas do povo; no fim fiz a minha confissão geral dos

dez mezes de discipula delle, e no fim della me disse que como achava emenda na minha vida, que me dava licença para pôr o cilicio, que eu lhe tinha pedido havia tempo, e que passado o meu parto o podia pôr trez vezes na semana duas horas cada dia, e que tambem me aconselhava que tomasse um padre espiritual a quem obedecesse e dêsse conta exacta não só do mal que fizesse, mas tambem do bem, e dos bons desejos de servir a Deus que por mim passassem. Eu fiquei pasmada de elle tal me dizer porque eu me suppunha incapaz de ter padre espiritual, nem de dizer de mim nenhum bem, porque me parecia que o não havia, nem era coisa que eu dissesse. E como estas razões me parecessem muito verdadeiras, mais me admirei que elle instasse para que eu me entregasse a algum, e eu vendo isso lhe disse que em tal caso que o tomava a elle, ao que me respondeu: «Pois V. Ex.<sup>a</sup> (34) quer este pobre burro!» Eu lhe disse que achando que elle o não era, o tomava com muito gosto. «Está bem», me respondeu elle. Deste dia por diante comecei a ser dirigida formalmente pelo P. Malagrida, porque ainda que eu por ouvir a sua doutrina procurava fazer o que elle me dizia, e com tanto gosto, que não sentia violencia em coisa alguma, escutava-o nas praticas, nos confessionarios e por muitas cartas, mas comtudo não sabia o que era ser dirigida. Elle é que me foi ensinando de sorte que, depois de o perder, todos quantos confes-

sores e directores tive, nenhum reprovou nada do que elle me disse, e da forma de vida em que elle me poz, e foi o seguinte, de que eu já fazia algumas coisas pela sua mesma lição.

Jejuava sextas e sabbados. isto foi toda a minha vida, e quando tive saude; fazia o retiro espiritual uma vez cada mez, os exercicios de S. Ignacio dez dias uma vez cada anno e no fim delles a confissão geral daquelle anno; todos os dias lia um bocado de lição espiritual, conforme o tempo e occupações do seculo me permittiam; duas horas de cilicios tres vezes na semana; até alli só fazia meia hora de oração mental, mas o padre disse-me que já era vergonha fazer tão pouca oração e queria que dahi por deante fizesse uma hora; eu a fazia em os novissimos do homem, e a fui continuando, indo muito pelo caminho do temor de Deus e das penas da outra vida; depois me disse o padre que queria que eu me fizesse bem mestra na virtude da conformidade com a vontade de Deus e que quando fosse para Lisboa procurasse o tratado desta virtude (35) que vem nas obras do P. Eusebio Nieremberg; e no ultimo dia que acabei os Exercicios disse-me que tinha gosto que eu fallasse e cumprimentasse os nove sacerdotes que comigo tinham sido exercitantes. Depois de o fazer, parti para Lisboa e na jornada tive o contratempo de se me tombar a sege, eu mesma não sei como, porque foi em caminho plano e excellente,

ficando uma roda para cima e outra para baixo; mas graças a Deus sahi sem perigo, nem o teve a creança de oito mezes de que estava prenhe.

Chegando a minha casa vi meu pae com cara triste, minha mãe da mesma sorte, e todas as mais pessoas da familia com ar melancolico; a minha filha Leonor ás portas da morte com uma maligna que lhe deu no dia em que eu comecei os Exercicios em Setubal. Cresceu o perigo muito e deitou pela bocca uma postema. Eu escrevi ao padre dando-lhe parte da queda que tinha apanhado na minha volta para Lisboa, e do que tinha achado na minha casa, e pedindo-lhe orações pela menina, de cuja queixa eu não tinha sido sabedora, porque minha mãe com muito juizo (de que era dotada) me escondia tudo para eu lá fazer os Exercicios com socêgo, dizendo nas cartas que me escrevia: «A tua familia está boa», referindo-se aos creados della. Como eu tinha deixado os filhos com elles na companhia de meus paes, muito socegada com estas novas assentava que os filhos estavam bons. Chega-me a resposta do Padre muito enfadado, dizendo-me estas palavras: «Se V. Ex.<sup>a</sup> tivera já lido (36) o tratado da conformidade com a vontade de Deus, escusara agora de me escrever semelhante carta, mas já que tem animo de embargar a felicidade da sua filha innocente, que remedio tenho eu senão cair no mesmo erro, por cuja razão farei por ella algumas penitencias e orações».

Depois desta reprehensão me dava então os melhores documentos sobre a conformidade com a vontade de Deus, exhortando-me a uma total entrega a este Senhor para tudo quanto elle quizesse e fosse servido, sem eu a ter minha em nada; concluindo que se eu muitas vezes me teria entregue em jornadas a um barqueiro bebado ou a um cocheiro desatinado, quanto mais seguro não era entregar-me A'quelle Deus para que Elle me regesse e governasse como Elle quizesse e me conviesse, sem ter vontade propria em nada. Eu logo ficava convencida das suas razões, mas como era muito pegada com a minha familia, ainda que a parte superior se sujeitava ao que Deus quizesse, era fazendo-lhe grande força, porque a inferior gemia, e era preciso que a razão a arrastasse a fazer a sua obrigação.

*Sarou Leonor da doença, ficando sempre com saude delicada, mas o Padre não cessava, por cartas, na recommendação da conformidade e que buscasse o tratado para ella. Eu não achava o tal livro, dizia-me elle que, se o não achasse, me remediasse com o tratado della que vem em Alonso Rodrigues. Emfim entrou-me pela porta dentro um livro, que me mandaram de Rilhajoles, onde eu naquelle tempo não tinha conhecimento algum, junto com uma carta do Padre para aquelles religiosos, em que lhes dizia: «A Condessa de Atouguia, que deseja aproveitar no serviço de Deus, precisa das obras do Padre Nieremberg, e eu*

*peço-lhes emprestem! Assim me achei com ellas e as fui lendo e estudando naquelle excellente tratado.*

Nosso Senhor não tinha comigo ociosa a Sua graça antes a derramava sobre mim com abundancia. Tive o meu parto com bom successo e depois de convalescer delle comecei a pôr o meu cilicio tres vezes na semana, mas isso não me parecia nada porque tinha tantos desejos de satisfazer a Deus que desejava fazer muitas penitencias: O padre não consentia e quanto mais elle m'as difficultava, mais crescia o desejo que eu tinha de fazê-las. Ultimamente depois da minha diligencia para fazer muitas mais penitencias, só consegui licença para (alem dos tres dias cada semana) pôr cilicio tambem nos sabbados (37) de Nossa Senhora, Mas isto me parecia nada e egualmente em tudo cresciam em mim os desejos de perfeição e de agradar a Deus em tudo, sentindo tambem muito que Deus fosse offendido por todas as creaturas, de sorte que dalli por deante perdendo os temores dos castigos da outra vida, comecei a amar a Nosso Senhor mais solidamente, que era só por ser quem é, custavam-me infinito as offensas que geralmente se faziam a Deus, e desejava que Nosso Senhor fosse amado de todos. Perdi o gosto dos enfeites e divertimentos sem que o padre m'os prohibisse, porque a sua doutrina era tão solida, tendo-me capacitado o entendimento das verdades eternas, e feito estudo dez mezes em mortificar as paixões,

isto produziu o effeito de eu aborrecer ambas as coisas e que só me dêsse a empregar-me em servir a Deus, desejando muito fazê-lo com perfeição.

Para isto busquei todos os modos que podia imaginar, sendo um delles o empregar-me em pagar as dividas do meu sôgro que já era morto, e para isto pedi ao Conde de Atouguia, meu marido, que me dêsse as rendas competentes para eu lidar só com isto, e elle ficar alliviado deste trabalho, reservando elle para si o de governar o resto da sua casa, mas dando-me as rendas para as dividas, para eu as cobrar da minha mão; e Deus me ajudou neste emprego de sorte que em menos de dois annos que só fomos senhores da casa, eu lhe mostrei um rol de trinta mil cruzados de dividas, que paguei, do seu pae. Tinha em casa por caridade uma hospeda que ficou sem paes, e sem amparo pelo terremoto, por cuja razão meu sogro lhe dava (38) na sua casa sustento, e o Conde a conservou por morte de seu pae. Esta hospeda me tomou um aborrecimento tão grande que me não podia ver, e eu muitas vezes a ouvia dizer a uma prêta que a servia em minha casa, mas que eu era quem lhe dava de comer, a sustentava e vestia (porque sua ama lhe faltava com ambas as coisas), ella padeceria infinito se eu a não contemplasse, (ouvia) a hospeda dizer-lhe que se eu a mandasse fazer algum a coisa que a não fizesse, e mesmo se a

chamasse que me não respondesse. Eu tudo isto ouvia, mas dizia comigo: «Sofrerei isto em minha casa pelo amor de Deus, e Elle me conservará o Conde, já que me fez senhora da casa inteira; esta mulher não tem nada de seu; que faço eu em dizer ao Conde de Atouguia todas estas ingratições, e elle sem duvida a mandará fóra de casa. Pois hei-de-lhe guardar segrêdo, soffrerei-a pelo amor de Deus, e assim agradecerei o mesmo Senhor de me ter dado a mim mais do que a ella». E assim o fiz sempre em quanto se não acabou a minha casa, e por fim já me não custava soffrê-la; ás vezes me dava vontade de rir quando a ouvia ensinar á prêta que me desattendesse.

Como me fazia grande pêne que Deus fosse offendido pelas creaturas, Nosso Senhor se serviu della para permittir que eu visse em Lisboa quanto Elle era offendido, e me succedeu indo na minha carruagem vêr com os meus olhos peccados publicos em algumas ruas, que me trespassavam e augmentavam os desejos que eu tinha de desagrar a Nosso Senhor com penitencias pelos meus peccados e pelos alheios. Comecei a instar com o padre que me deixasse fazer penitencias e lhe pedi que me (39) deixasse trazer cilicio todos os dias continuamente. Porem não consentiu senão depois de se ter passado algum tempo, e então que o puzesse só tres horas todos os dias, mas logo que fiz isso me pareceu nada e tinha desejos de fazer mais penitencias; desejava tomar

disciplina, já estava com ellas em casa, vendo se achava modo para pretender que o padre me deixasse usar dellas, mas como não podia descobrir meio de ellas fazer[em] o seu officio sem se saber em casa, ainda as conservava sem uso, sempre com esperanças, e por essa razão me não desfazia dellas; porque com as difficuldades que o padre punha de eu as não usar, crescia mais a vontade que eu tinha de padecer por Deus, chegando-me a fazer pena não ter então trabalhos, e os desejei para os offerecer ao mesmo Senhor e com tal efficacia que sem conselho do padre nem de ninguem, chegou um repentino fervor de espirito com tal força que eu os pedi a Nosso Senhor, que me dêsse muito que padecer, porque tudo queria padecer por seu amor. Tendo feito isto fiquei muito satisfeita e não disse ao padre nada do tal meu imprudente offerecimento, nem a pessoa alguma desta vida, só eu o sabia e Deus.

Como já naquelle tempo era muito manifesto o odio do Ministro de Estado de El-Rei D. José contra a Companhia de Jesus, e eu e minha mãe desejavamos fazer os Exercicios de S. Ignacio com o P. Malagrida, assentou minha mãe que fossemos ambas para Arrabida passar a Semana Santa, que era muito perto de Setubal, e que indo o padre lá dar os (40) Exercicios aos Monjes daquelle sitio, ali os tomassemos com elles. Assim se fez avisando o padre do dia em que lá havíamos de chegar, para elle tambem lá ir no

mesmo dia encontrar-nos. Mas na vespera de nós partirmos para lá me disse uma pessoa que um camarista de El-Rei (foi o Marquêz de Angeja, D. Pedro) lhe dissera que tinha ouvido dizer a Sua Magestade que o P. Malagrida era ridiculo, e um louco; porem como eu tinha grandes provas da sua virtude nada perdeu para mim do conceito que delle tinha, e só me deu pênã que no de Sua Magestade estivesse aquelle grande servo de Deus tão desprezado. Nada disse a pessoa alguma, e fui para Arrabida com a minha mãe, e lá fizemos com elle os Exercicios.

O padre chegou á Arrabida e depois de nos cumprimentarmos começou a conversar com a minha mãe em coisas indifferentes (que eu estava ouvindo) mas que sempre se encaminhavam para Deus, e de repente pondo os olhos em mim disse: «A Senhora Condessa nunca peça a Deus trabalhos, porque somos muito fracos, e quando elles são grandes ás vezes esmorecemos nelles; a regra certa é aceitarmos os que Deus nos dêr quando chegarem, mas nunca pedi-los». Acabando de me dizer isto com muita efficacia, continuou a fallar com a minha mãe e com as pessoas que alli estavam, que me parece que era o meu irmão segundo José Maria. Eu fiquei assustada, porque já os tinha pedido a Deus sem lhe ter dito nada; tamqem vi que Deus lôra quem lhe communicara o meu interior e o que nelle se passava, mas tomei aquillo como um conselho do que devia

fazer dahi por deante, porque nem (41) por sombras me lembrava da qualidade de trabalhos que Deus me tinha destinado, nem mesmo que os teria, nem que a minha petição fosse ouvida.

Começámos os Exercicios de S. Ignacio nos fins de Março e me parece que acabámos perto do dia vinte e cinco do mesmo mez, e estando na semana santa; em um dia dos Exercicios disse-me minha mãe: «Sabes o que me disse o P. Malagarida vermelho como um lacar? Tomara eu que V. Ex.<sup>a</sup> visse se o Marquez seu marido, quer da minha parte dizer a El-Rei, que digo eu, que se não emendar da sua vida e consentir que se faça a casa de Exercicios, para a emenda dos seus vassallos, que Deus tem determinado castigá-lo; que isto lhe mando eu dizer, que depois de elle o saber, da minha parte não se me dá que elle me mande cortar o pescoço». Minha mãe que não sabia o modo como Deus castigaria ao Rei, prudentemente lhe disse, que não tocava a meu pae o fazer-lhe aquelle aviso, nem se encarregava de tal. O Padre lhe acrescentou: «Pois não tem algum parente que lhe queira dizer?». Respondendo-se-lhe que não, tornou o padre: «Valha-me o Ceu, tomára avisar a El-Rei, mas não tenho por quem, porque hade ser castigado por Deus». Dalli a dois dias disse-me a mim o padre: «Tem V. Ex.<sup>a</sup> algum parente que da minha parte dê este recado a El-Rei?» que era o mesmo que acima vai dito. Eu que me lembrava o que seu camarista tinha

dito havia tão poucos dias, e que nem ao pensamento me vinha a qualidade do castigo que Deus daria a El-Rei, disse tambem ao Padre que não (42) tinha quem lhe dêsse tal recado. Se m'ò dêsse para um parente meu ser castigado, lhe daria, pelo grande conceito que eu tinha da virtude do padre, mas irem pessoas particulares annunciar castigos a um Soberano, da parte de uma pessoa que elle não só não tinha por santo, senão por ridiculo e doido e de quem nada gostava, com uma certeza de que elle fazia este conceito d'elle, era fóra de todas as regras da prudencia dar-lhe tal recado.

Continuei os Exercicios, e no dia ultimo que me confessei geralmente aquelle anno ao padre, no fim da confissão elle me disse: «Senhora Condessa, Deus tem destinado dar-lhe trabalhos, é preciso estar aparelhada para elles». Fiquei alguma coisa assustada, mas não os recusei, nem me veio ao pensamento quaes elles seriam (menos que seriam da natureza que foram), porque da traição de El-Rei D. José, nem eu, nem meu marido, nem meus paes, nem meus irmãos sabiamos nada, e todos estes nomeados morreram innocentissimos. Eu só respondi ao Padre quando na confissão m'os annunciou: «Pois faça-se em mim a vontade de Deus», e não lhe perguntei quaes seriam os trabalhos. Disse-me tambem nesta confissão que dahi por deante deixasse a meditação dos novissimos do homem, que até aquelle tempo tinha feito, e que passasse a meditar na Paixão de Christo.

Tornei a instar com elle para me permittir mais penitencias, e até a argumentar-lhe dizendo-lhe por que razão me queria elle dilatar no Purgatorio e que sendo tão (43) rigoroso comsigo porque o não consentia que eu o fosse comigo. Respondeu-me que não queria em mim vontade propria, senão obediencia, e que me seria mais proveitosa esta pouca penitencia por obediencia, do que muita por minha vontade: *e eu me sujeitei á sua ordem.*

Como era o ultimo dia de Exercicios e em que haviamos partir para Lisbôa, veio o Padre nesse dia jantar comnosco, o que até alli não tinha feito, e lembrando-me ao jantar com pênna que me havia de separar d'elle, tornando elle para Setubal, e que eu fazia aquella devoção uma vez cada anno, disse-lhe: «Hoje nos vamos meu Padre, agora quando nos tornaremos nós a ver?» Respondeu-me elle: «Daqui a seis meses, mas agora serei eu quem vá fazer a V. Ex.<sup>a</sup> uma visita, porque V. Ex.<sup>a</sup> já me veio fazer cá duas; é justo que eu a vá visitar a Lisbôa». Fez-me novidade o tempo de seis meses, porem fiquei muito contente esperando segundo a grande fé que tinha da sua virtude, que assim se cumpriria e que o seu degrêdo teria fim; mas assustavam-me alguma coisa os trabalhos que elle me tinha vaticinado, e como o Conde de Atouguia tinha havia muitos annos, vomitos, sempre que acordava: discorri comigo se estaria o Conde para me

morrer daquelles vomitos, e parecendo-me este golpe o maior de todos para mim, andava muito cuidadosa e assustada com a sua vida.

Quando vinhamos pelo caminho, como tinha deixado os filhos em Lisbôa e era muito pegada com elles, perguntei ao Padre se me seria permitido, tendo acabado os Exercicios ir-me alvoroçando na esperança de ver os meus filhos. Respondeu-me que lhe parecia muito justo e natural. Esta resposta em tudo se semelhava com a grande prudencia (44) e suavidade com que sempre na sua direcção me conduzia para Deus. Porque sendo elle de natural vivo, e parecendo ás vezes forte, sempre me intimou a palavra de Deus com muita brandura (excepto nas duas que fallo em outros logares, que se enfadou comigo) e me dizia *que me não queria fazer medonho o caminho da virtude, que m'o queria mostrar facil para me convidar para elle* que não me queria beata de cabeça á banda, que me queria bôa por dentro e alegre por fóra, que servisse a Deus com muita alegria, e fizesse no seu serviço todo o bem que pudesse, e quando não pudesse, que não importava porque supria a bôa vontade: que fizesse a minha oração mas que, se o Conde me chamasse quando estivesse a ella, que a largasse e fosse fazer companhia para lhe não ser fastidiosa nem lhe servisse de incomodo a minha devoção; nem tão pouco que perturbasse as horas do seu cômer etc. Que tratasse eu com pessoas boas

entre estas me inculcou a amizade da Marqueza de Angeja, D. Francisca, dizendo-me muitas vezes que ella era um pedaço do Ceu, e em uma carta que por ella me escreveu me dizia, que como eu lhe dizia que era muito frouxa na virtude, que queria que tivesse aquella amiga, porque assim como uns carvões estando apagados se accendem com a faisca de outro que esteja acceso, fazendo juntos um lume luzido, assim me podia succeder estando com ella. Esta carta foi o que fez a minha amizade com a Marqueza com quem até alli não tinha confiança e era para mim uma pessoa de cumprimento, e a tenho conservado sempre, tendo-me ella dado conselhos de maior perfeição para Deus sempre que lhe tenho fallado, e sendo-me muito agradavel o seu trato e boas qualidades, nada me custou obedecer ao Padre Malagrida.

No caminho de Azeitão, para onde ia o Padre, nós (45) despedimos d'elle, para proseguirmos a nossa jornada para Lisbôa, e logo a poucos passos minha mãe me disse que o Padre se enternecera na despedida; no que eu não tomei sentido, mas pelos successos que depois se seguiram conjecturo que a ternura maior foi especialmente a respeito da minha mãe.

Cheguei a minha casa e como sempre no tempo dos Exercícios achava alguma coisa que me desgostasse, desta vez achei que no dia em que eu na Arrabida comecei os Exercícios, andava;

meu filho Luiz brincando no quintal dos Condes da Ribeira na Junqueira, veio uma pedrada perdida de outros quintaes alli vizinhos que lhe ia tirando um olho, e o achei com elle tão inchado e denegrado que temi se lhe vazasse o olho. Estas bagatellas cuidava eu ser o principio dos trabalhos que me vaticinou o Padre *ou o complemento delles*. Dahi a pouco tempo me adoeceu a minha terceira filha, D. Rosa de Atayde que era muito minha valida e de toda a familia. Na sua grande doença queria o Conde de Atouguia que eu pedisse pelos conventos e a pessôas de virtude orações pela sua vida; eu não o quiz fazer porque alem de me querer em tudo conformar com a vontade de Deus, tambem achava conveniencia em que Nosso Senhor me trocasse a sorte, de ser ella antes que me morresse de que o Conde seu pae, em cuja vida eu andava com tanto susto. Morreu em fim a menina; eu dei a Deus as graças de m'a levar para o Ceu, não obstante a grande saudade que tinha della, mas a consolação da sua felicidade eterna era tão grande, que estimei mais que nunca o estado de casada que tinha tomado, sentindo-me muito humilhada com a reflexão que da (46) *minha pobre natureza que tinha pecado e offendido a Deus tantas vezes na minha vida, d'esta mesma natureza corrupta e má se servisse o Senhor para produzir uma alma para O louvar eternamente, e fazê-la feliz para sempre. Dei-lhe minhas graças por tudo. O Conde que amava muito a fi-*

lha, começou a dizer que a menina morreria porque eu não quiz pedir orações pela sua vida, mas que se algum dos outros filhos adoecesse, elle mesmo iria pelos conventos pedir orações. Eu então lhe disse que o Padre me vaticinara trabalhos, e dando a profecia delles por cumprida com a morte da menina, contei-lhe egualmente com a maior sinceridade o susto com que andava da sua vida, dando-a por salva com isto: não só contei do vaticinio ao Conde, se não a todos, acrescentando que como este se cumprira já, que agora estava esperando o Padre brevemente, porque me tinha dito que dalli a seis mezes me viria ver a Lisbôa e que estes se completavam em selembro, que já faltava pouco tempo. Isto disse sem reparo algum a quem me quiz ouvir.

Com os Exercicios acima ditos, que foram os ultimos que fiz com o Padre cresceu em mim o amor de Deus com extraordinaria força, chegando a tanto excesso que até perdi o temor das penas da outra vida: desejava fazer tudo por Deus sem premio algum, senão só por ser Deus quem é, summamente bom. De sorte que em o Domingo do Espirito Santo, que se festejava com grande solemnidade em casa da minha tia a Condessa de Ribeira, estando-se dizendo a Missa do dia, foi este desejo em mim tão forte, que apeteçi morrer e ir para o Purgatorio, para satisfazer a Deus mais depressa pelos meus peccados, ou que fosse o Senhor quem me dêsse todo o castigo delles.

cedendo eu de todas as penitencias e mortificações que tivesse feito, em favor das (47) almas do Purgatorio e pela conversão dos peccadores sem reservar nada disto para mim, e para dar tudo a Deus sem querer (outro) premio, que grangear este bem para o proximo, e para a honra e gloria de Deus. Eu queria ir ao Purgatorio pagar os meus peccados e para sempre dei então a Deus para este fim todas as penitencias e mortificações que fizesse na minha vida, e andava tão desejosa naquelle tempo de ir ao Purgatorio para satisfazer a Deus pelos meus peccados, como se pode appetecer um bom boccado quando se tem muita fome. Este pensamento tinha eu continuamente e me não largou por muito tempo, e em tantos annos que se tem passado, que penso excederão uns vinte e seis, nunca tive arrependimento nem senti fraqueza de ter feito este acto; é verdade que uma vez dalli a muitos annos tive algum temor se teria dado muito aos outros, mas logo se passou e me senti mais firme no que tinha feito para o sustentar. Fiz este acto repentino na missa do Espirito Santo, sem conhecimento do Padre nem de pessoa alguma, isto não foi voto, foi como ajuste com Deus pela força do impeto de amor para o mesmo Deus. *E nunca tive vontade de desfazer este ajuste e espero não a ter, porque gostando de cumprir a minha palavra ás creaturas, seria grande vergonha faltar com ella a Deus.* Avizei o Padre dos meus desejos e elle me respondeu que

désse graças a Nosso Senhor de ter chegado em pouco tempo a fazer este acto, porque elle, Padre, trabalhava para Deus havia mais annos, mas que tinha grande mêdo de ir ao Purgatorio, e no fim dizia: «Não cuide V. Ex.<sup>a</sup> que o Senhor a hade levar sempre pelo caminho de rosas. Ah! que será de V. Ex.<sup>a</sup> quando se vir entre os espinhos!... Prepare-se para isso». Poucos dias depois do mez de S. João tiveram sarampo (48) muito forte os meus quatro filhos; Luiz foi excepto por já o ter tido, e para os livrar deste contagio os separei para fóra de casa, logo que o primeiro adoeceu deste mal, que foi o Antonio. Depois me entraram a adoecer cada um em sua parte. que me tornou o incommodo maior para os assistir, visto estarem espalhados. O Antonio teve-o na barraca que tinhamos feito na Junqueira; Francisco em casa da minha mãe em Rio Sêco; e Leonor e Clara o tiveram em umas casas em S. Amaro que tinhamos alugado para este fim. Tive a simplicidade de presumir que estas bagatellas eram os espinhos que o Padre me promettia.

Nestas taes casas de S. Amaro, que foram as ultimas que o Conde de Atouguia na sua vida alugou, cresceram-me cada vez mais os desejos que eu tinha de amar a Deus, e de zelar sua honra e gloria, e da conversão dos peccadores. Comecei a desejar com muita força receber o Santissimo, que até alli era de oito em oito dias, ao menos duas vezes na semana *mas como era sum-*

*mamente escrupulosa*, escrevi ao Padre para este fim, dizendo-lhe que não me fiava nestes desejos, temendo não fosse isto appetite ou tentação de vaidade. Conheceu o Padre inteiramente a lucta de desejos e temores que passavam no meu interior, e me fazia um retrato delles melhor do que eu lh'o sabia explicar. Não sendo dos mais faceis na Communhão quotidiana, disse-me que descansasse, e que me dava licença para quando os desejos de Communhão fossem mais fortes, que me permittia que commungasse quatro vezes na semana; porem eu só me aproveitei duas vezes da permissão na semana, porque até de julgar os meus desejos tinha escrupulo com temores de vaidade.

Como eu tinha já feito (49) os meus actos de catholica nestes trabalhinhos que acima refiro, e que eu cuidava que com elles se tinha cumprido o vaticinio, escrevi ao Padre dizendo-lhe que me ensinasse o uso de praticar mais alguma virtude: elle me respondeu que o que queria de mim era que me fizesse bem mestra na da conformidade com a vontade de Deus,

E' certo que cresciam cada vez mais os desejos que eu tinha de que Deus fosse muito amado geralmente de todos e me fazia extraordinaria magua quando o via de qualquer modo offendido. Estes desejos da honra e gloria de Deus cresciam com muita força na Missa, de sorte que assistindo a ella os meus dous filhos, o mais velho e o se-

gundo, que ambos naquelle tempo eram gentis, quando me lembrava que a mesma bôa figura que naquelle tempo tinham, depois de homens lhes podia servir de ruina para a sua alma, me sentia trespassada de dôr, de forma que não obstante o ser extremosa no amor dos filhos, pedia a Nosso Senhor que se eu, depois de crescidos, os havia de ver andar em peccado mortal, que então os levasse para si em quanto pequenos; o mais velho naquelle tempo tinha perto de dez annos, e o segundo oito. Neste mesmo tempo quando eu estava na Missa meditando na Paixão de Christo, de repente me veio á cabeça que sendo Deus tão offendido haveria algum castigo publico, e parecia-me por varias vezes que cahia sobre a minha cabeça uma grande pedra; quando isto se me representava, e no acto de ella me cahir, dizia eu «Senhor, se para Vós serdes amado e (50) servido é preciso que no castigo publico eu padeça e a minha familia, aqui estamos Senhor todos». Sempre que me parecia cahia a tal pedra eu era logo movida a dizer-Lhe isto. Porem como não tinha ainda uso daquellas representações, nem sabia o que eram, desprezava-as como coisa de imaginação ou como apprehensão; e nem dei parte ao Padre do que nisto passava, fazendo um total desprezo do que vinha á minha imaginação.

Dentro de pouco tempo foram os padres da Companhia privados de confessar e prégar, o que a mim me custou muito, assim como o desgosto

que o Padre Malagrida teria com isto, temendo que na sua muita idade e segundo o grande zêlo que tinha em trabalhar pela salvação das almas, vendo-se por este fim impedido, que lhe não tirasse este desgosto a vida. Andava eu alguns dias com este cuidado, quando me chegou uma carta d'elle, que era a instrucção daquelle mez, e que servia para as pessoas que já vão ditas. O assumpto era sobre as calamidades de Job e da sua conformidade nellas; summamente bem feita e espirital. Era grande de algumas cinco folhas de papel in folio, e no fim della trazia um poscripto em que me dizia: «Senhora Condessa, tendo escripto tudo isto, que cuidava era para V. Ex.<sup>a</sup>, recebo a noticia agora da prohibição da Companhia confessar ou prégar, assim vejo que tudo escrevi para mim; bemdito seja Deus, em tudo se faça sempre a Sua Santissima Vontade». E ficou o Padre tão socegado e conforme que na sua mansidão recebi a maior lição da conformidade, porque é certo que o seu exemplo e santa vida me converteu, egualmente que a sua doutrina; e eu ainda que me não podia confessar com elle, sempre lhe escrevia, porque sempre recebia a (51) santa doutrina para a perfeição da minha vida e adeantar-me no serviço de Deus.

No dia 3 de Setembro de 1758 levou El-Rei D. José um tiro de que eu não soube nada senão cinco dias depois, quando esta infelicidade se começou a romper; na mesma ignorancia estiveram

meus paes, meus dois irmãos e o Conde de Atouguia. Todos morreram innocentes. Foi em um domingo á noite, e pela manhã do dito dia me tinha eu ido confessar á barraca do Rato que lá tinham os frades de S. Francisco da cidade, como costumava em todos os domingos; e á noite fui para casa da minha mãe, onde a maior parte dos dias costumava o Conde de Atouguia ir tambem, e dalli nos recolhiamos ambos para casa; mas neste dia não foi lá, porque se recolheu para casa ás Ave Marias pelo que adeante referirei; meu pai veio para casa á noite, não muito tarde; e meu irmão segundo José Maria de Tavora tambem alli estava comnosco. A's dez horas da noite, ou pouco mais, mandei chegar a carruagem para me ir embora para minha casa, e depois de ella chegada, pegou o meu irmão José Maria em um papel, que era um sermão de São Fellipe Neri, feito pelo P. João Baptista, da Congregação, cujas obras eu não conhecia e me tinha dado o Marquez de Louriçal havia dias, para eu admirar. Eu o tinha alli deixado sem o vêr, mas começando o dito meu irmão a ler as primeiras regras, gostei tanto d'elle que deixando estar posta a carruagem, o ouvi ler todo, estando presentes meu pae e mãe que igualmente se agradaram muito da sua discrição e doutrina. O sermão era muito grande, e, quando meu irmão acabou de o ler, vim-me embora para casa, onde achei o Conde de Atouguia, e era (52) quasi meia noite O Conde me

disse: «Ora Você. que quando estou em casa da sua mãe, em sendo dez horas da noite está fervendo para vir para casa, hoje que eu me recolhi ás Ave Marias, porque nesta madrugada hei de entrar de guarda na Ajuda e quiz fazer contas e governar a casa antes, para a não incommodar, logo hoje é que fez Rosa Divina em casa de seus paes, e veio tão tarde! Como não sabia já em que gastar o tempo chamei os meus filhos e estive entretendo-me com elles, e brincando com o pequeno» (que era o Antonio que tinha treze mezes). Eu lhe respondi que por lermos o sermão é que viera áquellas horas, e pedindo logo a ceia para a meza ceámos e nos fomos deitar, e na madrugada para a segunda feira foi o Conde entrar de guarda na Ajuda e eu de tarde fui para fóra. Quando á noite me recolhi, estando ceando só, por o Conde estar de guarda, disse-me o meu escudeiro Antonio Caldeira, que me servia á mesa: «Sabe V. Ex.<sup>a</sup> que hontem á noite deram um tiro em Pedro Teixeira e que se foi curar á casa do Marquez de Angeja?» Respondi-lhe com verdade que não.

No dia seguinte, que era terça feira, estando eu em casa da minha mãe cantando ao cravo, e acompanhando-me nelle um tocador chamado João Pereira disse-nos: «V. Ex.<sup>as</sup> sabem que El-Rei está sangrado?» Dissemos ambas que não. Acrescentou elle: «Pois está, porque Domingo á noite, estando Sua Magestade conversando com

Sebastião José, deu-lhe uma vertigem, que cahiu no chão, e por conta della se sangrou». Respon demos ambas que não sabiamos nada, como assim era; e como se andava então de lucto pela Rainha de Castella, irmã de El-Rei, minha mãe acrescentou (53) que tanto o não sabiamos, que o Marquez de Tavora tinha sahido de lucto. Dahi a poucos instantes, que era depois das Ave Marias, chegando meu pae a casa, o tal tocador lhe deu tambem a mesma noticia; meu pae, sem perda de tempo, vestido de grande gala, conforme o uso do Paço quando se sãngam as pessoas reaes, foi logo ao Paço saber de Sua Magestade, e tornando para casa com brevidade, disse que vinha de lá, onde achara de semana o Visconde de Ponte de Lima, pae do Visconde hoje Secretario de Estado, e que o dito Visconde, pae, lhe dissera que Sua Magestade estava sangrado, mas que elle ignorava o que Sua Magestade tinha, só sabia que Domingo passado, pelas duas horas da noite, se fôra chamar Sebastião José para ir ao Paço, e que quando este saíra dissera ao Visconde: «Senhor, Sua Magestade está muito doente, e olhe que está muito molestado», e com estas palavras se fôra embora; elle não sabia mais nada. Toda esta relação que meu pae trouxe do Paço, ouvi eu ainda sentada ao cravo, onde com todo o descanso tinha ficado cantando as minhas arias, e minha mãe ouvindo-as.

No dia seguinte que era quarta feira começou-se a espalhar que El-Rei estava sangrado por ter dado uma queda, mesmo no Paço; e nisto se variava, uns dizendo que fôra queda, outros que era vertigem, não estou certa; nessa mesma quarta feira ou na quinta havião umas serenatas por dinheiro em que cantava uma cantarina, onde iam fidalgos e povo. Nesse dia estando sangrada a Marqueza de Louriçal D. Josepha, eu a fui visitar com a minha mãe, e achando lá infinita gente de fidalgos e senhoras, entre estas, veio a Marqueza de Angeja; eu (54) cheia de sinceridade e ignorancia do caso disse alto e deante de todos á Marqueza de Angeja; «Aqui está quem me pode tirar da duvida, de uma novidade que me deu o meu escudeiro na segunda feira á noite, que o Pedro Teixeira no domingo á noite levára um tiro e que se fôra curar a casa de Você; é certo Marqueza de Angeja ou não?» A Marqueza respondeu muito perturbada: «E' certo que alli perto de nós móra um cirurgião». Do modo com que ella me respondeu, percebi que teria havido alguma coisa que ella me não queria dizer, mas não sabia o quê. Só fiquei com pêna de lhe ter perguntado coisa que percebi que ella não queria dizer. Despedi-me para me vir embora. Na casa de fóra disse-me o Marquez de Louriçal ao ouvido, muito em segredo: «Que tem El-Rei?» Disse-lhe: «Não sei». Respondeu elle em segrêdo: «Uma balla.» Eu estava tão fóra do que, era, que não o entendi

e respondi-lhe: «Uma balla, eu não sei que queixa seja essa». O Marquez me respondeu: «Uma balla, um tiro, indo com Pedro Teixeira». Fiquei pasmada, e mettendo me na carruagem com minha mãe, disse lhe: «Estou pasmada do que me disse agora o Marquez de Louriçal»: e minha mãe também o ficou e me respondeu, «Jesus! que infeliz Principe, isso será verdade? mas se o é? que confiança, um tiro a um Rei!»

Fui pôr minha mãe em casa, e ao mesmo tempo chegava meu pae da serenata e perguntou-me o que havia de novo. Eu lhe contei o que acabava de me dizer o Marquez de Louriçal, e elle me respondeu: «Assim se rompeu na serenata» e esta foi a primeira vez que ouvimos que El-Rei tinha levado um tiro, o qual meu pae sentiu tanto, que dahi a (55) alguns dias, tendo-se dito que El-Rei tinha uma erisipela no lugar delle e que estava mal, vi chorar meu pae, por El-Rei, e dizer estas palavras: «Sinto infinito, porque tenho natural inclinação a El-Rei».

Cresceram cada vez mais os desejos que eu tinha de ser santa, e de me adeantar no serviço de Deus, e no dia quatro de Outubro desse mesmo anno de 1758, que era o de S. Francisco, e aquelle em que fazia annos que eu tinha recebido a agua do baptismo, indo no dito dia á barraca que os Frades de S. Francisco da Cidade tinham feito no sitio do Rato, para se accommodarem nella depois do terremoto, visitando a Igreja em que

estava o Santissimo exposto, pondo eu os olhos na Hostia, vi nella esculpida a figura do Senhor e assim a modo de côr sanguinea, parecida de alguma maneira á do Sudario, com differença de mais vermelho no manto, mãos presas etc. E não vi isto imaginariamente senão com os olhos do corpo; mas fiquei tão confundida e perturbada que até tinha escrupulo de dar credito ao que estava passando pelos meus olhos, não obstante não ser rapida a vista disto, porque olhava, via o mesmo, mas o respeito com que por vezes puz os olhos, vendo sempre o mesmo, fazia que logo tornava a baixá-los, e conhecendo que eu não era capaz destas coisas, tinha escrupulo até de assentar que eu vira isto, e assentei vencê-lo, não fazendo caso de tal, e querendo-me persuadir eu mesma que tal não tinha sido, e que a minha vista se teria enganado, e que assim, não era coisa de que eu dêsse conta ao Padrè por escripto, e não lh'a dei, porque [só em pronunciar o que se passou pelos meus olhos me parecia (56) atrevimento, e temia fosse offensa a Deus.

Estando eu um dia conversando com o Conde de Atouguia, de repente me veio á boca dizer-lhe estas palavras: «O' Conde, ora eu já lhe dei cinco filhos para a succesão de sua casa; Você tem boa capacidade para a governar daqui por deante; vae sendo tempo de eu perder a belleza e de Você ficar soffrendo o jugo de uma mulher velha; Você dava-se-lhe se eu fosse para um con-

vento?» Elle em ar serio me disse: «E' fatal despropósito; sim, dava-se-me muito». Eu quando comecei a dizer-lhe aquillo, que repentinamente me lembrou, não foi com total tenção de o fazer, mas no acto que acabei de lhe dizer fiz tenção de ver a resposta que elle me dava, para com ella tomar a minha resolução, mas como me deu aquella não me passou mais tal pela imaginação. Mas como eu o amava muito, cresciam-me tambem cada vez mais os desejos que eu tinha da sua salvação d'elle, de sorte que como naquelle tempo, pela misericordia de Deus, não lhe conhecia vicio algum, *eram as minhas petições continuas a Deus para que m'o salvasse e não lhe punha condições*, dizendo: «Senhor, este homem que eu amo tanto nesta vida, salvae-m'o, seja como fôr, para vos gozarmos ambos na outra, eternamente.» Tinha quasi continuamente este pensamento, e ás vezes passava a parecer-me delirio, porque chegava a levantar-me muitas vezes no dia da cadeira em que estava assentada na minha casa, ia ao oratorio dar este recado ao meu Senhor Crucificado que nelle tinha, dizendo: «Senhor! Salvação do Conde de Atouguia, seja como fôr!» Isto me succedeu vendo-o moço e com boa saude; ao menos não tendo nelle coisa em que lhe temesse perigo, porque só tinha molestia de estomago.

(57) Passado pouco tempo escreveu-me o Padre dizendo-me que como eu lhe pedia o exercicio de

alguma virtude, elle me recommendava o zelo da salvação das almas, e que este me não era improprio, porque não era só reservado aos prégadôres; que todas as pessoas de qualquer estado o podião exercitar; com o conselho e bom modo se podiam evitar muitas offensas a Deus, e que estes bens repartidos por amigos e por pessoas que os necessitassem, supriam o logar de sermões; e que esta era a virtude que elle muito me recommendava que eu tivesse, porque esta todos a podiam ter nesta vida sem serem sacerdotes.

Indo eu dalli a alguns dias a casa do meu tio Obidos, visitar a Condessa, sua mulher, achei com ella seu tio, o Monteiro-mór Velho, e a Condessa de Obidos, deante d'elle, voltando-se para mim, disse: «O' Condessa de Atougua, você quer morrer martyr?» Respondi-lhe que sim. Perguntando-lhe eu a causa, disse-me que andava uma prophesia de que no mez de Janeiro havia de haver em Lisbôa sangue de Martyres, de Fidalgos e Senhoras, ao que a Condessa acrescentou, que se a degolassem que estava prompta para o martyrio, mas que se lhe metessem caninhas pelas unhas, que para esses vagares não sabia se teria constancia. Estivemos alli rindo e brincando com a tal prophesia, mas nem eu soube de quem era nem averigui se nisso havia maior certeza; por certo que me não lembrou que se verificaria em nós, e indo para casa de meus, paes, assim mesmo brincando com a tal novidade os convidei

dizendo-lhes: «V. Ex.<sup>as</sup> querem morrer Martyres?» e depois (58) lhes contei o que me dissera a Condessa de Obidos. Dalli a nada entrou a Duqueza de Aveiro e digo-lhe: «Você quer morrer martyr?» Caindo-lhe lagrimas ella me disse: «Arrengo de tal novidade», e eu rindo-me da sua fraqueza lhe dei uma vaia, dizendo-lhe: «Já sei que você não tem espirito de Martyr», mas isto brincando, sem jámais assentar que a propheta seria certa, e com toda a sinceridade falei nella sem rebuço e não a tomando certamente para nós.

Decorrendo algum tempo depois disso escreveu-me o P. Malagrida a carta de instrucção de cada mez, que se repartia pelas três; esta foi a ultima que nos escreveu. Era formada sobre a eleição de estado e sobre as duas bandeiras, perguntando qual queria seguir e convidando-me para a de Jesus Christo, em que dizia: «Breve penar para eterno gozar». Eu respondi: «A' vista da instrucção deste mez, queira V. Rev.<sup>ma</sup> alistar-me logo na bandeira de Jesus Christo, que com muito gosto escolho, fazendo total renuncia á de Satanaz».

Como estávamos no mez de dezembro de 1758, ainda que o Padre não podia prégar nem confessar, como a sua conversação sempre era de Deus, tinha vontade de o ouvir fallar espiritualmente, já que não podia fazer os exercicios com elle. Como a Duqueza de Aveiro e seu ma-

rido estavam em Azeitão, e eu nunca tinha visto o palacio que elles lá tinham, assim como a casa que o Conde de S. Lourenço, D. João de Noronha, tambem lá possuia, onde costumava ir com o Padre, fui eu mesma fallar ao dito Conde e disse-lhe se me queria fazer o favor de me mandar lá pôr (59) prompta a sua casa, para lá ter o Padre Malagrida, a quem eu queria visitar, e que como a Companhia estava malquista, não queria pedir conselhos se devia lá ir, para que me não dissessem que não, mas que emprestando-me elle a casa para o Padre, eu iria para a dos Duques de Aveiro, meus tios. Como se não repararia que eu os fosse vêr, e dahi podia eu aproveitar-me da vizinhança do Padre, sem que isto se estranhasse em Lisboa, o Conde respondeu-me que mandaria pôr prompta a casa. Fiquei muito contente para avisar o Padre que fosse lá, e indo da minha casa para a da minha irmã, a Marqueza de Alorna que estava doente, encontrei um corcovado, que costumava trazer-me cartas do Padre, quando estava em Setubal. Fiquei muito contente por achar aquella boa occasião de o avisar sem mandar lá um creado. Perguntei-lhe: «Como está lá o Padre?» Respondeu-me o corcovado: «Póde mandá-lo saber a Santo Antão, onde elle neste instante acaba de chegar». Fiquei pasmada, e muito contente de o ter em Lisboa, com tenção de o ir visitar no outro dia de manhã a Santo Antão, e dalli mesmo eu e minha mãe mandámos

a Santo Antão o nosso escudeiro a saber delle, e trouxe por resposta que lhe não fallára e que o Padre lhe tivera mandado dizer pelo P. Diogo da Camara, que não vinha fallar-lhe porque estava em oração pelas nossas casas e familias. Dalli a pouco tempo chegou meu pae e se demorou pouco, porque ia para um baile; minha mãe e eu ficámos alli com a Marqueza de Alorna, minha irmã, e esgotada a conversação pegámos em luzes e começámos a ver as pinturas da sua casa; entre (60) ellas nos demorámos em admirar uma que me lembro era a Agonia do Senhor no horto, muito bem retratada a afflicção do Senhor, sustentado nella por dois anjos. *Ahi estivemos ambas admirando a pintura como bem feita, mas [notámos] que o anjo que confortára fôra só um e que o pintor puzera dois, que era só a impropriedade que tinha o painel, tudo o mais estava excellente ao nosso parecer.* E dahi fomos para as nossas, casas, sem nos vir ao pensamento nenhum mal para nós; eu muito alvoroçada para ir na manhã seguinte visitar o Padre. Assim me deitei na cama, porem sem ter nada andei ás voltas nella e não podia dormir; o Conde de Atouguia tambem, sem estar doente, o senti por vezes acordado e ás voltas; dormiu pouco.

Pelas seis horas da manhã, que era dia de Santa Luiza, a 13 de Dezembro de 1758 nos veio chamar um creado grave, que tinha creado o Conde de Atouguia, chamado Diogo de Moraes,

dizend: «Senhor Conde, acorde, que está a casa cercada desde as tres horas da noite e parece coisa de prisão». O Conde calçou as chinelas e vestiu uma roupa de chambre e sahiu para a casa de fóra. Entrou logo outra vez para o quarto onde eu estava, com um Dezembargador o qual me achou ainda na cama, onde me intimou a ordem que tinha de levar o Conde preso, e que a Rainha D. Marianna Victoria, que então estava governando, me ordenava que ficasse eu tambem presa em minha casa, com toda a minha familia da qual seria obrigada a dar-lhe conta. Eu tinha em casa perto de quarenta pessoas, de que fiquei responsavel.

Recebi a ordem, cheia de respeito, sem nenhum remorso na consciencia de culpa contra ninguem, muito menos contra as Pessôas Reaes, nem contra a Rainha D. Marianna Victoria, a que n eu ansiava, como o meu coração, e lhe tinha uma natural inclinação. Perguntei ao Dezembargador para onde me levava o Conde, e se lhe podia ir de comer da sua casa. Respondeu-(61) me que ia para a Quinta do Meio e que ao mais me mandaria a resposta. Saindo para a casa de fóra e ficando eu só com o Conde, disse em alta voz: «Oh, Virgem Santissima, socorrei-me!» e o Conde me disse estas palavras: «Condessa, não se afflija, porque não sei o que isto é, mas não pode ser coisa que valha» e saindo para a casa de fóra, assim mesmo despido, disse ao ministro

que elle estava prompto para ir preso e obedecer em tudo a El-Rei. O ministro lhe respondeu que podia ir para o seu quarto vestir-se, para ir com toda a decencia, e indo com elle para este fim foi tambem logo á sua papeleira, para lhe ver os papeis em que não achou nada mais que o dinheiro que o Conde tinha para governar a casa, do qual (o Conde) tirou oito moedas que levou na algibeira, e o mais me mandou, dizendo-me que desejava ter muito que me deixar, mas que deixava tudo quanto tinha, e acabado de vestir, disse ao Ministro, que estava prompto para partir. Este lhe perguntou se queria tornar ao meu quarto para se despedir de mim, ao que o Conde lhe respondeu que se não atrevia a pôr os olhos na minha afflicção, e partiu, ficando a casa toda cercada de soldados; e o dinheiro que tinha e me deixou seria o que bastasse para acabar as despesas daquelle mez em que foi preso. Assim que elle partiu me disseram que o Ministro que o prendeu trazia na mão duas pistolas, que escondeu quando entrou na minha casa, sendo movel bem escusado para intimar a ambos uma Ordem Regia, porque esta infunde mais respeito aos vassallos honrados do que quantas armas de fogo possam haver.

(62) Immediatamente depois da partida do Conde de Atougua me disseram que meu irmão, o Marquez de Tavora, Luiz Bernardo, que morava perto de mim tinha tambem ido preso e que a

sua casa estava tambem cercada de soldados, que á mesma hora que deitaram cêrco á minha, o puzeram na delle. Pedi papel e tinta para escrever a meus paes; dando-lhes a noticia que o Conde tinha ido preso, lhes ocultei ser eu quem lhes dissesse que meu mano tambem tinha ido preso, porque sendo as prisões tão publicas não faltaria quem lh'as dissesse; só lhes disse que me tinham levado o Conde sem eu saber porque, e que só sabia que fôra para a Quinta do Meio, e que tambem estava presa em casa e com ella cercada de tropa, que lhes pedia viessem ter comigo para com mais acêrto me aconselharem nas diligencias que devia fazer.

Quando chegou o meu escripto a meus paes, ainda elles não tinham cêrco em sua casa, immediatamente se metteram na carruagem para virem para a minha casa, mas as tropas que guarneciam os caminhos della não os deixaram passar, por cuja razão foram para casa da minha tia Condessa da Ribeira, e meu pae, deixando alli minha mãe, foi direito ao Paço e mandou dizer a El-Rei D. José, que via a novidade de se lhe prender toda a sua familia, que não sabia a razão, mas que ia saber se Sua Magestade queria tambem delle alguma coisa, ou se o quêria preso, que nomeasse a Torre ou prisão em que o queria, que elle mesmo iria metter-se nella.

O Marquez de Pombal, que lá encontrou meu pae e lhe ouviu este recado, disse-lhe: «Senhor,

sinto a sua infelicidade» e dalli mesmo o mandou preso para a mesma parte dos outros dois; (63) e quando lhe mandaram tirar a espada por D. Luiz da Cunha para o levar preso, elle lhe disse: «Aqui a entrego a Sua Magestade com a mesma honra com que sempre a trouxe á cinta» e foi para a prisão; porem D. Luiz da Cunha logo começou a tratá-lo com muita grosseria, o que lhe foi muito sensivel. Minha mãe pediu carruagem a minha tia Condessa da Ribeira para se ir pôr em casa, a qual achou já cercada de soldados, e meu irmão José Maria de Tavora já preso; porque quando meus paes sahiram para fóra com tenção de irem para a minha casa, elle ficou primeiro almoçando na de meus paes, onde assistia, depois foi mesmo a pé para a minha casa por aquellas terras do Rio Sêco; no caminho encontrou as tropas que iam deitar o cêrco á de meus paes, e perguntando-lhes se aquillo era tambem com elle, responderam-lhe que sim; foi preso para onde estavam os mais. Minha mãe teve tambem ordem de ficar presa em sua [casa] e a sua familia; porem minha mãe sempre teve guardas á vista, e eu só as tinha á porta.

Como se ia já fazendo muito tarde, e eu sabia que estes e meu tio José Maria de Lorena estavam todos juntos na mesma casa, e me não vinha o promettido aviso do Dezembargador, se o comer havia ou não ir de casa, resolvi mandar nesse dia de jantar com toda a decencia da

minha casa, e que chegasse para todos; mas eram seis horas da tarde quando lá chegou, e como o aceitaram, avisei a minha mãe do que tinha feito, e ella na suposição que os conservariam juntos ajustou de um dia eu o mandar para todos, e outro dia ella o mandaria, e que conservassemos esta alternativa. Porem no dia seguinte minha mãe mandou de almoçar, o que já lá não aceitaram, porque naquella (64) manhã os tinham separado a todos e mettido cada um em seu carcere.

Pela uma hora da tarde desse mesmo dia, chegando minha mãe á janella e avistando uma partida de cavallaria, disse: «Quem será o miseravel a quem ella vai buscar?» porem dentro de poucos instantes viu que era para ella, e me escreveu dizendo: «Agora chega o Dezembargador João Marques Bacalháo com ordem de Sua Magestade para me levar para as Grillas; faze da minha parte este aviso ás tuas irmãs e cunhada; se nos não tornarmos a ver nesta vida, seja na presença de Deus. Tua mãe que sempre te amou e amará». Quando minha mãe recebeu o decreto para a sua partida para as Grillas, poz-se de joelhos, e, pondo o decreto no alto da sua cabeça, disse ao Dezembargador que ella agradecia a Sua Magestade dar-lhe meios tão seguros para se salvar, e partiu.

Vendo-me assim destituída de tudo quanto mais amava neste mundo, faltando-me a com-

municação do Padre Malagrida, porque nesse mesmo dia foi posto o cêrco de tropa aos Padres da Companhia, eu comecei com mais força a pôr em execução tudo quanto elle me tinha ensinado na sua santa escola, e oferecendo a Deus tudo quanto então estava passando, perdoando aos inimigos tão horrendos damnos e testemunhos, e tudo quanto era preciso para a salvação em tão exorbitante trabalho.

Começou-se logo o sequestro em tudo que era de casa de meus paes, e dahi a pouco veio tambem ordem para se fazer em todos os bens moveis e de raiz do Conde de Atouguia. Eu, assim que me vi privada delle, não fiz mais caso da bagatella dos outros bens que me queriam sequestrar, ainda que fosse tudo quanto tínhamos. Com todo o despêgo dei ao sequestro não só tudo quanto o Conde tinha de seu, mas até o dinheiro que me tinha deixado para comer; e disse ao Ministro que lh'o entregava, e que depois disso pedia a Sua Magestade me dêsse uma esmola para me sustentar e a minha familia presa.

Como fiquei sem nada do Conde, naquella noite me serviu de castiçal para pôr a vella que me alumiaava uma garrafa destas ordinarias de vinho, porque não tinha outra coisa. Não tinha nada para comprar de cear, de sorte que naquella noite me mandou a Marqueza de Tancos por caridade um sacco de pão, dois piruns e um

presunto; porque como tudo me tinham levado e não vinha a esmola que eu, estando presa pedia a El-Rei, vi-me em termos de morrer de fome, com os meus cinco filhos, de que o mais velho tinha dez annos, e as quarenta pessoas presas da familia que tinha em casa. Isto succedeu só a mim, porque á Duqueza de Aveiro, quando lhe sequestraram na mesma occasião os bens do seu marido, lhe mandaram dar três moedas cada dia para se sustentar e a sua familia, em quanto não foi para o Convento do Rato.

Como no aviso para o sequestro do Conde de Atougua que por escripto me mostrou o Ministro, não fallava em sequestrar os meus bens, eu os não dei naquella occasião, e valendo-me então da prata do meu toucador, que parte se tinha derretido pelo terremoto, mandava todos os dias vender desta prata porção que bastasse para naquelle dia eu, meus filhos e familia comermos; isto é, comiamos unicamente sôpa, arroz e vaca, até ver se me vinha o soccorro que pedi a El-Rei. Em logar d'elle me veio uma grande reprehensão do seu Ministro, mandando-me dizer pelo Dezembargador Affonso da Silveira, executador do sequestro, homem de bom coração e em quem eu conhecia a (66) violencia que fazia em ser mandado a tal diligencia; com as lagrimas saltando pelos olhos me disse que dando parte a Sebastião José de Carvalho, da exactidão com que eu dera todos os bens do Conde de Atougua ao sequestro,

ficando sem nada delle, nem mesmo o que me era de absoluta necessidade, elle lhe respondera que eu nisso fizera bem, mas que obrara muito mal em não entregar egualmente ao sequestro o que era meu, e logo o fizesse; porem esta ordem não era por escripto, era vocal. Eu logo peguei em seis diamantes muito bons que tinha salvado do fogo do terremoto, e que havia poucos dias que eu tinha ido enfeitada com elles á casa do dito Sebastião José, e os entreguei ao Desembargador com as mais coisas do meu uso de roupa branca, vestidos etc; só não entreguei a prata que restava do meu toucador, porque concebi que a ideia seria matar-nos alli todos á fome; portanto dalli fui comendo como acima digo. (\*) Entre toda esta afflicção, um rendeiro do Conde de Atouguia que não obstante o Conde lhe dever dinheiro e de o ver a elle já sem nada e a mim tambem, fez esta guapissima acção de vir a minha casa ver-me; e quando viu as minhas tristes

---

(\*) Num papel á parte; intercalado no manuscrito do sr. Conde de Bertiandos, vem o trecho que segue, que pela linguagem e estilo deve ter pertencido certamente ao original.

«Assim que me vi sem nada começaram os desenganos deste mundo a crescer, porque as minhas creadas, que eu cuidava eram mais minhas amigas se despediram do meu serviço e se queriam ir embora, sendo a primeira a minha aia, que me tinha creado, o que me causava grande afflicção não poder condescender com ellas pela ordem que tinha de dar conta de todas. Os creados não foram assim e todos

circunstancias, abriu a sua bolsa, em que só tinha doze mil oitocentos, e m'os deu para eu não morrer de fome, dizendo que sentia não ter alli muito para me deixar, porem que me dava quanto tinha. Respondi-lhe que a duvida que eu tinha em lhe aceitar era que me via já sem nada para lhe pagar. Respondeu-me que não importava e m'os deixou.

Logo que se prendeu o Conde e que eu não podia consultar o P. Malagrida nem pedir-lhe conselho sobre as minhas penitencias, as acrescentei sem elle, e não dormi mais em cama mas sim no chão, na taboa della sem colchão; o comer alem de não ser (67) outro do que acima disse, desse mesmo escolhi o peor, até que veio a minha casa um frade de S. Francisco confessar-me, chamado Frei João da Graça, a quem algumas vezes eu antecedentemente tinha-me confessado por varias vezes: prohibiu-me absolutamente que dormisse na taboa, e só me permittiu que dormisse

---

*elles me mostraram grande affecto, e um hospede fez proezas de caridade commigo, porque podendo-se ir logo embora por não ser creado, disse-me que por isso mesmo me não queria deixar, e que, como estava solto e podia sair fora, o queria fazer para me servir em tudo, e o fez. Era homem muito nobre, irmão de um creado meu e se chamava Estevam Caldeira».*

Chamo a attenção do lictor para o epitheto *nobre* dado ao irmão dum creado, é que D. Marianna reconhecia foros de nobreza ao coração.

vestida, mas sobre o colchão, e tambem me disse que segundo o estado e as disposições em que achava a minha alma, se fôra meu director me daria naquella occasião a Communhão todos os dias. Então lhe contei da permissão que tinha do meu director para a receber quatro vezes na semana, de que não tinha aproveitado senão duas, mas que agora a faria das quatro, como de facto fiquei fazendo, durante o tempo que ainda estive em casa, e nella me occupava em oração e lição espiritual, entregando-me em tudo a Deus, a quem rogava por todos, e tudo isto offerencia a Nossa Senhora pelos meus presos, e pela sua salvação.

Numa daquellas tristes noites me succedeu um caso muito estranho, e que até agora não sei o que foi. Deitando-me em uma noite sobre o colchão, como costumava, senti sobre mim um peso que parecia me esmagava, e a este se seguiu um tormento em meu corpo, que com unhas de ferro me era despedaçada toda a carne delle. E não sei se Nosso Senhor repartiria comigo nesta forma as dôres dos tratos que, me diziam, o Conde estava levando, assim como os mais companheiros, por que, escrevendo isto, me lembro, que dando-me grande cuidado o temor que lhe faltasse a paciencia para os supportar, ou que nelles desesperasse e lhe prejudicasse a sua salvação, pedia a Nosso Senhor que lhe diminuísse antes a elle as dôres e m'as dêsse a mim,

para as soffrer por seu amor; só as tive aquella noite, mas foi coisa horrorosa, e não foi em sonho, porque me parece estava acordada, (68) mas não vi quem me dava aquelle tormento; nelle chamei por Nosso Senhor, quem me valesse, e dahi por deante rodeava a minha cama com agua benta antes de me deitar. Depois do Conde ir para a prisão algum tempo lhe foi de casa roupa branca que lá aceitaram, e pediam vellas: depois de se fazer o sequestro nunca mais quizeram lá roupa branca, e só pediram as vellas, que sempre as mandei em quanto me deixaram em minha casa por isso mesmo é que eu fazia ideia do carcere ser muito escuro, porque se pediam para todo o dia.

Quando me vinham os portadores uns atraz dos outros dizer: «Já se arremataram as bestas, agora levaram a prata, já não ha carruagem,» eu tinha na memoria toda a carta de instrucção das calamidades de Job, para dizer com elle: «Deus o deu, Deus o tirou: louvado seja tão bom o Senhor». No meio de toda esta afflicção appareceu-me um pintor, meu conhecido, que me trazia uma carta do P. Malagrida; trouxe-a mettida nas costas, entre a camisa e a pelle, e assim passou pelas guardas da casa e as de Santo Antão; porque ainda não havia a prohibição da pena de morte, que se estipulou muitos mezes depois, para não se escrever aos Padres da Companhia nem tratar com elles, mas eu com a familia toda

presa não tinha por quem escrever ao Padre, nem elle a mim, e de tudo se fazia um crime que podia perder o homem. Nesta tal cartinha me dizia o Padre que esperava que depois de tantas instrucções suas, eu estivesse firme, resignada e constante nesta grande prova que o Senhor queria fazer do meu amor; e que remetteste a minha mãe a carta que vinha junta, o que não pude fazer por não ter modo de lh'a introduzir nas Grillas; portanto tornei a mandá-la ao Padre, mas do modo com que elle me escreveu, logo eu temi que o mundo estava para mim acabado.

(69) No dia 4 de Janeiro de 1759; que era a oitava dos Innocentes, e em que fazia três mezes justos que eu tinha visto na Hostia o que já relatei, me entraram pela porta dentro dois Dezebargadores que tinham vindo em seges do Paço, e me intimaram a ordem de Sua Magestade para me levarem naquelle dia para o Convento das Religiosas de Sacavem com a minha filha Leonor de Atayde, e que meus dous filhos D. Luiz e D. Francisco de Atayde fossem para o Convento de Rilhafoles. Perguntei que faria com a minha filha Clara e meu filho D. Antonio que tinha 16 mezes de idade e ainda mamava na ama. Respondeu o Dezebargador João Pacheco, que era o que veio levar-me para o Convento que fossem tambem estes dois, de que se não sabia, para o Convento. Repliquei dizendo que sendo Antonio rapaz, se havia de crear entre

Religiosas de tão austero Instituto. Respondeu-me que sim. Representei igualmente que indo eu com três creanças tão pequenas para aquelle logar, sem uma creada, que ainda que eu lhes fizesse o serviço que pudesse, não deixava de dar algum incommodo ás Religiosas. Acudiu o Dezembargador Eusebio Tavares, que veio buscar os meus filhos, dizendo ao outro, que a minha petição era muito justa, e me deviam conceder que levasse uma creada, qual eu quizesse. E nomeando eu uma, que era aia de Leonor, a tal creada, com todo o desembaraço disse que ella era muito moça e se não queria sujeitar a ir para um convento tão apertado; ao que o tal Pachêco respondeu que não importava, que iria ainda que não quizesse. Eu lhe pedi que não fosse assim, por que já que me via sem nada para premiar a minha familia, não queria que se lhe fizessem violencias e (70) representando eu que tinha uma china que creava da idade de oito annos e que por não ter pae nem mãe, nem parentes, eu pedia a Sua Magestade que a não desamparasse, a ama que creava o Antonio lembrou aos Ministros que ella podia ir visto ter muito geito para lidar com creanças, porem como ficaram indecisos, e para dar parte do que se queria nesta materia, não foi logo comigo; e por consequencia era tempo de eu ser a que partisse para obedecer a ordem que tinha, e como a gente que ia era mais do que vinha no rol da partida, faltava uma carriage<sub>m</sub>

Entrando-se em duvida onde havia de ir a minha segunda filha Clara, que ainda não tinha quatro annos completos, sendo o Dezebargador João Pachêco muito grosseiro no seu modo, eu temi não se resolvesse elle a ser quem levasse a minha filha comsigo, por cuja razão soltei eu esta duvida, dizendo-lhe que as minhas filhas, onde iam com mais decencia, era na mesma carruagem comigo, e não duvidando elle disso, eu lhe pedi licença para levar comigo os livros Espirituaes que andava lendo, que eram parte das obras de Frei Luiz de Granada, e para ir ao meu oratorio despedir-me do meu Senhor Crucificado; e pondo os olhos nelle, e em minha Mãe Santissima levando pela mão os meus dois filhos, que me tiravam, aos pés da mesma Senhora Lhe pedi, m'os amparasse e os tomasse á sua conta como filhos seus.

Então tornando com elles para irmos para onde Sua Magestade nos destinava, e para nos separarmos, indo o mais velho ainda mal convalescido de uma grande doença que tinha tido, nos mettemos nas carruagens, deixando a minha familia numerosa presa e sem socorro algum para comerem, porque até mesmo no dia em que partimos lh'o não deram.

A graça de Deus me (71) socorreu com tanta força neste triste lance que me senti com uma desusada constancia e fortaleza, entregando-me toda a Deus, servindo de consolação a lembrança

de que chegando Sua Magestade a tirar-me de minha casa, me mandasse para um Convento da Religiosas, que tinham sempre lá dentro do côro o Santissimo Sacramento. E ainda que no dito Convento não conhecia nem uma só pessoa, podia lá adorar o Santissimo Sacramento a todo o instante; este bem me pareceu tão grande, que supriu toda e qualquer outra falta de conhecimento, enxugando-se os meus olhos das continuas lagrimas que delles corriam, desde a hora em que prenderam o Conde.

Assim cheia de fortaleza, á vista dos dois Ministros e de muita tropa, que cercava a minha casa, e da partida de cavallaria com o official, que vinha conduzir-me, em voz alta disse aos meus dois filhos Luiz de Atayde e Francisco de Atayde: «Vocês teem melhor Mãe, que é Nossa Senhora, a quem roguei os aceitasse como filhos; Deus os faça mais ditosos do que seu pae e avós, mas basta que sejam tão honrados como elles, e tão fieis a Sua Magestade como elles sempre foram». E mettendo-me na carruagem com as minhas duas filhas, e a ama com o Antonio, em uma sege, que tinha sido minha, e que já me tinham sequestrada mas que eu lembrei que se podiam servir della, visto estar na cavalhariça ainda, e assim deste modo, levei comigo mais aquelle filho, arrancando-me elles só os dois maiores; fomos todos juntos com os dois Ministros, e uma partida de bastantes soldados, para com estas forças (72) e apparatus se guardar

uma infeliz mulher, com cinco filhos creanças.

E como a carruagem em que ia era a primeira desta nada pomposa procissão, quando cheguei á ponte de Alcantara, mandei parar, para me encomendar a S. João Nepomuceno, cuja protecção eu tanto necessitava; veio-me logo uma reprehensão do Ministro, dizendo-me que não parasse no caminho por devoções, porque tinha ordem de me levar direita ao Convento, não obstante eu não ter torcido nada do caminho. Vindø de Santo Amaro para Sacavem era caminho direito, assim como o do Livramento, onde tinha feito tambem tenção de parar, e mesmo á porta rezar a Nossa Senhora e lhe pedir me valesse: mas para não levar terceira reprehensão por estes avaliados defeitos, com grande magua minha passei pelo Livramento sem parar, porem sendo por isso mesmo mais fortes os rogos que no meu interior fiz á mesma Senhora. Continuámos na nossa marcha todos até o Campo de Santa Anna, onde me separei dos dois filhos, que ficaram em Rilhafóles, proseguindo eu para deante a minha viagem, mas no dito sitio ainda que não chorei, quando vi a divisão deste resto de infeliz familia, senti na minha natureza um golpe tão terrivel, que me parecia se me arrancava o coração; mas tudo passou no interior, conservando no exterior a minha fortaleza começada, sem deitar uma lagrima. Continuando assim o caminho para Sacavem com os dois filhos, assim que de longe

começámos a avistar o Convento, (73) Leonor que tinha seis annos de idade começou a chorar muito, e eu, parecendo-me que eram saudades de sua aia, a quem ella era muito pegada, e não achando com que lh'as tirar, ao menos pretendi moderar-lh'as, dizendo-lhe que a sua aia lhe não merecia tantas lagrimas por que ella *mesma a quizerá deixar e não vir com ella, e que assim devia enxugar as suas lagrimas*, e com esta razão que a menina accitou consegui callá-la.

Chegámos ao Convento á hora das Completas, e antes de entrar para dentro me lembrou que tinha algumas dividas pequenas, que, como as ia pagando em quanto tinha a minha casa, que as não deixára declaradas. E dizendo eu ao Dezembargador que eu não era creança, e que como tinha estas dividas que não declarára e não sabia as ordens com que ia para alli, nem o tempo que alli estaria, desejava papel e tinta para as declarar antes de entrar, respondeu-me elle que não tinha ordem alguma apertada, senão só de ir para aquelle logar, e que seria por poucos dias.

Assim que entrei para dentro, puz-me de joelhos e beijei a mão á Prelada, como sua subdita, e vendo-a a ella e ás freiras chorar, lhe disse muito firme e enxuta que não chorasse porque eu ia áquelle santo logar consolar-me; e perguntando-lhe que ordens havia alli a meu respeito, respondeu-me que para não tratar nem escrever a pessoa alguma de fóra; assim

me vi preza em Sacavem como traidora sem o ser.

E para triumpho da Graça de Deus que é quem pode tudo, e para o credito da doutrina que me tinha dado o Padre Gabriel Malagarida da Sagrada Companhia de Jesus, digo que quando me levantaram este horrendo testemunho, havia quatro annos que eu ouvia a sua santa doutrina, de que três fui formalmente sua dirigida (74) e pela sua direcção, ajudada da graça de Deus, nos ditos três annos, até o dia em que entrei em Sacavem, não tinha peccado venialmente com advertencia, por cuja razão não achei improprio commungar três vezes na semana, e no dia que El-Rei levou o tiro, pela manhã, que era no domingo, tinha eu ido confessar-me á Barraca do Rato dos frades de S. Francisco, que bem prova a minha innocencia no dito caso, porque era uma antecedencia nada propria para um delicto tão horroroso; e havendo três annos que eu não commettia peccado venial com advertencia concorreria eu para um tão mortalissimo! Louvado seja Deus, que nem eu, nem meu marido, nem meus paes, nem meus irmãos, soubemos de tal, e que se padece-mos, todos fomos innocentes.

Fechada a porta do Convento e fechada eu nelle, soube que o Dezembargador João Pachêco que para lá me levou, foi deixando ás Religiosas este pregão: «Ahi fica a Condessa de Atouguia; melhor fôra que sua Magestade em lugar della lhes mandasse a V. R<sup>as</sup> cinco moios de trigo.»

# INDICE

---

---

- Adriano (Fr.) 1.  
Afonso da Silveira 78.  
Alorna (marquesa de) 70, 71.  
Angeja (marquês de) D. Pedro 48, 62.  
Angeja (marquês de) 36, 53, 64.  
Antonio (D.) de Atayde 57, 62, 83, 84, 86.  
Antonio (Fr.) de S. Boaventura 3.  
Antonio (Fr.) da Graça 7.  
Antonio Caldeira 62.  
Atouguia (Conde de) D. Luiz 11, 23, 24.  
Atouguia (Conde de) D. Jeronymo 6, 8, 11, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 24, 38, 45, 51, 57, 61, 66, 67, 71, 72, 77.  
Aveiro (Duquês de) 69, 70, 78.  
Bahia (Vice rei da) 11, 24.  
Clara (D.) de Atayde 57, 83, 85.  
Diogo da Camara (P.) 71.  
Diogo de Moraes 71.  
Estevam Caldeira 80.  
Eusebio Tavares 84.  
Francisco (D.) de Atayde 15, 57, 83, 86.  
Francisco de Tavora 19.  
India (Vic erei da) 13, 25.  
Ignacio (Exercicios de S.) 30, 35, 37, 39, 41, 47, 49, 55.  
João V (D.) 13.  
João (Condessa de S.) 8.  
João Baptista (P.) 61.  
João Pereira 62.  
João de Noronha (D.) 70.  
João Marques Bacalhão 76.  
João de Graça (Fr.) 80.  
João Pacheco 83, 84, 89.  
José I (D.) 13, 16, 17, 48, 50, 60, 63, 65, 74.  
José Maria de Lorena 74.  
José Maria de Tavora 48, 61, 74.  
Leonor d'Atayde (D.) 42, 43, 57, 83, 88.  
Lourenço Fr. (bispo do Algarve) 2.  
Lourenço (Conde de S.) 70.  
Louriçal (Marquês de) 7, 61, 64, 65.  
Louriçal (Marquês de) 64.  
Luiz de Atayde (D.) 8, 57, 83, 86.  
Luiz de Cunha (D.) 74.  
Malagrida (P. Gabriel de) 1, 30, 36, 37, 39, 40, 47, 49, 50, 66, 67, 69, 70, 77, 80, 82, 89.  
Marianna Victoria (D.) 11, 25, 72.

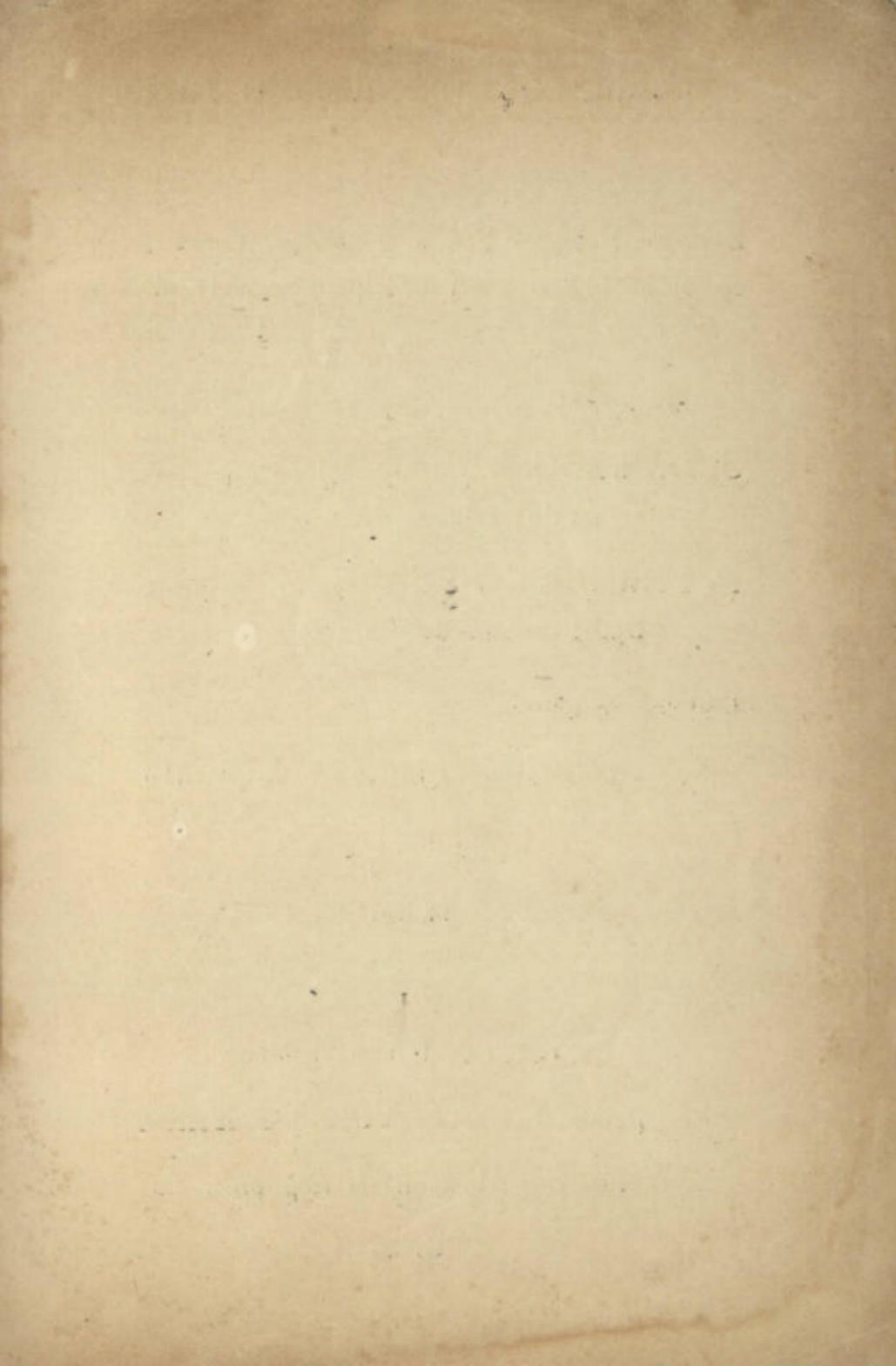
## INDICE

- Nieremberg (P. Eusebio) 41, 43.  
Obidos (Condessa de) 68.  
Pedro Teixeira 62, 64, 65.  
Pombal (Marquês de) 44. *Vi-  
de Sebastião José.*  
Ponte de Lima (Visconde de)  
63.  
Rainha de Castella 63.  
Ribeira Grande (Conde da) 29.  
Ribeira (Condessa da) 29, 55,  
74.  
Ribeiro (P. Manuel) 3.  
Rosa d'Atayde (D.) 54.  
Sebastião José 47, 78, 79,  
63.  
Sunda (Rei de) 14.  
Tancos (Marquês de) 77.  
Tavora Marquês, (filho) 73.  
Tavora Marquês de) 25, 42,  
63.  
Tavora (Marquês de) 26, 28,  
42, (*passim com a desi-  
gnação de «minha mãe»*).



H. G.  
28671 / 1





## Publicações recentes do auctor

---

**S. CECILIA** — *Virgem e Martyr*. Estudo historico, archeologico, e artistico, profusamente illustrado.  
Preço, 500 réis.

No prelo:

**S. DAMASO I.** Aponlamentos sobre o estado actual dos estudos damasianos.

**P. FRANCISCO SUÁREZ**, (*Doutor eximio*).  
Breve resenha da sua vida e obras.

Pedidos ao editor

**Livraria Magalhães & Moniz**

Largo dos Loyos, 14

PORTO

---

Preço deste livro 400 réis

Pedidos ao editor **Villela & Irmão**

*Rua dos Martyres da Republica, 83*

BRAGA